

J. M. DE MACEDO

VICENTINA

I



LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

VICENTINA

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

TOMO I

NOVA EDIÇÃO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

VICENTINA



O VIAJANTE

No dia 22 de junho de 1847 ia subindo por uma das estradas mais intransitaveis do norte da provincia do Rio de Janeiro um joven cavalleiro que á mais simples observação dava a perceber que era moço da côrte, e não affeito a fazer viagens pelo reconcavo.

Muito embora viajasse em um mez de inverno, o sol estava ardente, e elle escolhera para se pôr a caminho as horas mais calmosas do dia, pois que não podia ser menos de duas da tarde.

Não era esse mancebo de máo parecer : deveria contar quando muito vinte e sete annos; era franzino e alto, de cabellos louros, olhos azues e

vivos, boca pequena, mãos e pés delicados; tinha a tez muito clara, e o sol havia tornado então seu rosto redondo todo côr de rosa; parecia emfim em seus modos e esgares esperto, leviano e de humor alegre.

Vinha vestido de fraque de alpaca côr de cinza, collete de merinó verde-escuro, lenço de seda encarnado ao pescoço, e calças de ganga amarella: depois de toda esta mistura de côres, calçava luvas de pellica branca já meio-rotas por entre os dedos, e botins envernizados, dos quaes um sómente merecia a honra de trazer esporim, restando apenas do outro o signal do que já estivera encravado no botim. Ah! chegamos aos pés antes de ter fallado da cabeça do viajante; emendaremos o nosso erro declarando a unica cousa que sabemos d'ella: estava coberta com um chapelinho do Chile, que serviria para tudo n'este mundo, menos sómente para defendel-a dos ardores do sol.

Não condizia porém com o mancebo o cavallo em que montado vinha: era um mouro alto, ossudo e magro, cuja mais eloquente recommendação estava em um circulo ensanguentado, que se lhe via no ventre e do lado do unico esporim do

cavalleiro, e cuja mais decidida disposição era empacar de fronte de todas as tabernas, como para ver se forçava o cavalleiro a se chegar a ellas, o que, seja dito em amor da verdade, não dava muito boa idéa do sujeito, que o cavalgava, ou d'aquelle que lhe havia facilitado semelhante animal.

O sol continuava ardente, e a estrada cada vez mais solitaria. Não se ouvia o canto de uma ave, nem á beira da estrada voava o mais pequeno passarinho; as arvores e as tenues hervinhas com suas folhas immoveis demonstravam que não soprava a mais leve aragem : tudo era silencio, e apenas de longe em longe esse silencio sentia-se quebrado pelos gritos de algum tropeiro, e pelo chocalhar das bolsas que traziam as bestas da tropa.

A viagem deveria tornar-se para o pobre moço mil vezes mais incommoda ainda pela qualidade do cavallo em que vinha montado : o mouro era ao mesmo tempo o prototypo dos sendeiros e dos ronceiros.

Dizem que ha cavallinho que chega a vencer tres leguas em uma hora; pois o mouro contava-se com o inverso d'isso, e quando mais fustigado

era, chegava a vencer tres horas em uma legua.

Dava o mancebo cincoenta esporadas umas sobre outras no gigantesco animal; mas além do trote habitual, lucrava apenas duas ou tres empinadas muito desenxabidas.

Como que profundamente convencido de que nada tinha a ganhar impacientando-se, o joven viajante soffria todos esses contratempos quasi com indifferença, e se ás vezes esporeando o cavallo clamava em alta voz :

— Anda, diabo! ronceiro! caixa d'ossos!... quasi ao mesmo tempo começava tambem em alta voz a declamar pedaços de tragedia, ou a cantar romances e arias das operas ouvidas no *theatro italiano*.

Em uma d'essas veias de entusiasmo theatral ficou o nosso viajante tão possuido do que cantava, e do poder de sua propria voz, que deixou cahir as rédeas no pescoço do impagavel mouro, o qual, bem que o cavalleiro-dilettante lhe batesse insensivel mas furiosamente o compasso com o esporim, parou á sombra de uma frondosa arvore, emquanto o mancebo bradava cantando enfurecido, e como possesso :

Trema, proterva Saffo,
Gia tutto l'odio mio ti stá sul capo!
Epper come la vidi
Ippia nó, d'abborrirla io non prevedidi!

Uma estrepitosa gargalhada interrompeu o joven viajante, que viu diante de si um homem vestido rudemente de calças de algodão de côr, arregaçadas até acima dos joelhos, pés no chão, jaqueta atada a tiracollo, chapéo desabado na cabeça, e foice de comprido cabo na mão.

O mancebo não se deu por offendido, e adivinhando que tinha a seus olhos o feitor de alguma lavoura visinha, dirigiu-lhe immediatamente a palavra.

— O Sr. sabe me dizer se vou seguindo a estrada que vai ter á fazenda do *Rio-Claro*?

— Senhor sim; respondeu-lhe o homem.

— E ainda fica muito longe d'aqui?...

— Qual!... é ali : tornou-lhe o sujeito voltando-se para traz, e estendendo um pouco o labio inferior : anda ahi por obra de legua e meia, mais braça, menos braça.

— E o caminho tem que errar?...

— Qual!... é sempre direito : em descendo o morrete vermelho, toma-se á esquerda, adiante

logo tem uma encruzilhada e quebra-se á direita, depois no matto dos quilombos cahe-se pelo caminho da mão esquerda e defronte do sitio das encomendas vai-se pelo da direita... é sempre direito.

— Mas onde diabo é o tal sitio das encomendas?...

— Oh, homem!... é o sitio do Capitão-mór.

— Meu amigo, estamos na mesma.

— Qual!... é sempre direito.

— Quem?... o Capitão-mór?

— Qual!... o caminho, homem.

— Ah! entendo; então o Sr. é d'este lugar?

— Senhor sim.

— Pois, meu caro, não o quero incomodar mais; no entretanto, e por despedida, faça-me a esmola de experimentar o peso e a fortaleza do cabo da sua foice nas ancas do meu cavallo.

— Olhe que eu arrumo-lhe devéras!

— Sem dó, nem piedade, que é alugado : fogo n'elle!

O feitor levantou o cabo da foice com as duas mãos, e applicou, com toda a força herculea de que dispunha, quatro bordoadas na anca do mouro, que só depois da terceira, soltou um ge-

mido, e começou a trotar, como costumava.

— Qual!... exclamou o camponez saltando nova gargalhada : elle não chega lá hoje!

O mancebo sem se enfadar com o que acabava de ouvir principiou a declamar a scena final de *Antonio José*, até que depois de meia hora de trote habitual do mouro, encontrou outro camponez, e fez-lhe a mesma pergunta, que fizera ao primeiro.

— O Sr. tem a bondade de me dizer se vou seguindo a estrada da fazenda do Rio-Claro?

— Tal e qual.

— E ainda é muito longe d'aqui?

— Está pertinho : é ali, respondeu o camponez voltando-se para traz, e fazendo igual distensão do labio inferior, como o primeiro : olhe, com as voltas do caminho é obra de duas leguas.

— Peior! pensou comsigo mesmo o mancebo : depois de meia hora de marcha, em vez de diminuir, cresceu a estrada meia legua mais!

Ainda meia hora de insupportavel trote do terrivel sendeiro, e no fim d'ella novo encontro, e a mesma pergunta.

— Estarei muito longe da fazenda do Rio Claro, meu amigo?...

— Nada : ao muito... ao muito... hão de ser tres leguas d'aqui até lá.

O mancebo não pôde conter um movimento de impaciencia :

— Dar-se-ha por ventura, exclamou elle, que este maldito esqueleto de cavallo esteja ha hora e meia andando para traz!...

Começava então o pobre viajante a sentir um novo incommodo, que era o unico capaz de exasperal-o : o estomago principiava a dizer-lhe muito francamente, que havia 8 horas bem longas não recebia materias para digerir ; ora o estomago é como as crianças malcreadas, que não socegam enquanto não se lhe faz a vontade.

E o caminho cada vez a alongar-se mais!... e o sol a arder!... e o mouro a trotar á força de mil esporadas!...

Emfim, achou-se o nosso viajante na encruzilhada de que lhe fallára o primeiro campones : esteve pensando durante algum tempo sobre a estrada que deveria seguir entre as tres que tinha diante dos olhos ; pois que nada havia podido concluir d'aquella explicação toda cheia de — quebra-se á esquerda, cahe-se á direita, e é sempre direito — do tal homem das risadas : por

ultimo e depois de muito pensar inutilmente, deitou as rédeas sobre o pescoço do mouro, e esporeando-o com toda força, entregou-se ao instincto do cavallo. O animal tomou a estrada que lhe pareceu, e foi seguindo.

Já a esse tempo não deveria faltar muito para as quatro horas da tarde.

A estrada, por onde acabava de tomar o mouro, a principio larga e muito bem conservada, se foi pouco a pouco estreitando e subdividindo-se em um sem numero de carreiros, pelos quaes se emmanhou o incauto viajante, e por tal modo, que no fim de uma longa hora de marcha esbarrou-se de repente com uma roça de milho.

O pobre moço soltou um profundissimo suspiro, e passou duas ou tres vezes a face palmar da mão por sobre o estomago, lembrando-se de que n'aquella conjunctura não tinha outro remedio senão voltar; pois era evidente, que havia errado o caminho. A fome o devorava: a boa meia hora, que já se não achava com animo de cantar, nem de declamar; porém, que partido tomar, senão, como vulgarmente se diz, fazer das tripas coração?...

Deu por tanto de rédea ao mouro para voltar, e

enterrou-lhe furioso o esporim no ventre; mas o cavallo, que alguma vez havia de mostrar que alguma cousa era n'esta vida, tomou o freio nos dentes, e de um salto saltando a cerca que fechava a roça, atirou com o cavalleiro em terra, e lançou-se á palha do milho, derribando e devorando tudo que diante d'elle encontrava.

Oh, maldito sendeiro! bradou o moço vendo-se estirado no chão.

Sacudio depois os seus vestidos cheios de terra, e dispóz-se a ir tratar de continuar a sua desgraçada viagem; mas apenas se foi dirigindo para o mouro, este que lhe adivinhou a intenção, deitou a correr pela roça.

— Pára, diabo! oh, mouro! oh, sendeiro de uma figa, gritava o pobre rapaz!

Porém o habilissimo cavallo parecia haver feito proposito de desmentir a má reputação que tinha adquirido, e por consequencia galopava galhardo e soberbo devastando a roça e exasperando o infeliz viajante.

Por fim de contas correu tanto o cavallo, e tanto gritou o moço, que appareceram uns vinte e tantos negros, armados de enormes fouces, que

lançaram-se terríveis e vingativos sobre o interessante mouro.

Quando o mancebo viu o aspecto hostil d'aquella tropa africana, lembrou-se de que tinha alugado o cavallo, e era por elle responsavel; empregando pois toda a força de seus pulmões, exclamou :

— Suspendei! suspendei! a propriedade do cidadão é inviolavel; eu sou cidadão, esse cavallo é minha propriedade, e por consequencia...

Mas não chegou a tirar a consequencia; porque uma foice que acabava de brilhar aos raios do sol, cahiu como um raio sobre a anca do mouro.

Já se levantavam outras foices, novos raios que deviam fulminar o misero cavallo, quando uma voz forte e masculina gritou :

— Parai! que é isso lá?

Os escravos se suspenderam immediatamente; e ficaram em pé e estaticos, como promptos a executar qualquer nova ordem.

II

O COMPANHEIRO DE VIAGEM

— Então, que desordem é esta? perguntou o recém-chegado, que era um moço alto, de physionomia franca e bella, e que finalmente acabava de apparecer muito a proposito na opinião do nosso viajante.

Um dos escravos deu um passo para a frente, e apontando para o mouro, respondeu :

— Era aquelle cavallo que estava fazendo estragos na roça.

O dono do escravo viu então o nosso viajante, que depois de lhe fazer um respeitoso cumprimento, foi tomar conta do mouro.

— Vão trabalhar, disse aquelle aos escravos.

Os negros obedeceram immediatamente e se

foram retirando, não sem lançar alguns olhares muito significativos sobre o cavallo, que escapára de ser sua victima; e o mancebo chegando-se ao viajante, disse-lhe com voz agradável :

— Desculpe os meus escravos, Senhor; tenho um pessimo visinho, cujos animaes engordam em minhas roças, e dei ordem para que fossem maltratados os que continuassem a vir devastal-as; porque já estou cansado e aborrecido de queixar-me inutilmente.

— Tem toda razão, meu caro, respondeu o viajante; e juro-lhe que sinto mais o estrago que este miseravel ronceiro fez na sua bonita roça, do que a foiçada que lhe deram!

O joven lavrador lançou os olhos sobre o cavallo, e não pôde deixar de rir-se.

— É uma estampa, que diz?... exclamou o viajante : aluguei este diabo na Praia-Grande, e ha seguramente vinte horas que me sacode as tripas!

— Mas como veio o Sr. parar aqui?... olhe que errou o caminho por força.

— O que quer que lhe faça?... encontrei com um sujeito, a quem pedi explicações sobre a estrada que devia seguir, e elle respondeu-me que

tomasse a esquerda, quebrasse á direita, e cahisse á esquerda, torcesse á direita, e cahisse outra vez á esquerda, mas que viesse sempre direito ! Fiz tudo quanto o bom do homem me ensinou, e o resultado foi perder-me em uma multidão de atalhos mais intrincados do que as leis do Imperio ou o labyrintho de Creta; e eis-me aqui moido... pisado... torcido... cansado, e, o que é peor, com uma fome de todos os diabos !

O lavrador desatou a rir, e só alguns minutos depois foi-lhe possível perguntar :

— Mas póde-se saber para onde ia o Sr. ?

— Ahi é que me dóe, meu caro; emquanto ando aqui perdido, morto de fome e de sede, emquanto este maldito sendeiro atira-me com os ossos em terra, lá patusca-se, come-se e bebe-se a fartar ; dansa-se com moçoilas de fazer encher agua na boca; ora esta ! Não tem duvida nenhuma, esta só a mim me succede !

O joven lavrador ria-se alegremente, e parecia sympathisar já com o viajante; estendeu-lhe a mão e disse :

— Amigo, sei já para onde vai.

— Então ?

— Para a fazenda do Rio-Claro.

- Tal e qual : e portanto ?...
 - Iremos juntos.
 - Bravo! e chegaremos hoje?...
 - D'aqui lá não ha mais que meia legua.
 - De beicho?
 - Não : meia legua devéras.
 - Ainda bem... mas o peor é que eu estou com uma fome que parece dez ou doze fomes ao mesmo tempo.
 - Pois merendará comigo.
 - Bravissimo! e depois?
 - Em menos de meia hora estaremos na fazenda do Rio-Claro.
 - Homem, faça isso por duas horas em attenção a esta bisca, que aluguei pensando que era cavallo.
 - Emprestar-lhe-hei um bello e fogoso ginete...
 - O Sr. é um anjo, que me cahio do Céu.
 - Engana-se : sou apenas o filho de um simples lavrador.
 - Sempre é alguma cousa mais do que eu.
 - Pois o que é o Sr.?...
 - Um triste empregado publico.
 - Tambem o fui ha algum tempo, amigo.
- O viajante deu um salto de alegria, e esten-

dendo a mão ao lavrador, exclamou com effusão :

— Collega, toca n'esta sé-velha.

E depois, tirando o chapéo, disse com uma seriedade tão importante e conscienciosa, que fazia rir :

— Ora louvado seja Deos, que me acho em terra de gente!

— Bem, agora vamos.

— Espera, collega : como te chamas?

— Camillo.

— E eu Americo.

— Pois monta a cavallo, Americo.

— Mas para que, Camillo?

— Ora para que ha de ser?... para irmos mais depressa.

Americo olhou para o mouro, soltou uma risada e disse :

— Então vamos a pé.

E forão ambos juntos caminhando como dous amigos velhos, conhecidos ha cincoenta annos.

III

A ERMIDA

Passava de cinco horas da tarde : o sol beijava a terra com os seus ultimos raios brandos e melancolicos.

Americo e Camillo, os dous improvisados amigos, caminhavam conversando alegremente, rindo-se de tudo e de tudo zombando.

Americo achava-se em suas horas de boa veia : tambem tinha elle por isso as melhores razões ; havia jantado como um padre, e bebido convenientemente, e agora viajava cavalgando um bello alazão alaranjado, de crinas pretas, que representava o extremo opposto do mouro.

Galhardo e soberbo, o famoso alazão marchava ufano rinchando e bufando ; ao menor movimento

do braço do cavalleiro saltava colerico, como revoltando-se contra a idéa do castigo.

— Isto, sim, é que merece o nome de cavallo! repetia muitas vezes Americo.

— Tenha sempre cuidado com elle, que é demais fogoso, respondia Camillo : rédea firme e olho vivo ; duas quédas em uma tarde envergonham ao mais desazado de todos os cavalleiros.

— Não tenha medo, que d'este não cáio eu ; mas que maldita meia legua é esta, que nunca se acaba?

— Estamos a concluil-a ; passada aquella volta que alli vê, descobre-se logo o campo da fazenda.

— Ainda bem : e chegaremos com dia?

— Sem duvida alguma.

— Tanto melhor!

— Mas que empenho é este de chegar antes da noite?

— É boa ! se eu viesse no mouro, estimaria chegar bem ás escuras ; mas agora é outro caso : quero que as moças me vejam montado n'este pisa-flôres.

— Boa razão, certamente.

— Eis passada a volta...

— Pois eis ali tambem o campo da fazenda.

Americo descobriu com effeito o campo de uma fazenda, e por todos os lados o mais bello panorama desdobrando-se a seus olhos : por menos entusiasta que o mancebo fosse dos encantos da natureza, não pôde deixar de pagar o tributo de sua admiração ao quadro que tinha diante dos olhos.

— Bravo! exclamou elle : que encantadora vista! mas que espelunca é aquella que á nossa mão direita se deixa ver sobre o cume d'este monte.

— Espelunca?... olhe que aquillo é nada menos do que uma ermida.

— Uma ermida! pois então é uma ermida tão velha como certas obras que se estão a fazer no Rio de Janeiro, e que não se acabam nunca.

— Convenho n'isso : é uma ermida velha e arruinada.

— Em todo caso não deixa de ter sua graça : uma ermida arruinada! gosto d'isto... tem um não sei que de romantico...

— E aquella, principalmente.

— Sim? e então porque?

— Qualquer dos nossos lavradores menos credulo, que por aqui passasse a estas horas, já teria feito tres vezes o signal da cruz.

— Mas, homem, diga-me porque : eu tenho uma curiosidade verdadeiramente feminina.

— Desde muito tempo que aquellas ruínas, graças á credulidade popular, gozam fama de serem habitadas por entes sobrenaturaes.

— Sim? e que mais?

— Poucos eram os que se atreviam a visitá-las...

— Adiante... adiante...

— E, contra a expectativa geral, a ermida arruinada tornou-se uma habitação humana, segundo alguns, ou de seres encantados ou mesmo diabolicos, na opinião de outros.

— E entretanto é apenas algum frade velho que, cansado da boa vida dos nossos conventos, quiz recolher-se aos bastidores, e...

— Qual frade nem meio frade!

— Pois então, vamos a saber o que é?

— A estas horas do crepusculo, e de noite ao luar, costuma apparecer nas vizinhanças da ermida um vulto branco.

— Mentira!

— Não : verdade.

— Como?

— Eu já vi.

-
- Uma sombra?... um phantasma?
- Dizem isso alguns ; mas eu não o digo por certo, porque sei o que vi.
- Então o que foi ? falla.
- O que eu vi... foi uma moça.
- Moça ? ah ! feia por força, e que teve bastante juizo para vir se esconder no matto.
- Pois estás enganado, Americo, é uma moça bella !...
- Bella ! bella... e o que mais ?
- E doida
- Coitada ! fallaste com ella, Camillo ?
- Não ; ella não falla a pessoa alguma : pude vê-la a meu gosto, e muito tempo, porque consegui esconder-me.
- E móra sozinha na ermida, coitadinha ?
- Tambem não : tem por companheiras uma velha e uma criança.
- O que faz a velha ?
- Chora.
- A criança ?
- Ri.
- E a doida ?
- Canta.
- É singular certamente ; e então este povo,

tão falto de juizo como ella, a tem na conta de uma alma do outro mundo, amaldiçoa-a, e não passa sem tremer por aqui?

— Conforme : os que têm procurado conhecer a verdade como eu, dizem o que eu te disse ; e os outros mais credulos e mais medrosos, combinando a antiga fama da ermida com o que hoje n'ella se passa, julgam as tres pobres creaturas endemoninhadas, ou feiticeiras, ou talvez mesmo almas do outro mundo.

— E portanto maldizem as tristes mulheres?

— Sim ; mas os outros ao menos lhes dão esmolas.

— Então a doida pede esmolas?

— Não : a velha é que ás vezes vem sentar-se á beira d'esta estrada, e posto que nada peça a ninguem, recebe comtudo as esmolas que lhe dão.

— E o que diz ella da doida?

— Nem palavra.

— É celebre !...

Os dous cavalleiros estavam então exactamente defronte da ermida arruinada. Americo, movido pela curiosidade, fez parar o seu cavallo, e voltou-se para o monte afim de o observar.

Um carreiro estreito e tortuoso, ora perdendo-se por entre bosques, ora reaparecendo outra vez para se perder de novo, como uma falsa esperança que morre e revive na imaginação ardente, ia sinuoso e irregular terminar-se no cabeço do monte : ahi estava assentada a ermida, que cahia em ruinas. A violencia dos ventos já a tinha despojado de quasi todo o telhado ; mas cem parasitas, que se enredavam umas com as outras por mil maneiras, cobriam o seu tecto, que se mostrava verde e florido ; canelleiras bravas, ipês magestosos, manacás odoriferos escondiam a ermida aos olhos dos passageiros que apenas a descobriam em parte, e de redor d'ella, dominando, ornando e dando vida e magestade ao monte, bosques umbrosos... moitas de formosos arbustos... dorsos negros de rochedos surgindo do seio da terra... despenhadeiros e bibócas horri-veis, campinhos breves cobertos de verde gramma... um regato, que primeiro corre em mil voltas, e que depois se debruça e logo se despenha no abysmo, e toda essa riqueza, emfim, da natureza brazileira, e por cima cobrindo tudo isso o céo branco e bonançoso.

Americo esteve algum tempo garado a contem-

plar em silencio tanta belleza, tanta magnificencia e tanta variedade de quadros.

— Isto é grande! é immenso! disse elle emfim, tomando uma larga respiração.

— E aquillo? perguntou-lhe o amigo estendendo o braço e apontando para um lado da ermida.

— Aquillo, o que?

— Olha!

— O que é?

— A doida.

— Então...

— Silencio : apeia-te, se não queres que sejamos descobertos.

Os dous mancebos apearam-se, e Camillo guiou o seu companheiro a um lugar vizinho, onde por detraz de algumas arvores puderam esconder os cavallos e observar sem ser vistos.

VI

A DOIDA

Essa mulher que era tida por Camillo e por muita gente, segundo elle dissera, na conta de uma infeliz doida, era magra, porém de elegante estatura; acabava de sahir da ermida arruinada, e dirigiu-se a passos lentos e com a cabeça cahida para o chão, como meditando, para o lado do monte onde havia um horrivel despenhadeiro.

— Que idéa fatal! disse Americo tremendo.

— O que é isso?... que tens? perguntou-lhe o companheiro : estás tremendo?...

— A loucura e o despenhadeiro!... eu receio... murmurou aquelle.

— Silencio.

A figura da misera doida tinha alguma cousa

de fantastico e de romanesco, observada principalmente n'aquella hora de crepusculo e n'aquella solidão da montanha : alta, toda vestida de branco, o seu vestido largo, sem enfeites e apenas levemente apertado na cintura, assemelhava-se a uma mortalha ; seus braços nús cahiam esquecidamente e como paralyticos ; seus cabellos negros, bastos e ondeantes, soltos ao acaso, desciam como uma nuvem sinistra até quasi chegar-lhe aos pés ; o andar d'essa mulher era gracioso, e tudo n'ella cheio de um encanto immenso e de uma singular magia. De tão longe os dous mancebos não podiam apreciar-lhe o semblante.

— Então? perguntou Camillo.

— Adivinha-se que é bella, respondeu Americo.

A doida ia sempre andando vagarosa e melancolica : ás vezes, tendo de atravessar um grupo de arvores, ella desaparecia por entre os ramos verde-negros, como a lua por detraz de uma nuvem escura, e pouco depois surgia adiante, como uma dama fantastica sahindo de uma gruta encantada.

Finalmente a doida chegava á borda do horroroso despenhadeiro.

A montanha abria-se alli até a sua base, cavando assim no seu seio um abysmo profundo e medonho, semeado de rochas ponteagudas; o regato, que brincava em mil voltas pelo monte, vinha alli despenhar-se com um ruido sinistro; um rochedo negro e triste levantava-se sobranceiro na boca d'este abysmo, que era conhecido entre os habitantes pelo nome de — *Porta do Inferno*.

A doida subiu com passo firme e vagaroso o rochedo negro, e chegando ao seu cume sentou-se com o rosto voltado para o despenhadeiro; descansou a face na mão direita, e ficou pensativa. A brisa da tarde espalhava seus bellos cabellos, voava com elles, varria a negra pedra; e a doida meditava á borda do abysmo.

— Eu tremo por ella! disse Americo.

— Silencio, repetiu Camillo.

— Mas é que se ella fizer um movimento menos calculado... se perder o equilibrio, emfim, cahe por força n'aquella cova sem fundo!

— Silencio! tornou o companheiro.

Um momento depois a doida, sem levantar a cabeça, sem mudar de posição, nem fazer o mais leve movimento, começou a cantar com uma voz

repassada de melancolia e cheia de angelica doçura.

Os dous mancebos ficaram embebidos, respirando apenas, a escutar aquelle tão doce cantar da doida :

Filha do meu coração
Junto a mim vem te sentar;
Já chegou a noite escura,
É tempo de repousar;
Se não tens somno, me escuta,
Uma historia vou contar.

Foi um dia, dona Branca
Sua velha mãe deixou,
E, sózinha, descuidosa,
Pela selva se entranhou.
« Não entres n'aquelle bosque! »
Muita vez a mãe bradou.

« Dentro da selva fatal
« Serpe traidora se cria;
« Filha do meu coração,
« Tu és a minha alegria,
« Não entres n'aquelle bosque! »
Muita vez a mãe dizia.

Foi um dia, dona Branca
Junta á selva passeava,

E a pobre mãe, que dormia,
Com sua filha sonhava :
« Não entres n'aquelle bosque! »
Sonhando a velha clamava.

E um cantar enternecido
Dentro da selva se ouviu ;
Foi uma voz encantada
Que a pobre moça attrahiu :
Dona Branca entrou no bosque,
Mas o canto lhe fugiu.

Pela selva se internando
Dona Branca andava... andava...
Incauta, quando mais perto
D'esse canto se julgava,
A encantada voz sonora
Muito ao longe se escutava.

Morre o dia, a noite chega,
Todo o bosque escureceu ;
E tarde então dona Branca
Do que fez se arrependeu ;
Pobre moça andára muito...
Tanto andou que se perdeu!

Pobresinha! desolada
Soltou gritos; mas em vão!
Ao longe apenas se ouvia
Uma triste exclamação :
• Não entres n'aquelle bosque,
• Filha do meu coração! »

Do repente a selva toda
Como um fogo se accendeu :
Dona Branca estremecendo
Os seus passos suspendeu,
E brilhante como o raio
Tréda serpe o collo ergueu.

Era magica serpente
Que com voz de anjo fallava!
Tinha um olhar que prendia
Quando em alguém se fitava,
E quando um seio mordia,
Como que o seio beijava!...

E esse olhar ardente e fixo
Todo em Branca se fitou,
E a coitada, pobre moça!
Quêda, immovel se deixou
Emquanto a serpe traidora
Pouco a pouco se chegou.

E as frias brisas da noite
Em torno soprando estão,
Trazendo lá de bem longe
Uma triste exclamação :
« Não entres n'aquelle bosque,
« Filha do meu coração! »

O bello, mimoso corpo
A serpente emfim tocou ;

Foi docemente subindo
Até que ao seio chegou;
Lá, ergueu fatal cabeça,
E inflammado olhar brilhou.

Dona Branca então exclama
Cheia de remorso e dôr :
« Meu seio poupa, oh, serpente!
« Um seio de puro amor...
« É puro... é virgem; não manches
« Tira-me a vida, é melhor. »

E os echos da selva horrivel
Zombando d'essa afflicção
De Branca ás vozes respondem
Com a dorosa exclamação :
« Não entres n'aquelle bosque,
« Filha do meu coração! »

Vil, insana, sem respeito
innocencia, que gemeu,
Tres vezes no virgineo seio
Fallaz serpente mordeu;
E depois, mais fêra ainda,
No ar desapareceu.

Só, perdida, no deserto,
Dona Branca errante vaga:
Queima-lhe o seio um veneno,
Que é fogo que não se apaga;
E já tarde a mãe lembrando
Um remorso atroz a esmaga

Tinha o seio envenenado,
Mas, ai della! não morria;
O veneno era uma mancha
Que lavar-se não podia;
Causava uma dôr tão forte,
Que um bem a morte seria.

Noites inteiras chorando,
Com o pranto que derramava
A nodoa do niveo seio
Afflicta e triste lavava;
E quanto mais o fazia,
Mais viva a nodoa ficava!

Ao desespero levada,
Seus lindos braços feriu,
E lavou a nodoa horrivel
Com o sangue que sahiu;
E, baldado o esforço d'ella,
Mais clara a nodoa se viu.

Era um veneno tremendo,
Que o seu seio denegrira!
Era uma dôr sem remedio,
Que a vezes a morte inspira;
Era uma nodoa que nunca
Nem pranto, nem sangue tira!

Soltou a voz soluçando
Repassada de afflicção:
« Oh, serpente! lava a mancha!
« Oh, fêra, tem compaixão! »

Só os echos responderam,
E responderam que... não !

« A tua voz encantou-me,
« Foste a minha perdição;
« Amei-te... podes salvar-me;
« Serpente, tem compaixão » :
Só os echos responderam,
E responderam que não !

Rolou então pela terra
A chorar desesperada;
Chorava, chorava muito,
Té que parou de cansada
E levantando a cabeça,
Soltou medonha risada.

Nunca a viste?... podes vê-la,
Vagando na solidão!
Magra... louca... desvairada,
Repetindo a exclamação :
« Não entres n'aquelle bosque,
« Filha do meu coração!... »

A doida calou-se e ficou como tinha começado a cantar, e cantando até o fim, immovel e com os olhos embebidos no abysmo, como se fôra uma estatua graciosa.

— Que voz!... murmurou Americo. Que alma aquella tão repassada de dôr! oh! deve ter soffrido muito... faz pena!

— É verdade.

— Deve ser bem desgraçada!

— Provavelmente.

— Como se chama ella?

— A doida.

— Mas o seu verdadeiro nome?...

— Ninguem o sabe : é um mysterio que aind se não pôde descobrir.

— É notavel! E ha que tempo appareceu aqui esta mulher?

— Ninguem o pôde dizer com certeza.

— Ora, eis-aqui uma cousa que me está furiosamente atiçando a curiosidade!

N'isto principiou a doida outra ballada; mas o fogoso alazão rinchou, e aquella mulher mysteriosa ergueu-se immediatamente, e voltou-se para o lado da estrada observando.

— Ah! maldito cavallo! disse Americo.

— Na verdade, que para um caso d'estes o seu mouro era muito melhor.

A doida descobriu emfim os dous mancebos, e descendo precipitadamente do rochedo, sumiu-se

por entre o bosque, depois de soltar uma risada nervosa e terrível.

— É a risada de D. Branca? disse Camillo.

— Sim, observou Americo; aquella mulher foi mordida pela serpente.

V

A FAZENDA DO RIO CLARO

No Brazil dá-se o nome de *fazenda* a um estabelecimento agrícola em grande ponto; mas, ao norte da provincia do Rio de Janeiro, como ainda em outras provincias, é esse titulo especialmente reservado ás fabricas de assucar.

É d'esse lado da provincia do Rio de Janeiro, e pouco mais ou menos a dez leguas de distancia da cidade de Nictherohy, que se acha situada a fazenda do *Rio-Claro*.

Até o anno de 1847 a fazenda do *Rio-Claro* fôra apenas um simples *sítio* de lavrador; mas, por morte de seu dono, que era devedor de elevada quantia a um opulento negociante da côrte, este, que recebêra o *sítio* em pago do que se lhe

ficára devendo, elevou-o á cathegoria de fazenda, mandando levantar uma fabrica de assucar, cuja primeira moagem se destinára para o dia de S. João.

Cumpre lançar uma rapida vista d'olhos sobre o theatro do drama.

No dorso espaçoso de uma elevada montanha, e prolongando-se por um valle encantador, apparece o vasto campo da fazenda do *Rio-Claro*.

É grata aos olhos essa dilatada campina toda coberta de verde gramma, primeiro desdobrando-se pela encosta de um monte orgulhoso, depois alcatifando parte de um valle alegre e modesto; e toda lisa como o céu, e verde como o mar visto de longe, apenas aqui ou alli deixando erguer-se uma arvore frondosa, a cuja sombra vai o gado abrigar-se das horas mais ardentes do dia; e limitada de um lado pelo monte, de cujas costas se derrama, e á mão direita por uma serie de montanhas que se debruçam umas sobre outras, que se vão succedendo sempre umas ás outras sob variadas fórmãs, cobertas de mattas virgens, de selvas seculares, entremeadas de enormes massas de rochedos, cavadas de profundos precipicios, banhadas por torrentes e catadupas; e á mão

esquerda e emfim pela frente, continuando em uma planície immensa semeada de outeiros e de morros, bordada de bosques, de fazendas, de sitios, de casas mais ou menos elegantes, e de choupanas mais ou menos humildes, recortada por opulentos rios e modestos regatos, enriquecida de campos verdes e de lagos limpídos, e prolongando-se mais e mais, até que em tudo isso os mesmos quadros se vão reproduzindo ao longe em miniatura, e prolongando-se ainda mais, até que o véo do horizonte põe um termo ao magestoso panorama.

É bello de ver-se, e é sublime de ouvir-se, a torrente impetuosa que se despenha da primeira montanha d'essa serrania magestosa no campo da fazenda em um bello leito de granito, com o troar de uma borrasca incessante, que primeiro espuma cahindo das alturas, e que depois desencabresta mugindo como um touro furioso, e enroscando-se pelo campo como uma serpente gigantesca, correndo mais além sobre uma cama de areia fina e clara, e depois de deslizar-se em mil voltas desaparece por entre as arvores de um bosque, rapida e veloz como ainda a serpente que foge, e finalmente reaparece lá, longe na vastidão da pla-

nicie, para fertilisar outras terras e unir-se por fim de todo embebida no mysterio do horizonte.

Até aqui a mão de Deus embellezando a natureza, que se ostenta grande, formosa, sublime, terrivel, digna d'elle. D'aqui por diante, as obras do homem limitadas e imperfeitas como o homem mesmo.

Á primeira vista a fazenda do Rio-Claro simula o aspecto de uma pequena villa.

Na base do monte ergue-se uma casa espaçosa, assobradada e pouco elegante; tem apenas um andar; do lado direito d'ella levanta-se graciosa a pequena capella da fazenda com sua modesta torrinha; do lado esquerdo a casa se termina por um terraço, que domina um vasto jardim ainda muito pobre de flôres, e que mostra ser ha pouco tempo começado.

Depois da capella pela parte direita e do terraço pela esquerda, seguem-se as casas dos feitores e as senzallas dos escravos, todas caiadas de novo e alvejando aos raios do sol, ou destacando-se no meio do campo á noite e ao clarão da lua.

Por detraz da casa principal e de todas as ou-

tras, um pomar vasto, mas pobre ainda de fructos escolhidos e particularmente de exóticos.

De qualquer das janellas da casa podem os olhos de um observador alimentar-se com a profusão de variadas e bellas scenas d'aquella rica natureza, e ao mesmo tempo estender-se pelas diversas estradas que vêm abrir-se no campo da fazenda, e considerar todas as casas do estabelecimento.

A vinte braças de distancia do rio vê-se o engenho (a fabrica), vasto edificio, feio, sem proporção nem belleza, e que hoje se concebe e levanta como se concebia e levantava ha cem annos passados.

De um lado do engenho estende-se o curral, longo cercado descoberto, onde o gado se recolhe e passa a noite dormindo e ruminando.

Ao lado do curral estava marcado o lugar para a *bagaceira*; é o deposito dos restos da canna duas vezes pisada pelas moendas; a *bagaceira* assignala a antiguidade de uma fabrica de asucar.

Mais visinha do rio, do que lhe fica o engenho, levanta-se uma machina de serrar, movida por agua.

Cercando o campo da fazenda, mostram-se risonhas e esperançosas as roças d'aquelle anno e as já preparadas para o outro.

Aqui, o vasto cannavial erguendo suas hastes empalhadas, ou dobrando-as umas sobre as outras ao sopro da ventania.

Alli, o verde mandiocal estendido na planicie, e que agitado por frescas brisas simula o oceano encapellado.

Em toda a parte o trabalho... a vegetação... a esperança...

E no centro de tudo isto o campo da fazenda do Rio-Claro, como o coração d'aquelle corpo : quatro estradas abrindo-se n'elle.

E lá... no cabeço de uma das montanhas, uma casa velha mal descoberta por entre um grupo de arvores.

É a ermida arruinada.

O dia 24 de junho de 1847 deveria presidir à primeira moagem da fazenda do Rio-Claro, que acabamos de descrever : era apenas chegada a ante-vespera d'esse dia, mas já então muita gente havia d'aquelle bello sitio, que remoçara depois de velho, conquistando a aristocratica denominação de fazenda.

Já no seiò d'ella borbulhava o prazer... e para ella, e a tomar parte na festa que se preparava, se dirigiam Americo e Camillo, quando foram interrompidos em sua viagem pela apparição e pelo canto da mysteriosa habitante da ermida arruinada.

Mas o alazão rinchou... a doida desapareceu no bosque, e os dous improvisados amigos saltando sobre os cavalloos os largaram a toda brida, para chegar com o dia á fazenda, e poder Americo mostrar-se ás senhoras montado no *pisa-flôres*.

VI

A CHEGADA DE AMERICO

A casa já está cheia de convidados; grande numero de bellas senhoras dava interesse e vida á reunião; algumas d'ellas muito vivas, muito amigas de conversar, de rir, de criticar sem nenhuma cerimonia, e mesmo á vista de todos, estavam por isso mesmo dizendo que tinham vindo da cõrte com a familia de Christiano para ter uns quinze dias de festa na roça; outras, um pouco timidas, e acanhadinhas ás vezes, e ás vezes tão espertas como as primeiras, rindo-se a furto, criticando em segredo, entendendo-se mutuamente com os olhos, e em certas occasiões beliscando-se para melhor se entenderem, eram filhas e habita-

doras das circumvizinhanças, que vinham tomar parte na festança do vizinho.

Todas ellas porém estavam vestidas com mais ou menos gosto; todas ellas tinham encantos, graça e espirito, e nenhuma representava perfeitamente esse typo que ainda não foi, e que entretanto merece bem ser estudado — a nossa *moça da roça*.

A respeito dos homens, pôde-se applicar as mesmas observações.

Não ha exaggeração nem inverosimilhança no que fica exposto : a *civilisação das reuniões*, a côr, o modo da côrte tem já conquistado algumas leguas além da cidade de Nictherohy; não é a mesma cousa certamente... falta sempre um não sei que; mas em certos logares do interior, quem assiste e observa uma partida, uma assembléa, um banquete, hoje, lembrando-se da côrte, reconhece e diz : — *isto é como lá*.

Na fazenda do Rio-Claro estava pois reunida uma d'essas sociedades agradaveis e encantadoras, que fazem esquecer os pezares do passado, e que não dão tempo para se pagar o tributo dos cuidados do futuro.

Christiano e Gabriella, sua digna esposa, des-

faziam-se em obsequios para com seus hospedes.

Adrianna, interessante filha d'esse estimavel par, brilhava por seus encantos e prendas ; completamente revoltada contra a inactividade, em guerra aberta com o socego, descansava da fadiga da dansa, tocando ou cantando ; e, apenas acabava de fazê-lo, de novo pedia para dansar ; ria e brincava, e obrigava as suas companheiras a fazerem como ella : Adrianna era a festa.

Brincava-se pois com fervor e alegria : as senhoras não se faziam rogar ; os homens esqueciam as calculadas ceremonias da côrte.

O ar da roça, a festa do campo tem isso : uma respeitosa liberdade a preside ; as etiquetas, as faceirices e até as fiducias desaparecem ; o coração se dilata prazenteiro e livre n'esse immenso horizonte, como se apertado e contrahido se acanha no salão da côrte alcatifado ricamente e ornado de ouro, de sedas, de lisonjas e de mentiras.

Todavia parece que algum convidado e bom amigo ainda faltava na fazenda do Rio-Claro.

Christiano e Gabriella chegavam de espaço em espaço a alguma das janellas como para observar se algum cavalleiro apparecia ; e quando ouviam o bater de alguma cancella do campo da fazenda,

animavam-se ambos com uma leve esperança, que logo depois se desvanecia, e então olhando sentidamente um para outro, pareciam dizer-se — *não vem hoje.*

Além dos donos da casa, mais alguém passando constantemente no terraço tinha os olhos fitos na estrada : era um homem alto, magro, meio calvo, pallido, mas de physionomia nobre e insinuante. Esse personagem que mostrava contar pouco mais de quarenta annos, e que parecia muito estimado pela familia de Christiano, era medico e chamava-se Benedicto.

Mas uma quadrilha viva e brilhante acabava de chegar a seu termo, e Adrianna com as faces em fogo e com o peito arfando sentára-se emfim ao lado de outra moça da sua idade, para descansar alguns momentos.

Aproveitemos os rapidos instantes em que a filha de Christiano cede ao imperio da fadiga, para descrevel-a muito ligeiramente.

Adrianna é uma bella moça de dezoito annos, alta, delgada e graciosa ; tem um rosto que brilha á luz que vibram dous lindissimos olhos pretos ; seus cabellos castanho-escuros erguem-se em largos bandós, primeiro sobre duas faces avellu-

dadas, e depois vão perder-se em um verdadeiro labyrintho que forma o seu penteado; a pureza de seus labios de virgem póde só ser igualada pelo encanto de seu sorrir de feiticeira; a perfeição de seu collo, a delicadeza de suas mãos, a delgadeza de sua cintura, a gentileza de seu corpo, dão-lhe o sceptro de rainha no meio de todas as bellas senhoras que se acham na sala.

A moça que está sentada ao pé de Adrianna é apenas quatro annos mais velha que ella; sem poder passar por formosa, é sem duvida insinuante e agradável; pallida, flexivel e esbelta, tem grandes e bellos olhos pardos, embora um pouco resentidos das vigílias e da fadiga de uma vida toda passada em bailes e festas; o som da sua voz é doce, mas talvez um pouco affectado; a alvura de suas mãos deslumbra a vista, e o seu olhar, seus gestos, seu sorrir, suas palavras denunciam um coração que se perdeu no turbilhão dos saráos, ou que se embebeu todo no galanteio; entretanto no meio dos prazeres d'aquella reunião em que se achava, essa joven parecia melancolica e pensativa.

Emfim, Adrianna tomou uma larga respiração, e como tendo exhalado toda a fadiga, a que por

momentos se dobrára, voltou-se para a moça pallida, e cravando-lhe no rosto um olhar malicioso, disse :

— Estás triste, Leonor?

— Triste?... repetiu Leonor como despertando de um scismar involuntario : ah!... não : tu, Adrianna, tu...

— Eu? então o que é que eu tenho? acaba.

A moça suspirou, e voltando os olhos para um elegante mancebo que estava sentado defronte d'ellas, respondeu apenas :

— Tu és muito feliz.

Adrianna còrou e replicou :

— Eu te comprehendo ; mas tambem não creio que a tua tristeza provenha de inveja que tenhas do que chamas minha felicidade.

— Oh! certamente!...

— Que tens tu pois para assim te mostrares tão abatida e melancolica? pesa-te este ar da roça? ou tens saudades de alguém que ficou na còrte?... Ah! agora creio que adivinhei, porque teu seio se agitou, como se dentro d'elle o coração tivesse dado um pulo!...

— Falla baixo, Adrianna, repara... elle tem os olhos fixados em ti..

— Pois vamos para aquella janella... provavelmente quererás dizer-me muitas cousas a respeito de uma certa pessoa que te faz contar as horas por annos, e que teima ainda em não querer chegar.

As duas moças levantaram-se e dirigiram-se a uma janella para fugir dos olhos curiosos do cavalheiro que se achava sentado defronte d'ellas; mas se Adrianna não passasse olhando disfarçadamente para outro lado, poderia ter apanhado um rapido signal da intelligencia trocado entre Leonor e uma senhora idosa que conversava com o mesmo homem de quem as duas pareciam querer fugir.

— Está vendo, Sr. Frederico?... disse a senhora idosa ao cavalheiro : as suas advogadas não dormem!

— Mas os meus adversarios velam, respondeu elle sorrindo-se.

Frederico era um homem alto e muito bem feito : tinha os cabellos pretos, a fronte alta, e os olhos cheios de um fogo, que elle sabia moderar ou inflamar á vontade ; seu rosto era de verdadeira belleza varonil ; seus labios eroticos pres-tavam-se tão facilmente a um sorrir de desdem,

como ao mais expressivo sorrir de amor; delicado em seus modos, agradável na conversação, insinuante e perigoso, esse homem, que apenas contava trinta annos, tinha já uma vida rica de loucuras e cheia de escandalos.

A senhora com quem Frederico estava conversando começava a entrar no ultimo periodo da vida; era de estatura regular, gorda, trajava com apurado gosto, trazendo nos seus ornatos um leve signal de viuvez; chamava-se Fabiana e era tia de Leonor.

Descrevendo estas duas personagens perdêmos o principio da conversação das duas moças; aproveitemos o resto ao menos.

— Mas devéras elle te ama? perguntava Adrianna a Leonor, sem reparar que suas faces córavam, e que um tremor convulsivo agitava lentamente seus labios.

Leonor ou não notou, ou fingiu não perceber nenhuma d'aquellas traiçoezinhas do bello rosto da amiga.

— Mas elle te ama?... dize?... devéras elle te ama?...

— Como queres tu que eu responda com se-

gurança a esse teu — déveras — quando se trata de um homem, Adrianna?

— Ao menos porém elle te disse?

— Os homem dizem tanta cousa!...

— Confessas emfim que as apparencias...

— Elles apparentam tudo quando querem!

Adrianna bateu com seu pésinho de princeza sobre o soalho e disse com viveza :

— Os homens!... os homens!... não se trata dos homens : trata-se de um homem ; não fallamos d'elles, fallamos d'*elle*.

— Adrianna! respondeu Leonor recuando um passo e mostrando-se admirada, os teus olhos têm um fogo que me espanta! O que devo eu pensar do que estou vendo?

Adrianna serenou de improviso, e desatando a rir, abraçou a amiga e murmurou-lhe ao ouvido:

— Ciumenta! pensas tu que eu deseje ser tua rival?

Leonor socegou por sua vez : era admiravel como aquellas duas moças socegavam tão depressa!

— Entretanto, continuou Adrianna, sinto dizer-te que passarás aqui uns quinze dias de penitencia.

— E porque?

— Porque está visto que *elle* não vem.

— Oh! não : elle ha de vir.

— Prometteu-te? perguntou Adrianna córando outra vez.

— Prometteu-me... não sei ; mas disse-me.

A filha de Christiano não sabia encobrir as sensações que experimentava ; sentindo que o fogo lhe subia ao rosto, voltou a cabeça e exclamou :

— Dansemos!

Mas, em vez de chamar os pares á sala, foi apressada sentar-se ao piano, e ficou immovel e sem tocar.

Christiano e Gabriella tinham-se chegado de novo a uma janella, e tinham embebido olhos desejosos em uma larga estrada, que alvejava na planicie, e que depois se quebrava formando um angulo para vir perder-se ao atravessar uma breve floresta, que ella partia em duas.

O sol havia desaparecido por detraz das montanhas : seus ultimos raios não se ostentavam mais ao longe derramando um brilho encantador na cupula dos bosques : a luz do crepusculo,

melancolica e doce, permeiava já entre o dia e a noite.

— Qual, disse Gabriella, não vem.

— Roeu-nos a corda, acrescentou Christiano.

— Tanto peor para elle, disse Fabiana; a sua repartição, com todo o seu expediente, emolumentos, velhos e novos direitos, não vale a fazenda do Rio-Claro.

— Em todo caso far-nos-ha grande falta, tornou Christiano.

— Eu digo que elle vem, disse Leonor.

— Mas é quasi noite, e o tal Sr. Americo tinha-se compromettido a vir jantar hoje conosco.

— Não importa, disse Adrianna levantando-se risonha e prazenteira do piano, eu já estou socegada, e espero vel-o chegar bem cedo.

— Porque?

— Porque D. Leonor é quem o assegura, e deve ter boas razões para isso.

— Adrianna! já você começa?

Benedicto appareceu á porta da sala, e por alguns momentos sua fronte se enrugou, como se lhe doesse o que acabava de ouvir.

— Adoeceria o nosso Americo?

— Pois não! acudiu Frederico: Americo não adoce nem morre: d'aqui a duzentos annos será chamado o novo Cagliostro.

— Então porque não virá?

— É sempre difficil de explicar o procedimento de Americo.

— Menos isso, acudiu o medico forcejando por dar a suas palavras um tom agradavel. Americo é um composto de extravagancias e de virtudes; explica-se pois facilmente toda sua vida: as extravagancias por uma cabeça de fogo, e as virtudes por um coração de anjo.

— Anjo!... anjo papudo então.

— Oh! lá vem elle! exclamou uma voz.

— Como? pois Americo ha de vir por aquella estrada particular?

— São dous cavalleiros.

— Aquelle que vem em um cavallo russo é meu filho, disse um ancião.

— E o outro?

— Não conheço: oh!... espere... o cavallo é tambem de meu filho... é o alazão.

— Quem será?

— Se fosse elle!

-
- A figura é de Americo.
- É elle!
- Não é.
- É elle; não tem duvida.
- Como diabo foi o Americo parar na fazenda do Sr. Marianno?
- É que se dirigiu pela sua má cabeça, disse Frederico com um affectado sorriso.
- Benedicto respondeu áquella ironia com um olhar desdenhoso.
- Viva o Americo! bradou Christiano, que em certas occasiões parecia mais um rapaz, do que um grave pai de familia; viva o Americo!
- Dous foguetes! exclamou Frederico; quero saudar a chegada de Americo.
- Não atire foguetes, senhor, observou Marianno; aquelle cavallo alazão é quasi o demonio...
- Que importa! vem cavalgado por um demonio completo; não ha perigo; dous foguetes!
- Ao terreiro! ao terreiro!... vamos dar-lhe vivas.
- Minhas senhoras, ninguem as obriga a não gritar.
- Assim não vai bem, Sr. Frederico, disse

Christiano; se quizer que as moças gritem, ordene-lhes que não digam palavra.

— Minhas senhoras, silencio!

As senhoras começaram a fallar todas ao mesmo tempo, fazendo uma bulha capaz de ensurdecer a qualquer.

— Ó rapaz! traze fogo depressa.

Os homens precipitaram-se para o terreiro afim de receberem Americo triumphalmente; as moças preparavam seus lencinhos brancos.

Adrianna estava ao pé de Leonor.

— Parabens! disse aquella.

— Linguaruda! murmurou Leonor, dando um beliscão na amiga.

Com effeito Americo e Camillo chegavam emfim á fazenda do Rio-Claro.

O formoso alazão galopava galhardo e orgulhoso, rinchando e bufando com ardor. O estouvado mancebo via completos os seus desejos: chegava ainda com um resto de dia, e mostrava-se ás senhoras montado no *Pisa-flôres*.

— Preparam-te uma recepção brilhante, disse Camillo, chegando-se a Americo; mas o meu parecer é que te deves apear, se não queres passar por uma horrorosa vergonha.

— Eu aprear-me?... havia de ser bonito! mas então o que ha?

— Vejo foguetes na mão de um homem, e se elles sobem ao ar, esse cavallo te lança por terra necessariamente.

Por unica resposta, Americo chegou o esporim no ventre do alazão, que deu tres arrancos e correu á desfilada.

Estavam já a dez braças da casa... Americo sorria-se observando o triumpho que lhe preparavam, quando soou um grito :

— Viva o Americo!

— Viva! viva! bradaram todos.

As moças agitaram seus lenços; Frederico fez subir ao ar os foguetes, e, ou por acaso ou de proposito, um d'elles passou tão perto de Americo, que quasi o tocou.

Apenas o primeiro foguete acabava de escapar das mãos de Frederico, o ardente alazão, espantado e furioso, voltou-se rapidamente sobre os pés, e, desesperado por se ver sustido pelo cavalleiro, desatou em um jogo violento e impetuoso : em poucos instantes rebentaram-se ambos os estribos, e Americo, obrigado a segurar-se apertando com as pernas o ventre do cavallo, ainda

mais o desesperou, porque o feria com o esporim.

As senhoras soltaram gritos de espanto, já por tres vezes Americo estivera a ponto de cahir... a um fortissimo arranco do cavallo as cilhas se rebentaram... e como se conhecesse o perigo em que ficára o cavalleiro, o enfurecido animal dobrou de esforços, e ia finalmente, com mais um novo salto, livrar-se do senhor contra o qual se revoltava, quando se sentiu sustido pelo freio por duas mãos tão fortes, que o obrigaram a curvar-se bufando de fadiga e de raiva.

Benedicto havia corrido em soccoro de Americo.

— Obrigado, doutor! exclamou o mancebo saltando em terra ao mesmo tempo que o sellim cahia a seus pés; obrigado.

O doutor apertou Americo nos seus braços.

— Qualquer outro teria cahido dez vezes! disse.

E depois, afastando-se e fallando comsigo mesmo, continuou:

— O coração lhe bate com tanta regularidade como se nada lhe tivesse acontecido!

A esse tempo Americo já se achava cercado por todas as senhoras e cavalheiros.

VII

A HISTORIA DA VIAGEM

Americo entrou na sala seguido immediatamente por Benedicto e logo depois por toda a sociedade.

— Eis ahi Telemaco que marcha adiante de Minerva! disse rindo-se Fabiana.

— E que seguramente esbarrou-se logo com Calypso, a quem tenho a honra de dirigir os meus cumprimentos! respondeu o mancebo.

— Machucou-se, Sr. Americo...! perguntou cuidadosa Gabriella.

— Feriu-se?

— É impossivel que se não magoasse!...

— São como um pero, minhas senhoras! e

com uma vontade desesperada de cantar, de dançar e de fazer loucuras!

— Pois essa vontade desesperada, observou Leonor, não está muito em harmonia com o tempo que nos fez esperar a sua boa chegada.

— Seria eu tão venturoso, que pudesse ter causado saudades a alguém? perguntou Americo, voltando insensivelmente os olhos, como se procurasse alguma pessoa que alli não estava.

— Oh! muitas! respondeu Leonor dando um passo para diante d'elle.

— Senta-te para aqui, e conta-nos as causas da tua demora, disse Benedicto puchando Americo pelo braço e fazendo-o sentar em uma cadeira junto do sofá, onde por acaso se achava Adrianna.

A joven senhora estava ainda pallida e tremula do susto que tivera pelo perigo que o mancebo tinha corrido: ao vê-lo chegar-se para perto d'ella, sorriu-se docemente e perguntou:

— Não soffreu nada, Sr. Americo?

— Nada, absolutamente, á excepção do pezar que me causa o susto que tiveram as senhoras.

— Ainda bem; mas ao menos de hoje em diante não deve mais montar em cavallos bravos.

— Minha senhora, aquelle formoso alazão é um cordeiro... antipathisa com foguetes e bombas, e mais nada; muitos homens conheço eu a quem o cheiro da polvora incommoda tanto como a elle.

O companheiro de viagem de Americo appareceu á porta da sala.

— Oh lá! chega-te, Camillo; minhas senhoras e senhores, tenho a honra de apresentar-lhes o meu particular amigo, o Sr. Camillo: é um moçetão completo, que tem na sua mesa as mais appetitosas iguarias, e nas suas cavallarices os melhores cavallos do mundo!

— Desde quando conheces tu aquelle espalhazbras?... perguntou Marianno ao ouvido do filho.

— Desde duas horas, meu pai.

— E é já teu particular amigo?

— Parece-me um excellente moço.

— E a mim um doudo.

— Dansemos! dansemos! exclamou Americo levantando-se.

— Alto lá, Sr. Americo, disse Benedicto, ha de nos pagar o tempo que levámos a espera-lo, contando nos a historia da sua viagem.

— É verdade, disse Leonor sentando-se de-

fron~~te~~ do ~~mancebo~~ : eu estou anciosa por saber c
motivo de tanta demora.

Adrianna fez um movimento de impaciencia,
om quanto toda a sociedade veio cercar o recém-
chegado.

— Ora, pois, disse Americo : por onde querem
que eu principie?

— Pelo principio, está visto.

— Muito bem : acordei hoje ás quatro horas
da madrugada para viajar...

— Se fosse para ir á repartição acordava ás dez
do dia.

— Isso lá é verdade, minha senhora ; a patria
é uma mãe muito carinhosa, e não exige de seus
filhos que acordem de madrugada.

— A historia... a historia...

Aluguei uma falúa no Pharoux, embarquei-me,
e cheguei a Nictheroy ás cinco horas da manhã :
ao desembarcar-se quebrou-se a prancha, e eu
cahi no mar e molhei as pernas até os joelhos.

Máo principio de viagem.

— Fui a um hotel : quiz almoçar, e não tive o
que : deram-me ovos chocos fritos em mântega
rançosa, com pão de tres dias e café queimado...
era uma tisana!

— Que infelicidade!

— Fui a uma cocheira, e pedi um bucephalo; desejei que me considerassem um heroe de Ariosto ou de Boiardo, e apenas me consideraram o heroe de Cervantes; em lugar de Orlando ou de Reinaldo, D. Quixote ou Sancho Pança : a differença é pequena; pedi que me dessem um hippogrypho, e deram-me um elephante; em uma palavra alugaram-me um cavallo mouro, do qual me hei de lembrar *per omnia sæcula sæculorum*.

— *Amen*, Sr. vigario! disse Leonor.

— Obrigado : faz gosto ser vigario quando se pode ter um sacristão como eu tenho!

— Adiante... adiante, disse Benedicto.

— O tal mouro que aluguei era realmente uma peça de encommenda : comprido como o orçamento da despeza publica, magro como os cofres municipaes, velho como um ministerio que dura mais de seis mezes, feio como um anno financeiro sem creditos supplementares, era por cima de tudo isso eminentemente vagaroso como todas as obras nacionaes.

— Oh! que terrivel cavallo!

— Sim, aquelle maldito cavallo deveria por força ter sido propriedade de algum inglez, em-

quanto foi novo, e de algum boleeiro amante da pinga depois que envelheceu.

— Mas porque?

— Primeiramente, porque não andava senão de trote, e em segundo lugar porque empacava defronte de todas as tabernas. Façam portanto idéa, minhas senhoras, dos tormentos por que passei! A historia d'esta viagem singular hei de eu escrevel-a em 4 volumes... por ora contentome com fallar-lhes do fim d'ella, como fallei do principio.

— E o meio?...

— O meio é o segredo dos meus quatro volumes : em resumo porém soffri entre o principio e o fim um sol tão ardente, que por um triz escapei de ser victima de uma combustão de nova especie ; uma fome tão desesperada, que, quando cheguei á fazenda do meu amigo Camillo, comi como uma tropa de timbaleiros ; e um cavallo tão manhoso e ronceiro, que, ao mesmo tempo que me fazia soltar gemidos pungentes, fazia desatar estrepitosas gargalhadas a todos quantos me encontravam!

— Finalmente...

— Finalmente, errei o caminho... o mouro deu um salto e atirou-me de pernas para o ar.

— Cahio?...

— É verdade... é verdade... cahi do maldito elephante; mas essa quéda foi uma felicidade para mim, porque achei uma alma piedosa que me deu bom jantar, excellente cavallo, a melhor companhia possível, e finalmente descobri aqui perto um mysterio de poeta, um segredo de romancista, isto é, uma cousa que ninguem entende, e que, custe o que custar, hei de eu acabar por entender.

— Então o que é? o que foi?

— Vi uma ermida arruinada, um abysmo profundo e uma mulher sem juizo!...

— Como? perguntou Benedicto.

Americo disse tudo que havia observado, visto e ouvido.

— Tem razão, observou Leonor : é um mysterio capaz de accender a curiosidade da pessoa mais indifferente do mundo!

— Eu protesto que hei de decifrar o enigma; juro que penetrarei aquelle segredo; porque, dê a cousa no que der, antes de voltar para a côrte farei uma visita á ermida arruinada.

— Não faça tal, senhor! exclamou um homem

de cincoenta annos, e que era vizinho da fazenda do *Rio Claro*; não faça tal : basta já o que fez... não vá adiante.

— Pois então o que foi que eu fiz?

— Metade de sua desgraça : estive espiando o que faziam as feiticeiras da ermida arruinada; pois bem, saiba que vae ser infeliz; se ama alguém será desprezado ou verá perdidos os seus amores; se está para casar hão de roubar-lhe a noiva; se espera alguma fortuna ficará por certo sem ella... tudo emfim lhe sahirá ás avessas; porque espionou o que se passava ao redor da ermida arruinada!

A maior parte dos circumstantes desatou a rir; mas o velho não fez caso d'isso; estava pallido e tremulo.

— E se eu fôr lá?... se eu penetrar na ermida? perguntou Americo.

— Se o senhor fôr lá... ha de ser arrastado para o abysmo... se o senhor fôr lá... ha de haver uma morte... isto não falha.

— Meu amigo, eu não creio em bruxas.

— É porque o senhor não sabe a historia da *boca do inferno*.

— Mas o que é a *boca do inferno*? perguntou Fabiana.

— É o abysmo da ermida arruinada. As senhoras não sabem a historia da *boca do inferno*?

— Não, senhor.

— Pois amanhã lhes contarei.

— Nada, conte hoje; conte agora mesmo.

— Não; é melhor amanhã; talvez que as senhoras não possam dormir esta noite.

— Qual! conte... conte : nós não somos medrosas.

— Apertaram e teimaram tanto com o velho, que finalmente resolveram-n'o a contar a historia.

Sentaram-se todos em roda do Sr. Leocadio, que assim se chamava o velho, e prestaram attenção ao que elle ia contar.

VIII

HISTORIA DA BOCA DO INFERNO

Leocadio abaixou a cabeça e fitou os olhos no chão durante algum tempo, como quem estava pondo em ordem suas idéas; no fim de alguns minutos ergueu a fronte, lançou em de redor um olhar mysterioso, e tomando uma larga respiração, começou a historia da *Boca do inferno*.

— Provavelmente os senhores já hão de ter lido uma obra que se chama « *Memorias historicas do Rio de Janeiro* » e que dizem que foi escripta por um certo Pizarro : eu cá não creio n'essa, porque não me póde entrar nos cascos que um homem só tenha cabeça para escrever uns poucos de livros.

Mas fosse um ou fossem muitos homens os au-

tores de taes Memorias, o certo é que vêm n'ellas referida a origem e o principio da ermida arruinada; quem conhece porém a historia da nossa terra, vê logo que o tal Pizarro andou inventando explicações, e fez apenas uma novella a tal respeito.

É verdade que elle se baseia em documentos officiaes, e apresenta certidões de doação da capella e de terras para seu patrimonio, o nome do fundador, etc.; mas isto de documentos officiaes é tudo peta, e o que é certo e mais que certo é o que diz o povo; porque segundo o ditado antigo, *vox populi, vox Dei*.

— Já se vê que o homem falla latim como um padre... dos modernos, murmurou Americo ao ouvido de Benedicto.

— Deixa-te de brincudedos, disse-lhe o medico; ou presta ou finge ao menos prestar attenção á historia do bom velho.

Leocadio continuou :

— Aquella ermida ha de ter já os seus cento e trinta annos; e eis aqui como ella teve principio, e o mais que a respeito d'ella se sabe, conforme minha tataravó contou á minha bisavó, minha bi-

savó á minha avó, minha avó á minha mãe, e minha mãe a este criado de VV. SS.

« Quem levantou aquella ermida não foi o sujeito de quem falla o tal Pizarro : o caso passou-se pela maneira seguinte. Ha cento e trinta e tantos annos, que pela conta não perca, appareceu por estas terras um homem alto como um gigante, com olhos e cara de gato como uma onça, com os cabellos grossos, duros e tesos como um javali : era um bicho!... andava escondido, comia fructos e raizes agrestes, bebia a agua dos charcos, e dormia em tócas de arvores ou nas furnas dos penedos, como uma fêra em seu covil.

— Com effeito! faz arripiar os cabellos.

— Pois foi tal e qual : o povo sobresaltou-se com a presença de semelhante animal de nova especie, e queixou-se ao vigario da parochia, que foi procurar o monstro no deserto : encontrou-o um dia sentado á sombra de uma arvore, e interrogou-o com sua autoridade sagrada.

O selvagem, que lançára um olhar furioso sobre o padre, escutando a sua ordem poderosa, começou a tremer da cabeça até os pés.

— Falla, bradou-lhe o padre : ordeno-te que falles : quem és tu?

— Excommungado!... Excommungado! gritou o miseravel fazendo horriveis contorsões.

— E quem te excommungou?...

— Uma voz que eu tenho aqui dentro!... respondeu elle apontando para o coração.

— E que fizeste?... falla.

O infeliz tremeu com mais terror ainda.

— Queres confiar-me a tua vida em confissão?

— Não : bem alto! quero que todos saibam o que eu tenho feito no mundo.

— Pois falla.

— Padre! fiquei orphão poucos mezes depois de haver nascido ; minha figura terrivel, minha physionomia feroz me tornava objecto da antipathia e da repulsão de todos. No mundo só me tinha ficado um irmão, o unico homem que me amou ; criou-me, cercou-me de cuidados ; pois bem, quando eu tive vinte annos, apaixonei-me pela esposa de meu bemfeitor, e tive inveja da riqueza que ella possuia ; e matei meu irmão para roubar-lhe a mulher e a fortuna...

« Padre! meu irmão tinha deixado dous filhos, lindos e innocentes ; o mais velho contava apenas dous annos ; e eu, eu que me havia feito seu padrao, uma noite... afoguei com minhas mãos

meus sobrinhos para me apoderar da herança que lhes pertencia.

« Padre! precipitei-me de crime em crime; aborrecido por todos, a todos aborreci... Minha mulher ficou louca... e desde esse momento perdi-me de todo... Insultei as cãs da velhice... imolei a innocencia no altar de minhas paixões... e a infancia chorou debalde de joelhos a meus pés!...

« Embriagava-me com o cheiro do sangue! quiz dar a meus olhos o espectáculo do incendio, e aproveitando o silencio da noite entreguei ás chammas o palacio do rico e a cabana do pobre; e quando ouvi os lamentos dos infelizes desatei risadas de escarneo!

« Estava farto de fazer mal aos homens, quiz tambem insultar o poder de Deos : penetrei no interior de uma igreja, roubei os ornamentos dos santos, profanei os altares, e tambem entreguei ás chammas o templo!... Oh! mas quando de longe, do cume de um monte observava o incendio... oh!... pareceu-me ver no meio das chammas um braço vingativo, que se levantava ameaçando-me... era o braço de Deos! quiz fugir aterrado... e do seio do bosque pareceu-me sahir uma voz que me bradava : — *Excommungado! excommungado!*...

Era a voz de Deos!... e dentro de mim, quando eu todo tremia, quando meus cabellos se irriçavam, eu sentia um veneno que me abrasava as entranhas; e uma serpente, um abutre, me mordida o coração, parecia que me exaltava, que se animava, e que vencia quando eu me reconhecia reprovado pelo Céu! Padre, esse veneno, esse abutre era o demonio! era o domonio que me governava, e que eu tinha dentro de mim.

« O padre atterrado persignou-se, e ao sagrado signal o excommungado principiou de novo a tremer, e agarrou-se com as unhas ao tronco da arvore junto da qual estava.

« Não podia haver a menor duvida : o homem tinha o diabo no corpo.

« O padre levou um anno inteiro ás voltas com elle a trabalhar por livral-o da influencia do espirito maligno : de tres em tres dias se dirigia ao bosque onde o encontrára, e empregava todos os seus piedosos esforços para regenerar o peccador perdido.

« Mas todo esse trabalho foi perdido : o homem continuava sempre furioso e desesperado, e o seu semblante exprimia nos traços decompostos e terriveis o estado de sua alma.

« No fim de um anno, como eu ia dizendo, o padre suppoz ter descoberto o segredo ; julgou ter recebido uma inspiração, e perguntou ao excommungado :

— Infeliz, onde está o dinheiro que roubaste?...

« O homem-bicho soltou um grito pavoroso ; e o padre continuou sem hesitar :

— Infeliz, o diabo que te atormenta está escondido no dinheiro que roubaste ; dize, onde escondeste tuas riquezas?...

« A voz do padre era imperiosa ; o miseravel não teve remedio senão obedecer, e internandose pela floresta chegou enfim junto de um grupo de rochedos no meio dos quaes havia uma furna, e dentro d'ella tres grandes caixões cheios de ouro : era uma riqueza immensa !...

— Tu és um criminoso e um malvado, disse-lhe o ministro sagrado ; e esse dinheiro que ahí estondes não te pertence ; dize, poderás ainda restituir essas riquezas aos herdeiros d'aquelles a quem assassinaste?...

— Não ! não ! não ! bradou o excommungado bramindo como uma féra.

— Pois então, se queres paz e socego n'este mundo e salvação no outro, emprega esse ouro

em levantar uma igreja, uma capella ou uma grande obra pia.

« Depois de uma luta de muitos mezes o padre venceu o demonio, o excommungado cedeu, e levantou aquella ermida, que hoje está arruinada e para a qual se recolheu.

« Entretanto o ouro era tanto, que dos tres caixões um só foi bastante para toda a obra da ermida; apenas soube d'isso, o padre correu a ter com o tal tratante, que se começava a regenerar, e mandando-o carregar os caixões para a borda de um abysmo horroroso, que existe a poucas braças da capella, disse-lhe :

— N'esse ouro que te **resta** esta ainda escondido o demonio, e é necessario que te livres completamente de suas garras : seja este abysmo a *porta do inferno*; e atira com esse dinheiro o espirito maligno dentro d'elle.

« Ahi então é què houve luta desesperada ! o excommungado agarrava-se com os caixões do dinheiro como um gavião com os restos de uma presa que fizera !... Não havia já para o padre esperanza de victoria ; mas... ouviu-se uma especie de ronco no abysmo... a terra tremeu em torno d'elle... o padre e o criminoso recuaram

espantados, e desprendendo-se um rochedo que se levantava na bôcca do precipicio, cahio dentro d'elle, levando comsigo uma grossa camada de terra, e de envolta os caixões cheios de ouro, que desapareceram no abysmo.

— Eis a *bocca do inferno!* clamou o padre : o demonio cahio dentro d'elle!

« O santo homem enganava-se ; o espirito maligno tinha ficado no corpo do miseravel.

— O excommungado apenas vio sumirem-se os dous caixões, soltou um grito e cahio para traz ; quando voltou a si, ergueu-se, bradando — *ouro! ouro! ouro!* — começou a correr em roda da *bocca do inferno*, respondendo sempre ás esconjurações do padre com esse grito terrivel — *ouro! ouro! ouro!...*

Finalmente, depois de correr uma hora, o excommungado parou, e sentou-se á boca do abysmo, olhou para o padre com olhos desvairados, e disse :

— Eu quero o meu dinheiro!... ouro! ouro! ouro!...

« O padre quiz deixar o excommungado] descansar algum tempo : esperava que, passadas as primeiras impressões que lhe causára a perda de

tantas riquezas, elle tornaria a attendel-o; mas bem de pressa vio que o miseravel ia pouco a pouco estendendo as pernas para dentro da *bocca do inferno*, devorando o fundo do abysmo com olhos esbugalhados e côr de sangue.

— Infeliz! que tentas fazer?

— Vou lá em baixo, respondeu o excommungado; eu quero o meu dinheiro... ouro! ouro! ouro!

— Lá em baixo está o inferno...

— Ouro! ouro! ouro!... gritou pela ultima vez aquelle homem perdido, que já tinha metade do corpo dentro do abysmo.

« O padre correu para elle; mas foi tarde... chegou apenas a tempo de ver o corpo do excommungado tombar de penedo em penedo, de tronco em tronco, e depois desaparecer no fundo do negro precipicio.

— O ouro é o diabo!... exclamou o padre persignando-se.

IX

O DIABO COXO

— Não ha que duvidar, disse Americo ; a historia do Snr. Leocadio é mesmo de arripiar os cabellos !

— Tem sómente o defeito de ser um pouco inverosimil, observou Fabiana.

— Como assim ? perguntou o narrador.

— Quero dizer, mas sem a menor intenção de offendel-o, que custa-me bastante a acreditar n'ella.

— Pois, minha senhora dona, foi tal e qual : minha tataravó, que era uma santa mulher, a contou a minha bisavó, minha bisavó, á minha avó, minha avó á minha mãe, e minha mãe a este seu criado, que não é homem de mentiras.

— É o que vale ! seño fosse o poderoso e respeitavel testemunho de toda a sua familia, haveria muita gente que duvidasse do facto.

— Pois então, disse Leocadio mui orgulhoso da impressão que lhe parecia ter produzido a sua historia, preparem-se as senhoras e senhores para se admirarem ainda mais.

— Porque ?

— É que, se até aqui tive de fallar-lhes do excommungado, agora vou contar-lhes o que mais succedeu na tal ermida ; e teremos por consequencia a historia do *diabo coxo*.

— Ainda a ermida !

— Attenção !

Leocadio tornou a lançar um olhar mysterioso por toda a assembléa, tornou a tomar uma larga respiração, e fallou.

— A origem singular da ermida e o fim extraordinario e fatal do seu fundador causaram verdadeiro espanto ao povo d'estes lugares ; começaram a circular sinistros boatos de aparições sinistras nas circumvizinhanças d'aquella montanha. Dizia-se que de noite, e em horas mortas, via-se um figura branca e pavorosa, rezando aioelhada á porta da ermida, e que, quando pre-

tendia entrar dentro d'ella, uma mão invisivel e forte a empurrava para traz, e a figura desapparecia soltando gemidos pungentes : a sombra era a alma do morto, e a mão que a arrastava para longe da porta sagrada era a mão do diabo.

— Vamos a peor, Snr. Leocadio !

O velho proseguio :

— Outras vezes, mas de noite e tambem em horas mortas, via-se a mesma figura, mas agora com proporções colossaes, correndo em roda do abysmo... suas vestes brancas voavam levantadas por uma brisa tão fria que enregelava, e da bocca d'esse gigante do inferno sahia um grito agudo e penetrante : — *ouro! ouro! ouro!* — e logo depois ouvia-se o **baque** de um corpo, que tombava no fundo do abysmo.

« A consequencia do apparecimento d'estas abominaveis sombras foi que ninguem mais passou de noute por perto do monte, que ficou assim entregue ao poder dos espiritos infernaes ; a ermidinha cahiu em um abandono completo ; não houve quem se atrevesse a tomar conta d'ella, e posto que tivesse sido edificada com todo esmero e solidez, entregue ao furor do tempo e privada

dos cuidados humanos, bem cedo começou a estragar-se.

« Assim se passaram cincoenta annos : já haviam morrido quasi todas as testemunhas do caso tremendo que referi ; já alguns incredulos duvidavam da veracidade dos factos que eram contados pelos filhos, que os tinham ouvido de seus pais, quando uma outra personagem, não menos mysteriosa e fatal do que o excommungado, appareceu na terra.

— Ora vamos a vêr...

— Meus senhores e senhoras, o que agora vou contar não foi visto por minha tataravó, que desgraçadamente tinha já morrido ; porém minha bisavó, que tudo testemunhou, contou-o á minha avó, minha avó á minha mãe, e minha mãe a este seu criado.

« Ha cerca de oitenta e tantos annos chegou um dia a estas terras um homem desconhecido : ninguem soube de onde elle vinha, nem para onde ia, nem como se chamava ; era um moço de trinta annos, pouco mais ou menos, de estatura ordinaria, muito bem feito, rosto muito agradável, maneiras insinuantes, cabellos pretos, olhos negros e brilhantes... emfim, um mancebo

verdadeiramente elegante : todos porém lastimaram um grande seño que lhe tinha posto a natureza : era coxo.

— Eis ahi temos o diabo em scena.

— O tal desconhecido não pediu nem pão nem agua e nem pousada a ninguem : por acaso ouviu contar a historia da ermida, e desatando a rir, declarou que estabeleceria a sua morada exactamente no cimo da montanha ; e com effeito para lá se dirigio, e lá ficou sem se importar com as apparições nocturnas.

— Era corajoso !

— Qual corajoso ! era o diabo em pessoa.

— Ah !

— Entretanto este novo incognito em nada se parecia com o primeiro, que fôra o fundador da ermida : o excommungado mostrava ser um homem de idade já madura, e este, pelo contrario, parecia um mancebo na flôr dos annos : um era feio e intratavel, e este outro, pelo contrario, tão bonito como accessivel e agradavel. Diziam todos que o seu unico defeito era ser coxo ; admiravam-se porém que, sem recorrer a pessoa alguma, elle passasse vida regalada, e apparecesse sem-

pre em toda a parte bem vestido e com as algi-beiras recheadas de lindas peças de ouro.

« Correu assim algum tempo, e, como o desconhecido não fizesse mal a ninguém, desappareceram algumas suspeitas que se haviam levantado contra elle ; até mesmo notou-se que o mancebo fazia a todos o bem que podia, e que para isso nunca se fazia rogar.

« Mas no meio das demonstrações da gratidão popular, que naturalmente principiou a pronunciar-se a favor do desconhecido, alguém fez observar uma terrivel coincidencia : nunca o mancebo fez algum bem que não viesse logo após um grande mal ferir aquelle que o tivesse recebido ; nunca entrára em uma casa, mesmo para fazer algum beneficio, que a desgraça não cahisse como um raio sobre a familia que habitasse debaixo d'aquelle tecto.

« Apontaram-se logo diversos factos ; por exemplo :

« Em um dia de horrorosa tempestade correu toda a aba de um morro, sobre a qual estavam as roças de um lavrador pobre e carregado de filhos ; antes de todos, o desconhecido chegou á casa da desolada familia, e derramou no seio

d'ella a consolação, deixando aos infelizes uma boa somma de dinheiro; ora, na noite d'esse mesmo dia, e sem se saber como, ardeu a casa do lavrador, e seus filhos ficaram orphãos, porque o misero pai morreu queimado.

« Outro dia um viajante estava a ponto de ser levado pela corrente do Rio Claro engrossado pelas chuvas; o desconhecido appareceu de repente, lançou-se n'aguas e alvou o viajante; mas poucas horas depois tendo o infeliz continuado a sua viagem, o cavallo desencabrestou, e precipitando-se em um despenhadeiro desapareceu para sempre com elle.

« Como estes, referiam-se mais vinte ou trinta casos fataes.

« O desconhecido era principalmente grande conhecedor de hervas e raizes, e curava todas as molestias, e ainda mesmo aquellas a que os licenciados não tinham podido dar volta; mas que importava isso? se fazia levantar da cama um bom marido, logo que elle voltava as costas, a mulher, que escapára de ficar viuva, tinha um ataque repentino e morria.

« Se com seus remedios salvava um filho, com sua maligna influencia matava a mãe; atraz do

seu beneficio vinha sempre infallivel, inevitavel o maleficio.

« Em consequencia do que acabo de dizer, já ninguem queria saber dos remedios nem das curas milagrosas do desconhecido ; e combinados todos estes factos, e estudada bem a vida do tal incognito, o povo cahio emfim na verdade, e comprehendeu que esse incognito não era mais do que a alma do excommungado ou, melhor ainda, o mesmo diabo em pessoa ; e tanto mais que elle trazia um senão terrivel, era coxo.

« Por aquelle tempo adoeceu um rico fazendeiro d'este lugar ; chamava-se Guilherme ; bom para os pobres, honrado e temente a Deos ; era viuvo e tinha uma unica filha que fazia as delicias da sua vida : chamava-se Ovidia.

« Ovidia era a belleza da terra ; joven formosa e cheia de virtudes, dava fortuna a quem se chegava ella, e encantava os velhos dias de seu extremoso pai ; quando a menina o vio ás portas da morte, chorou como boa filha que era, e, querendo a todo custo salvá-o, exigio que se chamasse o desconhecido.

« Esquecia-me de dizer que Ovidia estava para

se casar com um bello mancebo chamado Reginaldo.

— Com effeito ! observou Fabiana ; o Snr. Leocadio tem de côr todos os factos e todos os nomes não lhe esquece nada !...

Leocadio olhou meio desconfiado para a senhora que o interrompia, e respondeu :

— Senhora dona, foi minha bisavó que contou á minha avó, minha avó á minha mãe, e minha mãe a este seu criado, que não é homem de mentiras.

— Vámos, vámos, Snr. Leocadio, disse Adrianna.

O narrador continuou :

— Quando Reginaldo ouviu o que pedia Ovidia lembrou-se que, segundo o que até então se observára com todos, se o diabo coxo viesse acudir ao velho Guilherme, salvá-lo ia certamente ; mas logo depois alguma pessoa bem cara a elle morreria n'aquella casa : ora estava claro que a victima não podia ser outra senão a propria Ovidia.

« O noivo fez portanto quantas reflexões lhe inspirou a razão e o amor ; mas tudo foi baldado ; Ovidia teimava sempre : comtanto que seu bom

pai escapasse, pouco lhe importava morrer, dizia ella.

« Não houve outro remedio senão ceder ás exigencias da moça : mandou-se chamar o diabo coxo.

« Chegou o fatal mancebo, e foi introduzido no quarto do velho : no fim de uma hora sahio, foi buscar hervas e raizes cujas virtudes conhecia, e começou com zelo e cuidado a administrar seus remedios ao doente.

« No fim de tres dias Guilherme estava de pé : tinha sido uma cura estrondosa!

« Entretanto o mancebo desconhecido teimava em demorar-se n'aquella casa contra o seu costume antigo, segundo o qual apenas fazia tomar um remedio a um doente, retirava-se como seguro do resultado d'elle.

« Havia o que quer que fosse então nos modos do tal diabo coxo : seu rosto bello e alegre tomára uma doce expressão de melancolia, o seu olhar ardente e penetrante estava sem cessar cravado no semblante de Ovidia.

« Reginaldo, que não podia deixar escapar nenhuma d'estas circumstancias, e que, com muita razão, se affligia com o que observava, aproveitou

um momento em que se achou a sós com o desconhecido, e perguntou-lhe, um pouco incivilmente talvez, se ainda não considerava Guilherme livre de perigo. O desconhecido, diabo coxo ou não, sorriu-se com um amargor inexplicavel, e respondeu :

— Ainda me é preciso ficar aqui outros tres dias.

« Reginaldo olhou meio espantado para o mysterioso mancebo, que continuou :

— A razão da minha demora o Snr. saberá no fim de cinco minutos.

— E porque não agora mesmo?

— Porque não precisarei dizel-a, visto que a sua noiva ha de entrar n'esta sala no fim de cinco minutos para dizer-me que seu pai teve um novo ataque.

« Reginaldo empallideceu.

« Ficaram ambos os mancebos olhando um para o outro pouco mais ou menos o tempo necessario para se passarem cinco minutos.

— É agora, disse friamente o desconhecido.

« Reginaldo ouviu um pungente grito de dôr, e pouco depois Ovidia entrou na sala, e lançando-se para o mysterioso mancebo gritou-lhe :

— Acuda! meu pai morre!...

— Não morrerá, senhora, respondeu elle; sua filha vai salvá-lo.

« Tirou depois do bolso um vidro que continha uma agua muito clara, e pediu a Ovidia que bebesse algumas gottas d'aquella agua; que com ella humedecesse os labios, e depois fosse beijar a fronte de seu pai.

« A moça obedeceu promptamente ás ordens do desconhecido; mas apenas tinha bebido a primeira gotta d'aquella agua, olhou com surpresa para o mancebo e córou.

« Depois correu para onde estava seu pai, deu-lhe um beijo na fronte, e vio que elle se levantava de novo como se nada houvesse então soffrido.

« Na noite do sexto dia o desconhecido fez reunir o velho, o noivo e a moça na sala, e disse-lhe :

— Velho, eu te curei; mas tua filha devia pagar com a vida teu restabelecimento : venci o meu destino, e ella não morrerá; para já a fiz beber algumas gottas de um licor mysterioso; cumpre porém, ainda, que respire o perfume de uma flôr encantada.

« O velho e o noivo olharam para Ovidia.

— Sim! sim! eu quero a vida!... disse com ardor a moça.

« O mancebo apresentou-lhe então uma rosa formosíssima, cujas petalas pareciam humedecidas pelo orvalho da noite.

« Ovidia recebeu a rosa e respirou sua fragrança; quanto mais a respirava mais desejava fazel-o :

— Que aroma!... exclamou ella com indisivel alegria; que perfume deleitoso!...

« Reginaldo pediu-lhe licença para cheirar a rosa, e a um volver de olhos do desconhecido a moça consentio.

— Não sinto aroma algum! disse o noivo espantado.

— Guardai essa rosa no seio, senhora, tornou o mancebo.

« Ovidia obedeceu.

— O que sentis?...izei.

— Sinto um calor que anima, que dá vida, que exalta...

— Ainda bem!... exclamou o mysterioso desconhecido com enthusiasmo; agora posso retirar-me.

« Dizendo isto, sahio; mas Ovidia acompanhou-o até á porta, e ahi approximando seu lindo rosto e tocando com seus labios o ouvido do mancebo, murmurou docemente :

— Eu vos amo.

— Entramos agora na historia do diabo amoroso! exclamou Fabiana, que não podia estar muito tempo sem fallar.

— E o mais é que os taes contos fantasticos do Snr. Leocadio não deixam de ter seu interesse.

— Faz gosto ver a attenção com que o Snr. Americo está ouvindo a historia da ermida arruinada, observou Leonor.

— Pois se eu já disse que pretendia escrever um romance!

— Mas os senhores interrompem a cada instante o Snr. Leocadio, acudio Adrianna; assim não será possivel nunca chegarmos ao fim da historia.

— Continue, continue, Snr. Leocadio.

O velho proseguio.

— Não é preciso dizer que o desconhecido tinha dado um philtro a Ovidia para se fazer amar, ou que, como pensaram muitos n'aquelle tempo, a

filha de Guilherme havia ficado sujeita ao poder do espirito maligno.

« Passou-se um mez : durante elle disseram alguns que, todas as noites á meia noite, rebentava um tufão violento e tempestuoso, que soprava do lado da ermida arruinada, e que logo depois na fazenda de Guilherme apparecia por baixo da janella do quarto de Ovidia uma figura humana : era o desconhecido ; a um signal convencional abria-se a janella, e Ovidia se mostrava ; conversavam então ambos a respeito dos seus amores.

« Mas com o fim do mez tinha chegado a epocha marcada para o casamento de Reginaldo e Ovidia ; Guilherme chamou sua filha e annunciou-lhe que dentro de tres dias se devia realisar a festa nupcial.

— Meu pai, respondeu ella, eu não me quero casar com o Snr. Reginaldo.

— Como ? perguntou o velho surpreso.

— Eu amo a outro, senhor.

— E a quem ?

— Ao homem que vos salvou a vida.

— Que !... a um desconhecido ?...

— Eu o conheço desde a vossa molestia.

— Ao...

— Dizei, senhor.

— Ao diabo coxo?...

« A moça córou até á raiz dos cabellos, e chorando de vergonha e de dôr respondeu :

— Meu pai, não creio nas calumnias de um povo ingrato : amo aquelle que me conservou meu pai.

— Ordeno-te que o não ames.

— Não posso, senhor.

« Teve então lugar, como era bem de prever uma luta desesperada entre o pai e a filha; a moça esgotou debalde todos os recursos, lagrimas, rogativas, empenhos de amor filial, tudo foi em vão : a authoridade paterna levantou-se firme e severa contra a louca paixão de Ovidia.

« Chegou a noite; á hora costumada o tufão rugiu, e pouco depois o desconhecido e Ovidia viram-se e fallaram-se durante muito tempo.

« No outro dia a noiva estava fria, calma e como disposta ao casamento; Guilherme nem ao menos notou que sua filha tinha as faces afogueadas e o olhar desvairado.

« A ultima noite, emfim, ia passar para a moça

solteira; o sol do outro dia devia presidir o seu casamento.

— Meu pai, disse Ovidia, teimais sempre em sacrificar-me a Reginaldo?

— Sim.

— Então estou decidida.

« No dia seguinte, logo ao amanhecer, tudo se achou prompto na fazenda de Guilherme para a celebração do casamento de Reginaldo e Ovidia; faltava só a noiva.

« Ovidia tinha desaparecido.

« Nada pôde descrever o desespero de Guilherme e Reginaldo; adivinharam immediatamente o lugar onde a infeliz moça deveria estar escondida. O nome do raptor sahio ao mesmo tempo da boca do pai e do noivo.

« O diabo coxo havia entrado na casa de Guilherme; a desgraça entrou n'ella tambem pouco tempo depois d'elle : era o destino fatal que se realisava.

« Mas um grito horrivel de furor e de vingança foi soltado por Guilherme.

— Á ermida ! á ermida ! disse elle.

« E poucas horas depois, o pai o e noivo marchavam á frente de vinte homens armados para

disputar ao diabo coxo a posse da infeliz Ovidia.

« Animados pelo desejo de vingar-se, o velho pai e o joven noivo conduziram a sua gente á ermida da montanha : a viagem foi curta, porque o odio emprestava azas aos offendidos.

« Guilherme e Reginaldo marchavam na frente, e logo que principiaram a subir a montanha pelo ingreme trilho que conduz á ermida, viram o desconhecido, ou o diabo coxo, e Ovidia com os braços entrelaçados, e sentados ao lado um do outro sobre a negra rocha que domina o abysmo, que se chama *bocca do inferno*.

« Ovidia tinha a fronte ornada com uma corôa de noiva, e o desconhecido estava ebrio de prazer.

« Avistando aquelles que o procuravam, o desconhecido deixou por alguns momentos Ovidia, e dirigindo-se a Guilherme disse-lhe de longe :

— Senhor! vossa filha e eu nos amamos, a paixão nos une e nos cega, a vós cumpre agora marcar o nosso leito de nupcias ; se consentís n'essa união, elle será em vossa casa ou na minha ; mas se quizerdes arrebatarme Ovidia, o nosso thalamo será no fundo do abysmo.

« Por unica resposta Guilherme voltou-se para os seus e bradou-lhes :

— Fogo !

« Uma descarga estrondou : Ovidia deu um grito de dôr; mas bem depressa socegou, vendo o seu amante correr para ella : nem um só dos tiros dados havia ferido o diabo coxo.

« Então passou-se uma scena horrorosa.

« O desconhecido e Ovidia apertando mutuamente suas mãos mostraram-se em pé sobre o rochedo e á borda do abysmo.

« Guilherme, Reginaldo e os seus correram furiosos contra o diabo coxo, e para arrancar de suas garras a victima.

— Meu pai! bradou Ovidia; vós me sacrificais... quereis que o meu leito nupcial seja o fundo do abysmo?... meu pai! tende piedade de mim!... abençoai a minha paixão!

— Ávante!... gritou o velho aos seus.

« Em resposta áquelle grito, o diabo coxo e a infeliz abraçaram-se terna e apertadamente, deram um no outro um beijo de fogo, e abraçados como estavam, precipitaram-se no abysmo.

« Soou um grito geral.

« O velho pai cahio para traz desmaiado, e ficou estirado como se estivesse morto.

« Reginaldo correu para a borda do abysmo,

e olhando para dentro d'elle, vio pendurados nos galhos de algumas arvores e nas pontas dos rochedos alguns pedaços de vestidos manchados de sangue, e no fundo tudo negro... e tudo em silencio... nem um gemido.

— É a porta do inferno, disse elle.

— A paixão é o diabo, accrescentou um ancião que se havia approximado.

A IDÉA DE FREDERICO

Apezar das interrupções de D. Fabiana, e do tom de zombaria que ella dera sempre ás suas palavras, e a despeito da incredulidade com que quasi todos tinham ouvido Leocadio, era evidente que a historia da ermida havia produzido alguma sensação sobre a assembléa; porque reinou durante algum tempo silencio profundo na sala.

Leocadio saboreava, olhando para os circumstantes, o triumpho que alcançara sobre aquelles *espíritos fortes*; mas no fim de alguns minutos foi ainda Fabiana quem abriu de novo a conversação.

— E que mais? perguntou ella ao narrador: já tivemos a historia do diabo transformado em

nuro, e do diabo arvorado em paixão amorosa ;
que mais agora ?

Todos olharam para Leocadio.

— Mais nada ; e creio que para desgraças já
não foi pouco.

— E portanto, ficou de novo a ermida desha-
bitada, em consequencia da má fama que adqui-
rio ?...

É verdade : desde esse dia fatal em que a
infeliz Ovidia foi levada nos braços do diabo
coxo para o fundo do abysmo, ninguem mais até
hoje se animou a penetrar na ermida, e a se
demorar lá por muito tempo, sem que algum
grande infortunio lhe não sobreviesse.

— Isso é preocupação, meu caro.

— Não, não é : os senhores zombam da credu-
lidade, e do que chamam prejuizos do povo ;
mas, não têm razão. O povo não sabe fazer racio-
cinios intrincados, porque não é sabio ; julga
porém melhor do que os sabios, porque julga
pelos factos e só pelos factos.

— Que terrivel paradoxo !...

— Então o que foi que julgou e decidio o povc
a respeito da ermida ? diga-nos tudo.

— O povo julgou que o diabo se tinha apode-

rado d'aquelle monte, e que embora não pudesse entrar na ermida, contentava-se com apoderar-se d'aquelles que se expunham a demorar-se nos arredores d'ella.

— A primeira consequencia não está contida nos principios; observou Americo, que havia estudado logica por Genuense.

— O povo julgou que a entrada do abysmo era com effeito a porta do inferno, e que no fundo devia haver alguma comunicação subterranea por onde o diabo se dirigisse, quando lhe aprouvesse, ás regiões infernaes.

— Esta agora é melhor ainda !...

— O povo julgou que em torno da ermida passavam de noite mysterios abominaveis e infernaes; que o diabo vinha, nas horas mortas pôr-se de espreita a ver se podia surprehender novas victimas; e que emfim as sombras do excommungado e de Ovidia tornavam por algumas horas ao mundo para sentar-se na pedra negra, ou passear pela montanha ao clarão da lua.

— Romantismo !... romantismo !... mas tem o defeito de ser já um pouco sedição.

— O povo julgou ainda, porque os factos que já referi, e muitos outros que não quero agora

relatar, o obrigaram a isso; o povo julgou, digo eu, que, quando alguém ia observar mesmo de longe o que em torno da ermida se passava, principalmente depois da entrada do sol, alguma desgraça acontecia ao curioso; e se, ainda mais, ousava subir á montanha, visitar aquelles lugares, chegar-se junto do abysmo, e mesmo penetrar na ermida, então, ai d'elle!... o infortunio ia além... uma morte devia sobrevir... uma victima nova devia cair nas garras do demonio!

— Então, pobre Sr. Americo!

— Meus senhores e senhoras, continuou Leocadio; o que o povo julgou e julga ainda, o que d'antes acontecia pôde e deve acontecer tambem agora.

— Oh! que terrivel profecia!

— Foi por isso que eu lastimei que aquelle senhor houvesse demorado a sua viagem para observar o que se passava em torno da ermida, e é por isso que eu lhe peço de todo coração que não se atreva a subir á fatal montanha.

— Mas, Sr. Leocadio, peço-lhe que repare que falta ainda um ponto muito importante da historia da ermida arruinada, e cuja explicação muito desejamos ouvir, observou Frederico.

— E qual é?

— O apparecimento dos novos habitantes d'esse lugar mysterioso.

— Sim... sim... é verdade.

— O que posso eu dizer a tal respeito?... por ventura seria eu tão louco que me mettesse a querer resolver taes arcanos?... sei que ha alguns mezes as portas da ermida se abriram e que ella ficou sendo habitada; dizem-me que uma mulher velha, uma moça doida, e uma menina que brinca e ri, moram em cima da montanha, e olham ás vezes para o fundo do abysmo; eis aqui o que eu sei, e creio que não se precisa saber mais.

— Então porque?

— Porque tudo está claro como a luz do meio dia: é o diabo que se mostra debaixo de novas fórmas; é o diabo que se apresenta trajando saias e vestidos... ora é boa!... seria a primeira vez que assim apparecesse?...

Toda a assembléa desatou a rir; o proprio Dr. Benedicto, sempre sério e grave, não pôde conter-se, e tomou parte na hilaridade geral.

— Os senhores riem-se... permitta Deos que não venham a chorar ainda; eu digo que estamos em vespéras de novas desgraças; sustento que o

diabo está alli mostrando-se a todos os olhos na figura de uma velha, de uma moça e de uma menina.

— Triplice tentação diabolica! d'esta vez ninguém lhe escapa!

— Sim : é o diabo que chora nos olhos da velha, que canta na voz da moça, e que ri nos labios da menina; e quem quizer enxugar aquellas lagrimas, deixar-se enternecer por aquelles cantos, ou seduzir por aquelles risos, está infallivelmente perdido.

Acabando de pronunciar estas palavras, a que soube emprestar um tom sinistro, Leocadio levantou-se como quem não tinha mais nada para dizer, e foi recostar-se em uma janella.

— Portanto, Sr. Americo, disse Adrianna forçando para sorrir-se; nada mais de ermida arruinada.

— Ao contrario, minha senhora, pretendo fazer-lhe uma visita amanhã mesmo : diz-me o coração que o que alli se passa, em vez de ser um terrivel mysterio infernal, é uma grande desgraça humana.

— Dir-se-hia que o senhor enterneceu-se de mais ouvindo o canto da doida...

— Um pouco... devo confessal-o.

— Então já vejo que seriam inúteis todos os vossos pedidos para que abandonasse o pensamento de tornar a vel-a, disse Leonor.

— Veio-me uma idéa extravagante! exclamou Frederico.

— Extravagante! observou Americo : querem ver que me estão roubando o privilegio das idéas extravagantes!

— Qual é?... qual é, Sr. Frederico; perguntou Fabiana.

— Mas para que ella tivesse lugar, seria preciso que o Sr. Christiano a adoptasse.

— Adopto-a, respondeu o digno hospede : eu voto por todas as extravagancias toleraveis e admissiveis n'estes quinze dias.

— *Regnum meum est in hoc mundo* por estes quinze dias; disse Americo alegremente.

— Mas qual é a sua idéa, Sr. Frederico?...

— Temos amanhã fogueira, dansa, e noite de folguedo, não é verdade?...

— Sem duvida; havemos de festejar como pudermos a vespera de S. João, respondeu D. Gabriella.

— Pois então proponho que sejam formalmente

convidados para tomar parte na festa as mysteriosas habitantes da ermida arruinada : eis a minha idéa.

— O que é que diz, senhor?!!! exclamou Leocadio, dando um pulo da janella para o meio da sala.

— Offereço um additamento á proposta do Sr. Frederico, acudio Americo : proponho que eu seja o portador do convite.

— Nada : hei de ser eu...

— De modo nenhum ; irei eu...

— Protesto...

— Então vamos todos...

— Silencio, senhores, haja ordem ; exclamou Christiano : decidam primeiramente as senhoras se votam a favor da primeira proposta.

Houve então uma discussão tão desordenada, discursos tão interrompidos, tantas risadas e tanto barulho, que durante meia hora não se pôde perceber uma só palavra de qualquer das dignissimas oradoras !

Tornou-se porém notavel Adrianna ; porque nem deu a sua opinião, nem acompanhou o prazer ruidoso das outras suas companheiras

Emfim, depois de uma lucta desesperada, Christiano conseguiu fazer-se ouvir, e exclamou ;

— Está fechada a discussão e ninguém falla mais. Vamos agora a saber : o que decidiram as senhoras?...

— Que se convide!... que se convide!... gritaram as moças.

A propria D. Gabriella, a esposa de Christiano, ria-se e fallava como qualquer das moças mais bulhentas.

Christiano reparou que sua filha nada tinha dito, e perguntou-lhe :

— E tu, Adrianna, tu que dizes?

— Que se não faça tal convite, meu pai.

— Está em minoria! está em minoria!... está em unidade!... clamaram as outras.

— Estará, observou Americo ; mas notem bem, minhas senhoras, que não seria a primeira vez que a unidade derrotasse a centena : dizem que ha uma terra onde já se observou esse milagre.

— Embora, acudio Gabriella ; o voto de Adrianna não pôde valer mais que o de nós todas : passou que se fizesse o convite, e ha de se fazer.

— Está dito : fallou a dona da casa, que é uma

especie de rainha absoluta aqui, disse Christiano : decidio-se pois a primeira questão entre as senhoras ; agora devemos nós os homens chegar a um accordo sobre outra.

— Sim, sim ; quem levará o convite ?

— Eu, que dei a noticia da douda, disse Americo.

— Eu, que fui o autor da proposta, disse Frederico.

— Eu... exclamou outro.

— Eu... acudio um quarto.

— Proponho que o encarregado do convite seja o Sr. Leocadio.

— Nem que me serrassem !... gritou o homem espantado : eu não sou louco.

— Pois vamos todos...

— Não : escreva-se antes um convite assignado por todos nós, e mande-se um criado leval-o.

— Apoiado ! apoiado !

— Pois vá feito... escreva-se o convite.

— Hoje não ; acudio Adrianna : basta já de ermida arruinada e de historias de almas do outro mundo... façam o que quizerem amanhã... hoje dansemos.

— Dansemos !

— Sim ; vamos dansar.

— É admiravel ! disse Leocadio ; a pessoa que no meio de toda esta gente mostra mais juizo e prudencia é uma moça que terá, quando muito, dezoito annos, e que ainda ha pouco me parecia uma cabecinha de vento !

Leocadio foi interrompido nas suas reflexões pelo piano que dava o signal do começo de uma quadrilha.

XI

O RESTO DA NOITE

— Protesto contra o piano! exclamou Americo deixando-se ficar em pé no meio da sala.

— Então porque?

— Pois não estão vendo?... o piano rouba-nos a Sra. D. Adrianna, que deve por força dansar! declaro que não danso tocando uma senhora.

— Agradecida, Sr. Americo; mas as historias da ermida deixaram-me a cabeça tonta, e o piano é um remedio santo para tonteiras.

Nada, eu sou homœopatha, e curo com os semelhantes : o melhor remedio para tonteiras é uma boa valsa.

— Pois valsarei d'aqui a pouco.

— Sr. Americo, disse Leonor muito baixinho

ao ouvido do mancebo; se não fôr um sacrificio para o senhor, estou prompta a acceitar uma contradansa, a que D. Adrianna pareceu não dar muito valor.

Americo olhou meio admirado para a senhora que assim lhe fallava, e encontrou-a com os olhos fitos n'elle e sorrindo-se maliciosamente.

— Foi uma reprehensão com que me quiz castigar, minha senhora?

— Não; é que o Sr. Christiano estabeleceu ainda agora o reinado das extravagancias, e eu entendi que em tal caso eram as senhoras que deveriam pedir contradansas aos cavalheiros.

— Sendo assim, não me resta senão agradecer a honra da escolha.

Quando Americo foi com Leonor tomar um lugar na quadrilha, Frederico e Fabiana trocaram um sorriso, que por ninguem teria sido percebido se Benedicto não tivesse os olhos cravados n'elles.

— Receei bastante, Sr. Americo, disse Leonor, que, apesar do meu pedido, não lhe pudesse mover a dansar comigo esta contradansa.

— Mas porque?... creio que não é a primeira vez que tenho a honra de ser o cavalheiro de tão distincta senhora.

— Eu disse — esta contradansa...

— Então o que tem esta?

— Não sei.

— Já vejo que tem na mente pôr em torturas a minha afamada curiosidade.

— Não... não por certo.

— Em todo caso, minha senhora, peço-lhe uma explicação.

— Não posso : d'aqui ha pouco o senhor me comprometteria.

— Eu nunca comprometti a ninguem na minha vida : diga-me o que ha... não vê que já estou incommodado?

— Olhe... já perdeu dous compassos... a senhora de *vis-a-vis* está dansando só...

— Bem... lá se foram dous compassos por sua causa... lembre-se que m'os fica devendo.

No intervallo da segunda á terceira contradansa, Americo foi o primeiro a dirigir a palavra a Leonor, e nem ao menos reparou que Adrianna o observava com um olhar abrazador e quasi colerico.

— Pague-me os meus dous compassos, minha senhora.

— Mas como?

— Dando-me a explicação do enigma que me repetio ainda ha pouco.

Leonor pareceu reflectir.

— Diga...

— O senhor, jura não dizer a ninguem o que lhe vou contar?

— Juro... juro...

— Palavra de honra?

— Oh! então o negocio é tão grave assim?

— Palavra de honra, Sr. Americo?

— Vá : palavra de honra.

— E principalmente a D. Adrianna nem meia palavra, sim?

— Nem uma syllaba, nem uma letra vogal nem consoante; está dito.

— Pois bem : eu sei que o senhor está loucamente apaixonado por D. Adrianna.

— Bonito! e quem lhe fez essa descoberta?

— Ella mesma.

— Ella? repetio Americo voltando os olhos para Adrianna, que immediatamente abaixou os seus sobre o teclado.

— Não olhe assim, senão ella desconfia, e eu não lhe digo mais nada.

— Está bem : continue.

-
- Primeiramente, fallei verdade ou menti?
- Ora... as senhoras nunca mentem.
- Então confessa?
- Não, senhora, eu nunca estive loucamente apaixonado por ninguém.
- Em uma palavra : ama, ou não ama?
- Mas que especie de interesse lhe inspira o desejo de saber o estado do meu coração?
- Queria resolver um problema sobre a vaidade de Adrianna.
- Ha de ser um pouco difficil a descoberta do valor d'esse x .
- Quer a prova de que eu tinha o direito de o julgar assim perdido de amores por ella?
- Quero, pois não! ha de ser uma prova um pouco inquestionavel ; mas venha.
- D. Leonor ! D. Leonor !... disseram a um tempo algumas vozes.
- O que é?
- Já perdeu dous compassos... danse.
- Eis ahi, Sr. Americo, por sua causa.
- Estamos pagos, minha senhora.
- Adrianna começava a tocar com tanta viveza, que parecia sómente desejosa de levar ao fim aquella quadrilha o mais depressa possivel.

Um instante depois, Americo proseguio perguntando a Leonor.

— Vamos, minha senhora : e a prova?

— A prova?... de que mesmo?... já me não lembro do que estavamos conversando.

— Ora... a prova da minha morte de amor por D. Adrianna.

— Pois bem : ella me disse que tinha tanta certeza da sua paixão, que apostaria mil contra um em como o senhor viria passar aqui os nossos quinze dias de festa, ainda que hoje chovesse raios e coriscos.

— Apostava mil contra um!... estas senhoras apostam com summa facilidade; porque de ordinario, quando perdem, agarram-se a qualquer desculpa, e acabam sempre por provar a nullidade do contracto.

— Disse mais, que me podia demonstrar de um modo irresistivel o poder que tem sobre o senhor.

— E como?

— De mil maneiras. Por exemplo : asseverou que, quando ella não dansava, o senhor não dansaria com nenhuma outra senhora, e desafiou-me a obrigar-o a fazer o contrario.

— Portanto...

— Oh! mas tambem era impossivel que um cavalheiro bem educado resistisse a um pedido formal feito por uma senhora, como esse que eu lhe fiz.

— Tambem ahi tem razão.

— E como nós ambas calculassemos com siso. ella declarou que o castigaria exemplarmente.

— Peior : então estou ameaçado?... e qual deve ser o meu castigo?... minha senhora, tenha dó de mim : veja que já estou tremendo.

— Ande, Sr. Americo, danse : não quero que digam que o estou distrahindo.

D'ahi a pouco a conversação continuou.

— Não percamos tempo, minha senhora, diga-me : qual é o exemplar castigo que me espera?

— Adrianna assegurou-me que, ainda quando o senhor não podesse furtar-se ao dever de dansar comigo, seria prompto a correr aos pés d'ella no fim da contradansa para implorar o seu perdão.

— Bem; até aqui eu como um peccador humilissimo : e depois?

— E depois o senhor choraria a noite inteira para dansar com ella, e sempre debalde : Adrianna lhe diria que sim tres vezes, e todas as tres vezes

o deixaria ficar sentado, a menos que seus pais lhe não ordenassem o contrario.

— Só isso?

— E mais ainda; e muito mais ainda : porém o resto guardo para mim, e só lhe direi depois das primeiras experiencias.

— Mas, minha senhora, D. Adrianna não poderia dizer que eu tivesse feito nenhuma declaração de amor.

— É verdade que me não disse tal : assegurou-me até o contrario d'isso, acrescentando todavia que não tinha necessidade de declarações para asseverar o que dizia e assegurar que o senhor era o mais louco dos seus adoradores.

— Dos seus... por consequencia ella deve de ter muitos outros...

Leonor desatou a rir com uma expressão de diabolica ironia; depois de alguns momentos suffocou o riso e disse :

— Qual! não : o senhor é o primeiro e unico amor de Adrianna.

Americo mordeu os beiços e abafou um gemido que lhe partia do coração; fingio-se porém socegado e perguntou :

— D. Leonor, e a sua amiga lhe disse tambem

porque é que ella assim se julga tão superior ás outras senhoras, que possa ostentar um imperio absoluto sobre mim?

— Ora, porque me não havia de dizer?

— Muito bem : conte-me isso.

— Fiz-lhe a mesma pergunta que o senhor acaba de me dirigir.

— E ella?

— Respondeu-me concisamente com um *tenho* tres vezes repetido, e cada qual bem capaz de convencer a um cego e a um surdo.

— Qual foi então esse *tenho* tres vezes repetido?...

— Eil-os : tenho encantos, disse-me ; portanto, Sr. Americo, um surdo poderia ver sua belleza e não resistir a ella.

— E se fosse cego?

— Tenho prendas, continuou ; e por tanto um cego, que não fosse surdo, poderia ouvir sua voz harmoniosa, ou os doces accordes arrancados por ella ao piano, e ficaria perdido de amores.

— Mas se fosse cego e surdo?

— Tenho um rico dote, concluiu Adrianna ; e portanto, Sr. Americo, um homem que fosse cego e surdo, mas que chegasse a saber que a minha

amiga é riquíssima, não poderia deixar de sentir-se *loucamente apaixonado por ella*.

Leonor carregou de um modo muito significativo sobre as palavras — *loucamente apaixonado por ella*.

Americo fingio um sorriso : era outra vez ocasião de dansar, e interrompeu-se ahí a conversação.

— D. Leonor, disse Americo quando teve tempo de dirigir-se de novo a seu par ; D. Leonor, franca e seriamente diga-me : a sua amiga ao fallar-lhe no seu rico dote, referia-se a mim ?

— Sr. Americo... parece que lhe fiz mal... o senhor está tão sério.

— Qual? respondeu o mancebo rindo-se ; estou descansando para rir-me outra vez d'aqui a pouco, como costume.

— Antes isso.

— Mas tenha sempre a bondade de responder á minha pergunta : quando D. Adrianna disse : — *tenho um rico dote*. — referio-se a mim ?

— Quer absolutamente sabel-o ?

— Sim.

— Referia-se.

Americo fez-se pallido como uma estatua de

marmore; depois socegou, fitou em Leonor um olhar prescrutador e perguntou :

— Ainda agora pediu-me a minha palavra de honra, e eu lh'a dei; tambem agora eu lhe vou pedir a sua.

— Mas porque?

— D. Leonor, não tenho a menor intenção de offendel-a; mas ás vezes as senhoras gostam de zombar e de se divertir com os soffrimentos dos homens : vingam-se por essa maneira dos dissabores que por nossa parte lhes causamos.

— Não eu, Sr. Americo.

— Ás vezes tambem duas senhoras que se sentam juntas, que se festejam, que se abraçam e se beijam, são duas inimigas, que se detestam e se hostilizam, e que não perdem meio algum de comprometter uma á outra.

— O que quer dizer com isso?

— Nada, nada que possa offender á senhora : quero sómente que me diga se em tudo quanto acaba de conversar comigo não houve de sua parte simplesmente a idéa de zombar de mim.

— Oh! não, senhor.

— Pergunto-lhe, D. Leonor, se a senhora é

verdadeira amiga de Adrianna; se a não detesta, se a não hostilisa?

— **Somos** amigas de coração.

Faria pena a qualquer a ingenuidade de Americo; elle continuou :

— Emfim, peço-lhe que me diga debaixo de sua palavra de honra tambem se é absolutamente verdade tudo quanto me disse ha pouco.

— Absolutamente verdade.

— A sua amiga asseverou-lhe tudo quanto acabei de ouvir ha pouco?

— Sem a menor duvida.

— Palavra de honra, D. Leonor?

— Palavra de honra.

Americo não proferio mais palavra durante o resto da quadrilha; entregou-se exclusivamente á dança : dansou e saltou como um frenetico.

Finalmente conduzio Leonor a uma cadeira e retirou-se para o terraço ; não vio que a senhora com quem acabava de dansar trocava um signal de intelligencia com Fabiana.

Mas Benedicto, que as observava, franzio os supercilios e foi ter com Americo.

XII

A CORDIAL AMIGA

A noite estava mais que fresca ; estava fria como todas as noites da ultima ametade do mez de junho ; entretanto assim como Americo, acabando de dansar, se sentira abrasado de calor e se dirigira ao terraço, assim tambem Adrianna, deixando o piano, fôra debruçar-se a uma janella.

A um mover-se de olhos de Fabiana, Leonor levantou-se da cadeira onde estava sentada : seu rosto, que se mostrára alegre e vivo durante a quadrilha que acabava de ter lugar, tomou uma expressão de desagrado ou de resentimento, e em seus labios se mostrou um meio sorriso de amargor e de ironia.

Como se passeasse indifferentemente pela sala,

Leonor dirigio seus passos para a janella em que estava Adrianna, e quando passava junto d'aquella, de quem se dissera cordial amiga, deixou cahir como um raio estas breves palavras :

— Falsa como todas!

Adrianna voltou-se logo, como se sentisse a mordedura de uma serpente, e dando um passo para collocar-se diante de Leonor, perguntou-lhe :

— O que é que dizes?

Leonor pareceu querer devorar o rosto de Adrianna com os olhos, e com voz tremula e comprida repetio :

— Falsa como todas!...

Adrianna ficou alguns instantes em silencio, como quem não comprehendia o que queriam dizer aquellas palavras que pela segunda vez soavam a seus ouvidos : quando pôde fallar perguntou com desconfiança e azedume :

— Leonor, que sentimento predomina em ti agora, a zombaria ou a hypocrisia?

— E ainda em cima offendes-me?

— Entendamo-nos : ou queres escarnecer de mim, ou pretendes enganar-me, ou (para desculpar-te de algum modo) talvez não estejas em ti...

Leonor chegou-se para a janella :

— Não estou em mim, confesso; mas quem d'isso tem culpa és tu, que pagaste a minha franqueza com a mais indesculpavel deslealdade.

— Eu desleal!... eu!...

— Sim, tu mesma, Adrianna.

— Leonor, tu tens na consciencia o contrario do que estão dizendo teus labios.

— Oh!... e porque diria eu o contrario do que penso e creio?

— Não sei; mas o certo é que o dizes.

— E se eu provasse o contrario?

— O que?... que eu fui desleal uma só vez na minha vida?

— Sim : desleal ainda ha pouco, n'esta mesma noite, e n'esta mesma sala.

— Desafio-te a isso.

— Adrianna!

— Falla : confunde-me se podes!

— Não... não o farei...

— Eu estava bem segura de que não havias de fallar.

— Sim; porque adivinhavas que eu te não queria dar esse prazer.

— Perdeste o juizo, Leonor?

— Não, não perdi nada... acredita que ainda não perdi nada; entendes, Adrianna?

A filha de Christiano olhou meia espantada para Leonor.

— Como és fingida! disse-lhe esta.

— Outra vez!... sempre teimando em suppor mal de mim, e não querendo nunca fallar claramente!

— Mas se eu quizesse...

— Desafiei-te...

— Adrianna!

— Desafio-te de novo.

— Pois bem, eu vou dizer tudo; mas com uma condição.

— Qualquer que ella seja, acceito-a.

— Juras por tua mãe, que o que vás ouvir agora da minha bocca não o dirás a ninguem no mundo?

— E se fôr alguma cousa que seja absolutamente necessario dizer-se, Leonor? perguntou Adrianna mostrando-se desconfiada.

— Pois não fallarei.

Adrianna levantou graciosamente os hombros, como querendo dizer — *que me importa*.

— Eu logo vi que não quererias ouvir.

— Tenho medo de tanto mysterio, Leonor.

As duas moças ficaram em silencio durante alguns momentos, Leonor olhando disfarçadamente para o céu, cujas estrellas parecia querer contar, e Adrianna um pouco irritada, batendo com a ponta de seu mimoso sapatinho no soalho.

Por fim foi ainda a sobrinha de D. Fabiana que se resolveu a fallar.

— Queres que eu falle, ou não?

— Quero, sim.

— Para ires immediatamente fallar.

— Se não fôr necessario, não o farei.

— Juras-me que ao menos por estes quinze dias.

— Não juro nada.

— Promette-me que não irás tomar satisfações ao Sr. Americo.

— Eu, tomar satisfações?!!

— Sim.

— Era o que faltava!

— Asseguras-me que o não farás?

— Sem hesitar... eu o protesto.

— Pois então sabe que te considero desde um quarto de hora uma amiga desleal e falsa.

— Agradecida... mas pelo que?

— Porque eu fui franca contigo; confessei-te os meus sentimentos; confessei-te que amava aquella moço, e que me suppunha amada.

— Bem : e que mais ?

— E tu me ouviste fria, insensivel, como se te fosse indifferente esta confidencia; leste no meu coração aberto como um livro, e não quizeste abrir-me o teu, e me fechaste pelo contrario o teu como um usurario que tranca o seu cofre com sete chaves.

— Ainda não te comprehendo, Leonor.

— Oh! comprehendes-me, comprehendes-me perfeitamente ! eu digo que tu devias ser franca e leal comigo; digo que me devias tambem confiar o teu segredo e dizer-me tudo.

— Tudo o que ?

— Devias dizer-me : Leonor, eu tambem amo o teu escolhido, e elle tambem me ama ou finge amar-me.

— Leonor !

— Quererás negal-o ainda ?

— E quem teria o direito de asseverar que eu amo esse mancebo ?

— Quem?... eu.

— E quem t'o disse ?

— Quem m'ò disse, Adrianna?... devéras queres que eu te responda?

— Sim, exijo-o.

— Pois quem m'ò disse foi...

— Acaba de uma vez.

— Foi elle mesmo.

— Elle mesmo!!!

Adrianna recuou dous passos como tomada de espanto.

— Sim, repetio Leonor : foi elle mesmo.

— Pois mentio : respondeu Adrianna tornando a si da vehemente impressão que experimentára.

— Não; agora já não o pòdes negar mais : depois que elle m'ò disse, os meus olhos tiveram as provas do que eu acabava de ouvir.

— E o que foi que viram teus olhos?... perguntou Adrianna socegradamente.

— Não queres saber primeiro o que ouviram os meus ouvidos?

— Ou uma cousa ou outra... escolhe tu mesma e falla.

— Dás licença que eu tire uma pequena vingança da tua deslealdade?

— Pois não!

— N'esse caso escolho para dizer-te aquillo que

te ha do doer mais : prefiro contar-te primeiro o que elle me confiou.

— Vámos lá.

— Adrianna, quando me achei no meio da sala para dansar, e me vi ao lado do Sr. Americo, não tendo nada em que conversar fallei de ti...

— Obrigada; mas isso é modestia... tens um espirito que falla por quinze dias sem interrupção, mesmo não se occupando de cousa alguma.

— Fiz o elogio de tua belleza e de tua virtudes, e sabes o que elle me disse?

— Que eu era feia e má... não foi isso?

— Oh! não : disse-me que tinhas um defeito, que eras muito ciumenta : e como eu duvidasse, mandou-me que te observasse...

— E o que viste!

— Vi que não tiravas os olhos de nós dous, e que, á medida que a nossa conversação se animava, tu empallidecias, ou pelo contrario córavas fortemente. Então obriguei o meu cavalheiro a explicar-me esse singular phenomeno, e elle confessou-me tudo.

— E o que te confessou?

— Que tu o amavas; que tinhas tido a coragem de ser a primeira a dizer-lhe... que por esse

simples facto te suppunhas com taes direitos sobre elle, que até lhe não querias consentir que dansasse com outra senhora, quando ficasses sentada.

— Leonor, disse Adrianna depois de reflectir um momento; o que tu acabas de dizer é tão mesquinho, é de tanta miseria de invenção, é tão ridiculo e mesmo estúpido, que ou o Sr. Americo foi bem incivil para estar dez minutos a divertir-se á tua custa, ou a paixão te embotou por tal modo o espirito que já nem sabes arranjar uma historia.

— Adrianna, tu me insultas!

— Não; eu digo apenas o que sinto.

— Pois então fica sabendo mais, que, ao reconhecer a tua deslealdade, entendi que devia tambem incommodar-te, ferir-te... ou antes tornar bastante clara a nossa posição e decidir de uma vez a nossa lucta.

— Que lucta?... eu não lucto, nem luctarei já-mais contigo.

— Impuz portanto ao Sr. Americo o sacrificio de se não dirigir a ti durante o resto d'esta noite, de não dansar hoje contigo a menos que não quizesse quebrar todos os compromissos que tem comigo. Creio que fallei bem claramente.

— E elle?... perguntou Adrianna sem reparar que com essa pergunta se denunciava.

— Elle não dansará contigo esta noite.

Adrianna lançou sobre Leonor um olhar terrível, e voltando o rosto e vendo Americo entrar de novo na sala, deixou apparecer em seus labios um sorriso de indizível desprezo.

Leonor parecia querer fallar ainda; mas a filha de Christiano, que o presentio, cortou-lhe a palavra dizendo :

— Ou tu mentes, Leonor, ou elle mentio : ou tu és louca, ou elle um miseravel; e em todo caso tenho sido bastante tola em perder o meu tempo aqui a ouvir doidices, em vez de aproveitar a noite dansando e divertindo-me.

E dando alguns passos para o meio da sala, Adrianna exclamou :

— Dansemos!...

Brilhava nos labios de Adrianna um sorriso angelico; e entretanto ella tinha o inferno no coração.

A dansa prolongou-se até ás tres horas da madrugada, e nem uma só vez Americo se chegou a Adrianna para pedir-lhe a honra de dansar com ella.

XIII

ANTES E DEPOIS DO ALMOÇO

Havia já tanta gente na fazenda do *Rio-Claro*, que, não sendo possível accommodal-a toda na casa de vivenda, acertou Christiano de reservar esta exclusivamente para as senhoras, desterrando os homens para um vasto salão e uma galeria que se communicavam com o engenho.

Na manhã que seguiu ao dia da chegada de Americo, Christiano, que estava á janella esperando que seus hospedes se resolvessem a apparecer para servir-se o almoço e que murmurava já contra a preguiça d'elles, porque nem achava com quem matasse o tempo conversando, vio finalmente virem chegando dous bons amigos novos,

e já seus conhecidos, que se approximavam trazendo seus cavallos a galope.

Esses dous amigos eram Mariano e Camillo, seu filho : morando perto da fazenda do *Rio-Claro*, elles não se tinham podido resolver a passar o resto da noite fóra de sua casa, apezar das instancias de Christiano, compromettendo-se apenas a voltar no dia seguinte logo pela manhã.

— Ora, graças, exclamou Christiano descendo para receber os recém-chegados! graças, que já tenho com quem conversar.

— Pois ainda se dorme por aqui? perguntou Mariano.

— Estão no primeiro somno, meu amigo.

Mariano puchou do bolso do collete um antigo relógio de prata, e examinando-o, disse admirado.

— Pois já são dez horas da manhã!... mas não admira, porque os senhores da cidade têm fama de preguiçosos.

— Se dá licença, disse Camillo, eu irei despertar pelo menos ao meu amigo Americo.

— Vá, vá, Sr. Camillo; e quanto a nós, meu bom visinho, subamos e conversemos.

Camillo dirigio-se ao engeenho, e Christiano e

Mariano entraram na casa e foram recostar-se a uma janella.

Mariano era um homem de estatura regular; tinha sessenta annos e ninguem lhe daria mais que cincoenta; era gordo, sem ser disforme, e mostrava gozar uma saude de ferro; tinha os cabellos castanho-claros, o rosto oval e com uma côr que denunciava a predominancia do seu temperamento sanguinco; seus olhos eram grandes e intelligentes, sua boca perfeitamente regular e ornada de bellos dentes iguaes e bem conservados; tinha as mãos avermelhadas pelo sol e cobertas de uma pennugem de cabellos ruivos; de physionomia franca, e ás vezes ennuviada por um ar de desconfiança; de uma bondade rude, mas evidente: de uma honestidade sem pretensões; era um verdadeiro typo do nosso bom lavrador!

Mariano começára a entreter relações com Christiano sómente ha poucos mezes, e apenas lhe fizera um visita de comprimento, e acudira depois algumas vezes ao seu chamado para lhe dar os conselhos de sua experiencia a respeito do novo estabelecimento agricola do Rio-Claro.

Entretanto os dous vizinhos pareciam estimar-se já bastante, e a prova irrecusavel da amizade de

Mariano estava patente na condescendencia com que elle deixava a direcção de sua fazenda para acudir aos convites de Christiano.

Os dous visinhos levaram a conversar uma longa hora; Mariano, estendendo o braço e apondo com o dedo, procurava mostrar a Christiano o rumo das terras da fazenda do *Rio-Claro*, cujos limites conhecia melhor que o dono : fallára depois dos prejuizos da lavoura da canna de assucar; lamentára a *praga* e a *barata*, que tanto mal fazem ás cannas; bradára contra o governo porque só sabe impôr e cobrar tributos, e não mandar concertar estradas e fazer pontes, e emfim pronunciára-se formalmente contra a colonisação européa, e queixára-se do preço elevado dos escravos e da falta de braços.

Depois de muito conversar sobre tão sérios assumptos, calaram-se ambos, até que Christiano, para dar começo a nova conversação, perguntou :

— Então, visinho, ha quantos annos é viuvo?

— Ha tres, e fui casado dezoito annos.

— Custa muito a perder-se uma fiel companheira de tanto tempo!

— Oh! muito! muito, visinho! e então a minha, que me ajudou a ganhar o que eu tenho!

— E quantos filhos lhe deixou?...

— Um, que é o meu Camillo; quiz tiral-o d'esta vida trabalhosa da lavoura, e arranjei-o em collector da villa; mas no fim de dous annos não estive mais para aturar as massadas que lhe davam na thesouraria, fil-o fazendeiro, e mais nada.

— Foi melhor assim.

— De certo; não fica a gente devendo nada a ninguem : o lavrador só depende de Deos, que dá o sol e a chuva.

— Então não teve filhas?

— Filhas?... tive e não tive, respondeu Mariano suspirando.

— Não o comprehendo bem; mas nem lhe peço que se explique.

— Porque?

— Porque bem vejo que se entristeceu.

— Paciencia; mas já agora deixe-me fallar... é triste! porém a gente não póde resistir e falla sempre : é quasi uma queixa que faço quando fallo muito... e portanto é tambem uma consolação.

— Pois diga, diga.

— Não tive filhas, porque minha mulher, que Deos tenha em gloria, só me deu um filho, o meu Camillo; mas tive uma filha, porque quando meu

pai morreu, recommendou-me uma irmã que eu tive, e que era dez annos mais moça do que eu.

— E perdeu essa irmã?

— Meu pai a deixou ainda bem menina, e ella ficou sendo a companheira e o encanto de minha mulher, e uma verdadeira filha para mim : fez-se moça e era bella... Em uma festa da nossa freguezia, um homem da cidade a vio e namorou-se d'ella... amaram-se ambos : esse homem era bom e honrado ; pediu-a em casamento ; ella disse que sim, nós approvámos a sua escolha, e lá se foi a minha Hortensia !...

— Hortensia?!!

— Sim, era o nome de minha irmã.

— Continue, meu bom visinho.

— Os dous esposos viveram felizes durante muitos annos ; mas ha tres...

— Ha tres?

— Sim... ha tres : foi uma época bem fatal para mim, porque ha tres annos morreu minha mulher, e no meio da dôr de minha viuvez, soube que meu cunhado tambem tinha morrido!

— E sua irmã?

— Oh! minha pobre irmã!... recebi uma carta d'ella despedindo-se de mim, e participando-me

que, não lhe sendo possível viver mais em uma terra onde havia perdido seu marido, partia para Portugal, como de facto partio, e nunca mais soube noticia da desgraçada!...

— Choremos ambos, pois, meu visinho, disse Christiano! esse golpe ferio-nos a ambos ao mesmo tempo!

— Como?

— Seu cunhado não se chamava Fernando?

— Sim, chamava-se.

— Seu cunhado e sua irmã não tiveram uma filha?

— É verdade, que lá se foi com a mãe pela barra fóra.

— Pois bem, meu visinho, Fernando era também meu cunhado, era irmão de minha mulher : nós somos quasi parentes.

— Mariano apertou em seus braços Christiano, e começou a soluçar.

— Basta, basta, meu amigo; resigne-se como eu me resignei.

— Mas também o senhor nunca mais teve noticias d'ella?

— Nunca mais, respondeu Christiano olhando tristemente para o amigo.

— Paciencia, disse este, cravando os olhos no céo.

Depois de alguns momentos, Christiano continuou :

— Lembro-me agora que ouvi muitas vezes fallar no seu nome em casa de meu cunhado, e que por signal era o senhor o padrinho de sua sobrinha.

— Exactamente : e que linda menina!

— Admira-me porém de nunca tel-o encontrado na casa de Fernando, na côrte.

— Fui poucas vezes á cidade e, quando ia, não me demorava mais que vinte e quatro horas.

— Ora bem, meu visinho, se já não é possível remediarmos o mal passado, sirva ao menos o que acabamos de ouvir um do outro para apertar ainda mais os laços de nossa amizade ; repito-lhe outra vez : nós somos quasi parentes.

Por unica resposta o velho lavrador apertou affectuosamente contra o peito a mão de Christiano.

N'este momento os preguiçosos hospedes invadiram a sala, e pouco depois foram almoçar.

Quando no fim do almoço voltava toda a sociedade outra vez para a sala, Christiano reteve ao

seu visinho e a Benedicto, com os quaes se dirigio á sua mulher.

— Gabriella, disse elle, abraça o nosso bom visinho, que nos pertence mais do que pensavamos! Doutor, o Sr. Mariano era cunhado do teu amigo do peito; Gabriella, aqui tens o irmão da nossa boa Hortensia; abraça-o.

A mulher de Christiano abraçou cordialmente o velho lavrador, não podendo porém conter um movimento de surpresa ao ver que seu marido lhe recommendava, por um signal, que guardasse silencio.

— Não quiz apresentar-vos o Sr. Mariano e fazer esta declaração diante de toda a sociedade, porque, embora seja ella composta de amigos nossos, nem todos comprehenderiam a dôr e ao mesmo tempo a doce consolação que estamos sentindo.

Mariano e Benedicto apertavam-se nos braços um do outro.

— Basta, disse Christiano; não é preciso por ora que ninguem mais saiba do nosso reconhecimento : livremo-nos de perguntas indiscretas, e da necessidade de explicações interminaveis :

rou bom visinho, vá para a sala, e socegue, para que não suspeitem nada.

Mariano aceitou o conselho de Christiano, e quando este o vio desaparecer, disse á sua mulher e a Benedicto :

— O pobre homem sabe apenas metade da historia das desgraças de sua irmã : acredita na sua partida para Portugal; deixemol-o pois em sua esperançosa ignorancia. Oh! não lhe demos nós o golpe fatal.

— Sim, convém poupal-o : parece uma honrada e excellente pessoa, observou Gabriella.

— Pois estamos entendidos, disse Benedicto : para todos nós a infeliz Hortensia partio effectivamente para Portugal.

Os tres amigos foram interrompidos pelo ruido que se fazia na sala e pelas vozes que chamavam Christiano.

— O que é isto?... o que querem?... perguntou elle apparecendo.

— O convite... vamos ao convite!...

— Que convite?...

— O convite das mysteriosas habitadoras da ermida arruinada.

— Ah!

Quem escreve?... quem escreve?...

— O dono da casa, está visto.

— Quem assigna?

— Todos.

— Pois vá feito... escreva, Sr. Christiano, escreva.

Christiano sentou-se á mesa para escrever.

— Está você feito uma verdadeira criança! disse Benedicto.

— Ah! meu doutor, que remedio! mas o melhor da função é que você ha de tambem assignar o convite. Ora, eis aqui; escutem : « Christiano e os seus amigos tomam a liberdade de convidar as senhoras que moram na ermida arruinada, para virem assistir hoje á primeira moagem do seu engenho novo. »

— Está serio de mais, não serve.

— Ha de ser assim, disse Christiano; eu nem zombarei, nem consentirei que se zombe com duas pobres senhoras.

Dizendo isto, assignou o convite, e passou a penna a Frederico que estava a seu lado.

No fim de um quarto de hora a carta de convite achou-se coberta de assignaturas : apezar porém das maiores instancias, Adrianna, Benedicto, Ma-

riano, Camillo e alguns moradores das circumvisinhanças não quizeram assignar.

Leocadio fez mais do que isso, protestou, arengou, e sahio finalmente da sala para não assistir a um acto que elle considerava imprudente ou louco.

O mais atilado dos criados de Christiano foi encarregado da carta, e partio a galope para a ermida arruinada.

XIV

ATÉ A HORA DE MEIA NOITE

Até o accender da fogueira o dia se passou na fazenda do Rio-Claro em conversações, dansa e jogo.

O criado que fôra mandado á ermida arruinada, voltou no fim de uma hora, e toda a sociedade se reunio para receber a resposta das mysteriosas convidadas.

— Nunca pensei que este desgraçado voltasse com a cabeça em cima dos hombros! disse Leocadio olhando para o criado.

— Então? perguntou Christiano : que resposta nos trazes?

— Não pude trazer nenhuma, senhor.

— Pois não viste ninguem na ermida?

— Vi de longe uma senhora perto d'ella.

— Não fallaste?

— Fallei, sim, senhora; mas ninguem me respondeu.

— Conta o que se passou.

— Ao subir a montanha vi uma mulher vestida de branco, que apenas me presentio correu para dentro da ermida.

— E depois?...

— Entrei na ermida e não vi ninguem : tomei por uma porta que ia dar em uma pequena saleta, e ahi achei uma outra porta fechada, e ouvi dentro as vozes de duas pessoas que conversavam e que pareciam temerosas.

— E que mais?

— Bati na porta muito tempo inutilmente, e como me não quizessem abril-a, puz a carta por baixo da porta.

— E depois?

— Senti que haviam apanhado a carta, e pouco depois ouvi um surdo gemido, e a voz de uma criança que gritou *mamã!*

— É singular!

— Gritei que esperava pela resposta, e fiquei

esperando mais de meia hora; mas não ouvi o menor ruído.

— E não descobriste nada?

— Olhei pelo buraco da fechadura e não pude perceber nada... estava tudo escuro, e tudo em silencio.

— Misericórdia! exclamou Leocadio.

— Mas emfim... perguntou Christiano.

— Tendo esperado muito tempo debalde, e vendo que ninguem apparecia nem fallava, vim dar parte do que tinha acontecido.

— Observaste alguma cousa de extraordinario na ermida ou perto d'ella?

— Nada, não senhor.

— Nem sentiste cheiro de enxofre! perguntou Leocadio, que estava pallido e tremulo.

O criado não pôde responder, porque rebentára uma gargalhada geral no meio da sociedade.

A um signal de Christiano, o criado retirou-se da sala.

— Deos permitta que este convite não acabe por nos trazer algum mal, disse timidamente Adrianna!

— O que é isto?... dar-se-ha por ventura que

te deixes escravisar por vãos prejuizos, como o Sr. Leocadio? perguntou Christiano.

A moça não respondeu.

Durante algum tempo não se fallou senão nas mysteriosas personagens da ermida arruinada : cada qual explicava a seu modo a vida d'aquellas mulheres desconhecidas de todos, e que de todos desafiava a curiosidade.

— Basta já de ermida arruinada! exclamou finalmente Christiano; occupemo-nos de outra cousa, e honra áquelle que mais se divertir e mais nos divertir!

No meio porém das contradansas que se executavam, em deredor das mesas onde se jogava e ao pé d'aquellas que em meia voz ás vezes conversavam, se um observador attento estudasse as physionomias e combinasse palavras, olhares e acções na apparencia insignificantes de algumas das pessoas que n'aquella casa estavam, concluiria de prompto que uma intriga subtil e tenebrosa se forjava contra um mancebo e uma joven inexperiencede.

Desde a noite que acabára de passar, Americo não se dirigira uma só vez a Adrianna para dançar com ella, e por sua parte tambem a filha de

Christiano não achava uma só palavra de agrado ou de gracejo para obsequiar Americo.

Leonor colhia o fructo de sua intriga e continuava, sempre que occasião se offerencia, a augmentar ainda mais o maior resentimento que separava já os dous jovens.

Convém dizel-o : Americo e Adrianna não eram dous namorados, amavam-se ambos em segredo; mas nenhum d'elles tinha-se animado até então a patentear ao outro o sentimento que nutria : era um amor puro, innocente e bello, que estava ainda em botão, escondido no mysterio d'aquelles dous corações.

Entretanto, e como sempre succede, algumas pessoas haviam adivinhado a affeição nascente de Americo e Adrianna. Christiano e Gabriella não tinham sido dos ultimos a descobrir o segredo que começava a agitar o seio de sua querida filha; mas como se lhes conviesse aquelle amor, como se approvassem a escolha do coração de Adrianna, cada vez agradavam mais a Americo e o tratavam com tanto carinho e bondade, que pareciam olhal-o como filho.

Este procedimento dos paes de Adrianna admirava a muitos, porque Americo era pobre, não

tinha de seu senão o seu emprego, cujo ordenado chegava apenas para as despesas de um moço solteiro, e sobretudo o mancebo não tinha familia, nem parentes, pois fôra ao entrar na vida, marcado logo com o sello de um grande infortunio : era um engeitado, e tinha sido criado por uma velha caridosa que o encontrára uma noite á porta de sua casa envolvido nas primeiras fochas.

Ora, accrescia a isto que Adrianna deveria ter um rico dote e era a unica herdeira de Christiano, podendo portanto esperar fazer um brilhante casamento.

Entre os pretendentes que naturalmente requestavam já Adrianna, sobresahia Frederico ; adivinhava-se porém á mais simples observação, que Christiano e ainda mais Gabriella toleravam, mas não estimavam Frederico.

Sem desanimar, com a consciencia do seu desvalimento, Frederico teimava em suas pretenções, e, reconhecendo que tinha necessidade de uma protectora ou advogada junto de Adrianna, apadrinhára-se com uma amiga da familia de Christiano, que, ou por affeição que tributasse ao pretendente infeliz, ou por outra qualquer consideração que o seguimento d'esta historia talvez

ponha a descoberto, tomára a peito defender a sua causa.

Esta advogada e protectora era Fabiana; e Leonor, semeando a intriga entre Americo e Adrianna, não fizera mais do que obedecer ás ordens de sua tia.

Em compensação Americo tinha tambem, mas sem pedir nem procurar, um protector zeloso e fiel : era Benedicto que, desconfiando dos projectos e das traições de Fabiana e Frederico, não os perdia nunca de vista, e cuidadoso os observava sempre.

Benedicto passou o dia todo procurando penetrar as machinações e os tramas dos inimigos de seu protegido, e não pôde deixar de entristecer-se reconhecendo que tanto Adrianna como o proprio Americo coadjuvavam com um proceder irreffectido e inexplicavel a causa de Frederico.

Americo, alegre e folgazão, dava pasto a seu genio, brincando, gracejando, rindo-se sem cessar; mas ao mesmo tempo podia-se suspeitar que o mesmo riso de seus labios escondia o desassogeco de seu coração; que a sua ruidosa alegria era então menos espontanea e mais calculada, e que elle emfim fugia sempre de se encontrar com

Adrianna e de lhe dirigir a palavra, procurando ao contrario com uma preferencia muito sensivel a companhia de Leonor.

Adrianna estava fria e calma; ninguem a podia dizer triste, e todos reconheciam que ella se mostrava menos alegre do que na vespera : leves olheiras roxas desenhando-se por baixo de seus olhos, e estes, ligeiramente injectados, denunciavam que a filha de Christiano ou tinha passado velando a noite inteira, ou havia chorado na manhã d'aquelle dia.

Frederico cercava de attentões e cuidados a inexperiencede moça; habil como um seductor, elle unia a delicadeza de um cavalheiro que respeita aos extremos de um namorado que ama : suas lisonjas e seus cumprimentos não eram impertinentes, nem ridiculos; sahiam de sua boca tão bem meditados, que pareciam verdades naturalmente partidas da consciencia; erão por isso mesmo mais perigosos, porque com mais prazer se faziam ouvir, e com mais facilidade passavam dos ouvidos ao coração de Adrianna.

Ou fosse por vingança ou por gratidão, a filha de Christiano parecia pela primeira vez attender sem constrangimento a Frederico : ás vezes, e

especialmente quando Americo lançava um olhar sobre ella, um meigo sorriso abria-se nos labios de Adrianna, como uma terna e eloquente resposta aos obsequios do cavalheiro que a reques-tava.

Se é possível, Benedicto, que nada perdia de tudo quanto se estava passando, sentia-se ainda mais contrariado e triste do que Americo.

Assim se passou o dia todo, e assim tambem começava a se passar a noute.

Às oito horas, pouco mais ou menos, despren-deu-se do meio de uma enorme fogueira, armada no terreiro e defronte da casa, a primeira labareda, e d'ahi a pouco subiram ao ar os primeiros foguetes e começou a ter lugar essa festa ruidosa da noute da vespera de S. João, que é irmã ge-mea da de Santo Antonio e de S. Pedro no Brazil, porque todas se passam do mesmo modo.

Ninguem ignora do que consta essa festa : no reconcavo e nas casas dos nossos lavradores, que ainda se conservam fieis aos antigos costumes de seus pais, antes de se entregarem ao prazer, á dança, aos fogos, começam todos por pagar o seu tributo á religião ; illumina-se um altar, que está n'uma capella, ou que se improvisa n'uma sala,

ajoelha-se a sociedade, e entôa-se uma ladainha; repetem-se orações, canta-se um hymno religioso, rende-se graças a Deos, e só depois tem lugar a festa verdadeiramente profana que se passa metade dentro de uma sala e nas janellas da casa, e metade no terreiro em torno da fogueira.

Na sala dança-se, canta-se, tiram-se sortes que incommodam ou enchem de esperanças as moças; jogam-se prendas, e entre uns e outros d'estes pas-satempas apparecem as bandejas cheias das can-nas assadas e dos succulentos carás e batatas.

Nas janellas as senhoras queimam rodinhas de fogo, e os homens pistolas de fortes rojões, emquanto os mais enthusiasmados d'entre elles correm ao terreiro e fazem voar pelos ares as bombas, subir ás nuvens os foguetes e correr em mil voltas os buscapés, especie de pequenos demonios de fogo.

Ainda ha alguns que se ufanam de provar sua destreza, saltando por cima da fogueira no meio dos gritos e dos applausos dos espectadores.

Repetí tudo isto cem vezes até quasi o amanhecer, imaginai que de instante a instante rebenta aqui e ali um grito estrondoso de *viva S. João!* que é repetido por cincoenta vozes, e

ahi tendes em duas palavras toda esta festa buliçosa, ardente, agradável e desejada, que tem lugar no meio do inverno, e na qual nunca se pôde sentir frio.

Exactamente assim se estava passando a noute na fazenda do *Rio-Claro*; o ardor augmentava á medida que se iam passando as horas; ninguem cuidava senão de se divertir e de embeber-se no prazer da festa, quando de repente e ao ouvir dar meia noute, Frederico ergueu-se e disse :

— É notavel! até agora nenhum de nós se lembrou ainda das nossas convidadas!

— É verdade! é verdade!

— Não quizeram attender ao nosso convite.

— Não vêm... não vêm...

— Quem sabe, ainda não é tarde.

— Não brinquem com uma cousa tão séria, disse Leocadio.

— Ora... se viessem...

— Havia de ser muito divertido!...

N'esse momento sentio-se na sala que o ruído que reinava no terreiro, ao redor da fogueira, cessára como por encanto.

— O que será isto? perguntou Christiano.

— Sinto que se me arrepiam os cabellos, disse Leocadio.

Ouvio-se um leve rumor á porta da sala; todos olharam e viram apparecer a figura magestosa de uma mulher vestida de branco e coberta com um véo da mesma côr, que lhe cahia da cabeça até os pés.

— Eis-me aqui, senhores, disse a personagem mysteriosa que acabava de mostrar-se.

A DOIDA

As senhoras, pallidas e tremulas de espanto e de terror, chegaram-se umas ás outras sem poder articular palavra! Leocadio deixou ouvir um surdo gemido e ficou quasi desmaiado na cadeira; e, durante alguns momentos, nem mesmo o dono da casa se levantou para receber a convidada!

A mulher que acabava de mostrar-se á porta da sala era de estatura alta e graciosa; havia em seu porte alguma cousa de magestoso e nobre; estava vestida toda de branco; o seu vestido, apesar de ser apenas levemente apertado na cintura, deixava adivinhar as mais encantadoras fórmas; um véo, tambem branco e tão longo que lhe tocava os pés, encobria perfeitamente seu

rosto; seus braços e suas mãos, deixando apenas perceber a côr negra de seus bastos e compridos cabellos e sentir o brilho ardente de seus olhos pretos, que se viam luzir a despeito do véo, como o astro do dia atravez de uma nuvem.

A historia da ermida arruinada, o modo insolito e inesperado por que essa mulher se apresentava, seus vestidos e seu véo, que a moda desconhecia, e que mais pareciam pertencer a um seculo passado do que ao nosso, o ar de mysterio, emfim, de que ella se mostrava envolvida, tudo, tudo concorria para tornal-a interessante ou terrivel aos olhos d'aquelles que a tinham n'esse momento diante de si!

Para a imaginação de uns ella era como uma apparição phantastica, para outros a sombra de um finado escapada por entre os póros de uma lage sepulchral; para estes um genio malefico; para alguns talvez uma victima ou uma louca.

A voz com que essa mulher pronunciára as primeiras palavras ao apparecer á porta da sala, era argentina; deveria ser sonora, mas conhecia-se que trazia o accentó proprio do disfarce, era contrafeita e affectada.

Depois de ter deixado passar alguns minutos

em silencio, a mulher mysteriosa, com os braços encruzados sobre o peito, esperava immovel e graciosa, como uma estatua, que alguém se levantasse para recebê-la.

A confusão e a surpresa nos homens, e o susto nas senhoras tinha, durante os primeiros momentos, paralyticado todas as linguas : o primeiro que se arrancou á admiração foi Americo, que levantando-se dirigio-se á mysteriosa convidada :

— Sejais bem vinda, senhora! disse elle offerecendo-lhe a mão.

— A minha mão está impura, respondeu a mulher ao mancebo; não é portanto digna de tocar na vossa.

Depois avançou alguns passos para o meio da sala, e lançando em torno de si um olhar ardente, e talvez sinistro, que se escapava de seus olhos, como a luz de dous inflammados carbunculos, ella deixou cahir os braços, que conservava encruzados, e disse :

— Eis-me aqui! mandastes convidar as pobres ermitôas para talvez servirem de objecto de vossas zombarias durante uma noute : eis-me aqui pois!... zombai.

A voz d'aquella mulher tomára uma accento de

colera mal comprimida, e as suas palavras cahiram **no meio da sociedade** como um desafio terrível.

Christlano levantou-se, chegou-lhe uma cadeira e disse :

— **Estais enganada**, senhora; os meus **hospedes** são objectos sagrados... quem os offendesse **me offenderia** : aqui ninguém se lembraria de zombar de vós.

— **Homens do prazer e das festas!** que interesse tinheis então em vêr no meio de vós tres entes desgraçados : uma velha que chora, uma criança que não pensa, e uma moça que doi-deja?... dizei!

— Queríamos vêr-vos ao pé de nós, descobrir as causas de vosso mysterioso retiro, adivinhar as vossas desgraças, e consolar-vos ou felicitar-vos, se fosse possível : eis tudo.

— **Curiosidade e piedade!**... murmurou a mulher com voz tremula : a curiosidade... incomoda-me; a piedade... rejeito-a.

— **Sentai-vos**, disse Americo.

— **Deveis estar cansada**, sentai-vos, repetio **Christiano**.

— **Não; só uma cousa me cansa**, é viver.

Essas palavras, pronunciadas com um tom de

indisivel melancolia, derramaram a tristeza em todos os semblantes.

Adrianna levantou-se enternecida, livre já de toda a especie de terror, approximou-se da mulher de véo, e procurando abraçal-a, disse :

— Vinde para junto de mim... eu saberei ser vossa amiga...

A desconhecida afastou-se de Adrianna, e respondeu :

— Afastai-vos, menina; não toqueis no meu corpo, que está amaldiçoado... não me toqueis... fugi de mim... eu respiro a peste.

— Senhora...

— Curiosidade e piedade!... repetio ella; a curiosidade deve estar satisfeita, senhores : por que eis-me aqui!... vêde-me, como eu posso ser vista, coberta com um véo, escondendo o meu rosto... porque o meu rosto é hediondo!

— É impossivel!... é impossivel!... exclamou Camillo, em quem a vista da doida havia produzido a mais forte impressão.

— Mancebo!

— Tirae o vosso véo, senhora; porque sois bella por força!

— Obrigada, mancebo! disse a doida, e fazendo

surgir debaixo do seu véo uma mão branca, fina e delicada como a mão de uma princeza, descansou-a sobre o hombro de Camillo, e continuou dizendo :

— Tambem é só sobre o vosso hombro que descansará hoje a mão da pobre doida.

Ao toque d'essa mão avelludada e bella, Camillo estremeceu de prazer e commoção.

— Eu vos fiz mal... talvez... perdõa-me! balbuciou ella retirando a mão.

— Oh!... não...

— É impossivel que lhe fizesse mal, observou Americo muito naturalmente; porque estou certo de que a mim me faria muito bem!

A doida fingio não ouvir o que acabava de dizer Americo, e tornando a lançar o seu olhar de fogo em torno d'ella, encruzou de novo os braços sobre o peito e repetio :

— Curiosidade e piedade! a curiosidade está pois satisfeita : falta a piedade não é assim?

— Senhora!

— Satisfiz a curiosidade ; rejeito a piedade ; mas cumpre que eu pague com gratidão essa virtude que se queria exercer comigo.

— Sois injusta comnosco.

— Sim! piedade por piedade; porque alguns entre vós vejo eu, que merecem bem piedade, e embora outros sejam apenas dignos de desprezo.

— Senhora!... disse Frederico como se com elle se entendessem as palavras da doida.

— Eu vos conheço a todos, senhores! eu vos conheço a todas, senhoras! vou dizer quem sois, e Deos permitta que nas minhas palavras se apanhem avisos e conselhos que possam ser uteis áquelles de quem por minha vez tenho aqui piedade!

Os cavalheiros e as senhoras olharam uns para os outros espantados.

Frederico quiz moderar a impressão produzida pelas palavras da doida, e disse rindo-se :

— Temos feitiçarias e buena-dicha!... vamos lá... isto diverte como outra qualquer cousa.

A mulher mysteriosa lançou sobre Frederico um olhar terrivel, e voltando o rosto para o seu lado direito, encontrou em primeiro lugar Americo e disse :

— Bom coração, extravagante cabeça!... não conheceste teus pais, Americo; não tiveste quem, como um genio benefico, te guiasse pelo caminho da vida, e nem por isso cahiste nos abysmos dos

vicios : ainda bem! isto te faz honra; mas tens muito orgulho no coração, cuidado!

— Leu-me por dentro e por fóra, palavra de honra!... observou o mancebo rindo-se.

— Christiano! Christiano!... continuou a doida; foste feliz até hoje, és bem honrado; mas és tambem facil e imprudente : não vês que tens uma filha; que é um thesouro?... com a porta da tua casa aberta sem reflexão a todos, não pensas que por ella póde entrar um ladrão que tente roubar-te tua joia preciosa?... Christiano! Christiano!... cuidado!

O pai de Adrianna recuou tres passos como ferido por um raio.

— Deos te salve, doutor!... disse a doida com voz commovida dirigindo-se a Benedicto : Deos te abençoe, coração angelico... homem honrado... amigo devotado... alma cheia de virtudes. Deos te salve! oh! sê a providencia no meio d'esta familia... doutor! doutor! cuidado!

A surpresa augmentava cada vez mais : a doida encarou face a face a velha Fabiana.

— Eis aqui a inveja, exclamou ella : Fabiana, tu és a inveja... onde tu chegas está o perigo; quando eras moça fazias mal ás outras moças por

ciume e maldade; hoje que és velha, tu as persegues por inveja, por inveja, por muita inveja!... oh! todas vós outras, cuidado!...

— Insolente!... bradou Fabiana.

— És tu, Gabriella?... continuou a doida falando á esposa de Christiano; tua vida tem até hoje corrido calma e doce no seio da virtude e da felicidade; mas quem sabe o que te prepara ainda o futuro? Gabriella, boa e santa esposa, mãe extremosa não arredes os olhos de tua filha... cuidado!

— Meu Deos! exclamou Gabriella escondendo o rosto entre as mãos!

— Misera Leonor! disse a doida encontrando com os olhos a sobrinha de Fabiana : misera Leonor! tens uma tia que te faz o instrumento de sua inveja, que te gasta e te embota o sentimento! que de uma joven pura e generosa te faz uma mulher egoista, leve e sem futuro : és moça e não crês mais no mundo; teu corpo é joven e tua alma está envelhecida; és bella, e já não és sensível : julgam que amas a cem, e tu não amas um só... teu coração é como um arido deserto... esteril... feio... inhospito : tu não és má, e fazes mal; tu és falsa, podendo ser ingenua; Leonor,

Leonor... a velhice para ti ha de ser terrivel, cuidado!

— Esta mulher veio aqui para nos insultar? tornou Fabiana accesa em colera.

A doida não mostrou ter ouvido o que dissera Fabiana, foi repetindo um por um os nomes de todos aquelles que ia encontrando com os olhos, e dando-lhes conselhos, ou dirigindo-lhes acres censuras : nenhum cavalheiro, nenhuma senhora tinha podido escapar ao conhecimento d'aquella mulher mysteriosa.

Emfim, ella chegava ás ultimas cadeiras.

— Eis-aqui um homem quasi desmaiado, disse; é Leocadio : pobre homem ! não sou feiticeira nem demonio, sou doida.

Leocadio respondeu com um surdo gemido : a doida passou adiante.

— Mariano! meu nobre e honrado ancião, Deus te guarda no céo o premio dos justos; tens lá um lugar de escolha a par de tua esposa!...

— Oh! não é doida... é anjo! exclamou o velho chorando.

— Tu, Camillo, proseguio ella dirigindo-se ao mancebo, segue os passos de teu pai, e eu te juro que nunca te apartarás da honra; não imites os

jovens fatuos ; sê bom, honesto e simples como teu pai : zela o seu nome e basta.

— Ouviste? disse Mariano apertando a mão do filho; ouviste? faze o que ella te aconselha, ouviste?

— Emfim... Frederico!... eil-o aqui... o vaidoso, o falso, o seductor! oh!... tremei vós todos : eis-aqui o genio do mal, tremei! este homem é um algoz, e onde elle está deve estar perto uma victima escolhida : dize, quem é agora a infeliz que premeditas tornar desgraçada?... pois eu mesma descobrirei a verdade.

A doida volveu um olhar perscrutador, penetrante e ardente por toda a sala; cravou-o fixamente no rosto de cada uma das senhoras que se achavam sentadas em torno d'ella :

— Ninguem... ninguem... nenhuma... mas é possível... Oh! meu Deos!... meu Deos!... não me enganava!...

Os olhos da doida tinham encontrado em uma cadeira isolada, e que ficava perto de uma janella, a filha de Christiano : Adrianna apenas sentio fito em seu rosto aquelle olhar penetrante, estremeceu da cabeça até os pés, e córou tão fortemente, que a mulher mysteriosa vio-lhe de longe

o rubor das faces e cahio de joelhos exclamando :

— Cuidado!... cuidado!... cuidado!...

Ninguem comprehendeu o que se acabava de passar, só Adrianna e a doida, que retirou apressadamente os olhos da filha de Christiano, e sem pronunciar o nome d'ella, apenas repetia de joelhos :

— Cuidado!... cuidado!...

— Mas quem é?... de quem se trata? perguntou uma voz imprudente.

— Ella e eu sabemos, respondeu a doida.

Depois voltou-se para Benedicto e disse :

— Doutor, cuidado!

— Mulher! quem és tu? perguntou o medico.

A doida apontou para cima, como se quizesse mostrar o céu, e respondeu :

— Deos o sabe.

Depois voltou-se para a assembléa que continuava sempre surprehendida, fez um movimento gracioso con a mão direita e desapareceu pela porta da sala.

Emquanto homens e senhoras se agglomeravam á porta da sala para vê-la sahir, Camillo correu á janella.

Ao dar os primeiros passos no terreiro, a brisa

da noite que ventava fresca suspendeu por um curto momento o véo da doida, e ao clarão da fogueira, Camillo pôde vêr-lhe de relance o semblante.

— Oh! exclamou elle, é um anjo!...

A doida o ouviu, e, voltandó-se ainda uma vez, respondeu-lhe tristemente :

— Não, Camillo, eu sou apenas uma mulher desgraçada.

XIV

O MEDICO E O DOENTE

A noute ia tocar a sua ultima hora ; a festa da vespera de S. João estava terminada ; as senhoras se haviam recolhido, e os homens se retirado para a casa do engenho. Mariano e Camillo tinham partido para sua fazenda.

Da fogueira restavam apenas quatro tóros abraçados cercando um montão de brazas aqui e ali meias encobertas por uma camada de cinza.

Reinava profundo silencio.

A casa que os homens occupavam era uma dependencia do engenho, e compunha-se toda ella de uma sala que se terminava por um gabinete de cada lado e com janellas para o campo, e no

fundo por uma vasta galeria ou varanda com parrapeito olhando para o centro do engenho.

A fadiga de uma noite inteira de festa havia submergido em profundo somno todos os amigos e hospedes de Christiano.

A sala estava em completa escuridão, e na varanda uma vela quasi extincta e presa em um lampeão soluçava nos ultimos e vacillantes clarões, espalhando intermittenemente uma luz duvidosa e fraca.

De repente surgiu a figura de um homem em uma das extremidades da varanda : era Benedicto que velava ainda.

O doutor não tinha podido esquecer a subita e inesperada apparição da mulher mysteriosa, e ainda menos as palavras, os conselhos e as tremendas verdades que ella deixára ouvir, com uma revelação terrivel de seus labios.

Combinando o que dissera essa mulher com o que elle proprio estava observando e testemunhando na fazenda do Rio-Claro haviam dous dias, Benedicto começava a tremer pela sorte de Adrianna, e se revoltava contra Frederico e Fabiana.

Meditando sobre taes idéas, o doutor passeava

ao longo e em toda a extensão da varanda, parando ás vezes apenas em baixo do lampeão para examinar as horas no seu relógio á mercê dos clarões titubantes da luz que estava prestes a extinguir-se : dir-se-ia que Benedicto esperava sómente vêr romper a aurora, ou chegar uma hora aprazada.

Como quer que fosse, o passeio ao longo da varanda ia sempre se repetindo, quando uma vez enfim Benedicto apercebeu na extremidade opposta, e caminhando para elle, alguém que vinha pouco a pouco surgindo da sombra.

O medico parou, fitou os olhos na figura que vinha vindo, e ao vêl-a passar por baixo do lampeão, reconheceu Americo; então avançou para elle.

Ámerico estava tão absorto ou tão embebido em suas reflexões, que não vio Benedicto chegar-se junto d'elle.

— Tambem não podestes dormir, Americo ? perguntou o medico passando-lhe a mão sobre o hombro.

O mancebo não pôde reter um pequeno grito de surpresa; mas, reconhecendo Benedicto, abaixou os olhos como confundido.

— Causei-te medo ?

— A mim? respondeu Americo levantando outra vez a cabeça : oh!... não : sou muito doido para ter medo...

— Pois juro-te que me pareceu.

— Não me fizeste medo, doutor, surprehendeste-me.

— Ah!

— Tive pejo de que alguém me encontrasse a passear por esta varanda a taes horas; tive vergonha, eu confesso, tive vergonha de que houvesse quem me pudesse tomar por um namorado.

— Namorados quasi todos o têm sido, Americo.

— Mas isso não tira que o namorado seja sempre desfructavel.

— E todavia...

— Todavia o que, doutor ?

— Tu o és.

Americo fingio que dava uma risada.

— Nem sabes fingir que te ris!

— Doutor!

— Americo, tu estás doente, e eu sou medico : conversemos.

— Eu estou de perfeita saude.
— Estás mentindo.
— Nunca me senti melhor.
— E porque passeavas a estas horas a meditar sósinho?

— Tomava o fresco.

— Boa lembrança! tomava o fresco em uma madrugada de Junho passeando em uma varanda aberta!... bem digo eu que estás doente.

— E vós, meu doutor, porque passeaveis? estaes doente tambem?

— Eu?... não : passeava pensando em muita cousa, e pensando particularmente em ti.

— Em mim?

— Sim; na tua molestia.

— Pois bem, doutor, n'esse caso aqui estou, curai-me; mas, antes de tudo, dizei-me o que tenho, já que eu não posso adivinhal-o.

— Americo, estás doente de amor; tu amas.

— Ora... ora...

— Amas a filha de Christiano, amas a nossa Adrianna, e fazes muito bem n'isso.

— Ah! então faço muito bem n'isso?

— Sem duvida, porque ella é digna do teu amor.

— E se não fosse? perguntou Americo com voz tremula e resentida.

— Conta-me o que ha, disse Benedicto.

— Doutor!

— Escuta, Americo. Tu foste no primeiro dia de tua vida abandonado por teus paes na porta da casa de uma pobre velha : tua barbara mãe, teu miseravel pai...

— Alto lá, doutor ; houve uma razão bastante forte para obrigar meus paes a abandonar-me ; mas elles não foram por certo miseraveis e barbaros : essa velha era pobre, e teve, desde que me recebeu, dinheiro bastante para tratar-me e educar-me, como se tratam e educam os filhos dos ricos.

— Bem... bem... esse pensar te faz honra ; mas, simples engeitado, sem um nome de familia... sem recommendações nem protectores, tens merecido a estima de todos que te conhecem, e conquistado uma reputação de honestidade que te faz honra.

— Obrigado.

— Tendo-te conhecido ainda pequenino, porque sabes que fui sempre o medico da mulher que te adoptou ; tendo-te acompanhado sempre com os

olhos, e applaudido o teu proceder, fiz-me insensivelmente teu amigo, e te amo devéras como se fosse teu pai.

— Eu o sinto, doutor! respondeu Americo apertando affectuoso a mão de Benedicto, que sentio cahir sobre ella uma lagrima de gratidão.

— Creio, portanto, continuou o medico, que tenho direito a merecer a tua confiança.

— Por certo, senhor.

— Americo, eu conheci, antes de todos, que amavas Adrianna ; dize : enganar-me-ia ?

— Não, doutor ; julgaste bem.

— Agora, digo-tê mais : reconheci igualmente que Adrianna te amava ; dize : enganar-me-ia ?

— Devo crêr que sim.

— Como?... porque ?

— Doutor, dissestes que eu estava doente, e que querieis ser o meu medico : vou dizer-vos tudo, ou pelo menos tudo quanto posso dizer-vos.

— Ainda bem.

— Amei com effeito a filha do Sr. Christiano ; mas até hoje tenho-a amado em silencio, em segredo, e firmemente resolvido até a não fazer-lhe a confissão de meus sentimentos.

— E por que motivo ?

— Porque sou engeitado e pobre, e não quero dever a minha fortuna a uma mulher, qualquer que ella seja.

— Orgulhoso!

— A minha idéa era esta : estudar e trabalhar de noute e de dia com fervor e sem descanso, até crear um nome, uma posição e uma fortuna ; mas tudo, tudo devido a mim e a mim só ; e, depois de ter realisado este pensamento, correr então a ella e dizer-lhe : eis-me aqui, Adrianna ; queres acceitar o meu nome ?

— Americo, lembra-te das palavras da mulher mysteriosa ; ella te disse : « tens muito orgulho no coração ; cuidado ! »

— Doutor, n'este ponto eu não cedo um ceutil.

— Continúa.

— Firme n'este proposito, nunca disse a Adrianna uma só palavra que tivesse relação com o amor que lhe tinha ; entretanto, devo tambem confessal-o, cheguei a persuadir-me de que ella me distinguia, e talvez fosse capaz de amar-me.

— E eu digo que ella te ama.

— Animado por uma doce esperanza, senti que se redobrava a minha coragem, e que o amor

me dava forças para vencer todos os obstáculos que no mundo se levantam diante do pobre e do desprotegido; mas vim a esta festa, e n'ella, desde hontem, doutor, o meu castello está voando pelos ares!...

— Como?

— Doutor, eu não sou amado: Adrianna é vaidosa como as outras presumidas de sua idade, e, o que é mais, julga-me por esses fatuos, por esses jovens ridiculos ou indignos que em toda parte cercam e festejam a mulher solteira que tem dinheiro.

— Americo, tu és injusto.

— Desgraçadamente sei que o não sou; e se eu pudesse fallar...

— Falla.

— Não posso! não posso!... exclamou o mancobo torcendo as mãos desesperado.

— O que sabes tu, Americo?

— Sei muito, sei demais!...

— Pois fallá.

— Se eu vos digo que não posso?

— Mas porque não podes?

— Doutor! estou preso; dei minha palavra

de honra, que não contaria a ninguem aquillo que me contaram.

— E quem foi ?

— Não m'ò pergunteis; não vòl-o posso dizer.

— Mancebo! desconfia dos intrigantes e do teu orgulho : estás vendo que já commettestes uma imprudencia.

— Qual foi ella ?

— A de te deixares prender pela tua palavra : não se deve jurar facilmente pela honra, Americo.

— Tendes razão, doutor.

— Queres um conselho de amigo ?

— Dizei-o.

— Pede amanhã ao Sr. Christiano a mão de sua filha.

— Doutor! quereis vêr-me repellido ?

— Faze o que te digo.

— Não ; de modo nenhum, emquanto eu não tiver um nome, uma reputação e uma fortuna.

Benedicto, contrariado, guardou silencio, e, depois de meditar algum tempo, disse :

— Vai dormir, eu t'ò peço.

Americo, sem dizer palavra, voltou-se, entrou na sala e atirou-se na cama.

Benedicto continuou ainda a passear; mas quando lhe pareceu que Americo já teria conciliado o somno, entrou por sua vez na sala, tomou uma bengala, dirigio-se á porta, pôz a mão na chave, e depois, como se arrependesse de abril-a, foi a um gabinete, abriu cuidadosamente uma janella, saltou com ligeireza no campo e tomou o caminho da ermida arruinada.

No fim de meia hora de apressada marcha, Benedicto chegou á ermida : reinava profunda escuridão por toda parte ; a natureza parecia mergulhada em um oceano de geada!

A porta da ermida estava fechada. Benedicto bateu, e pouco depois, ouvindo rumor, pronunciou o seu nome, e mandou que lhe dessem entrada : a porta abriu-se logo, elle entrou, e fechando a porta sobre si, desapareceu.

Já o sol se annunciava na luz duvidosa do crepusculo, quando Benedicto sahio cautelosamente da ermida, e voltou com passo apressado para a fazenda do *Rio-Claro*.

— Ninguem me vio, disse elle consigo, acabando de descer o monte.

E ao mesmo tempo surgia de uma moita de

arbustos, que ficava a poucas braças da ermida um bello mancebo.

— É o Dr. Benedicto, murmurou elle.

Esse mancebo era Camillo.

XVII

A PRIMEIRA MOAGEM

Christiano quiz marcar a primeira moagem do seu engenho novo com a solemnidade religiosa e campestre, de que os antigos não prescindiam nunca em iguaes casos, e que alguns repetem no primeiro dia da moagem de todos os annos.

No corpo principal da fabrica estava armado um altar singelo e pequeno.

O engenho amanhecera todo ornado de ramos de palmeiras e de flôres agrestes.

Desde o romper da aurora os carros, armados de bandeiras e cobertos das aureas flôres de ipê e de graciosas ramagens, conduziam cannas para o picadeiro ao som das rudes cantigas dos carreiros.

Os escravos mostravam-se todos alegres e vai-

dosos de sua roupa nova e limpa, e attentos ao sino da fazenda, que repicava assignalando a festa do dia.

As dez horas da manhã, Christiano entrou no engenho seguido de sua familia e de todos os seus amigos.

Um sacerdote ajoelhou-se junto do altar, e entôou uma ladainha, respondida não só pelas senhoras e amigos de Christiano, mas ainda por todos os seus escravos.

Depois o padre ergueo-se e, repetindo as orações adequadas, benzeo uma por uma e aspergiu com agua benta todas as casas e peças da fabrica, concluindo por pedir a protecção do Altissimo a favor do fazendeiro e de sua nascente lavoura.

Concluido o acto religioso, Christiano deo a voz para o começo da moagem.

As bestas já estavam presas no seu posto, e as almanjarras, que deveriam ser occupadas pelos escravos, foram de improviso conquistadas por Americo, Camillo, Frederico e outro mancebo.

Benedicto offereceu, em uma salva de prata, feixe de tres mimosas cannas, presas com laços de fitas, a Adrianna, para que ella fosse a primeira a dar ás moendas o seu fructuoso alimento.

Christiano, trazendo nos braços uma grande bandeja cheia de outros iguaes feixes de cannas, os foi offerecendo e repartindo pelas senhoras, que se collocaram á distancia conveniente para succeder a Adrianna junto das moendas.

— Vamos! bradou Christiano.

Os quatro mancebos tocaram as bestas, e ao som de alegres cantos começaram ellas a trotar.

Adrianna estendeu os braços e entregou o seu feixe de cannas ás moendas ; depois d'ella vieram as outras senhoras fazer o mesmo, e o precioso caldo começou a correr no meio dos applausos de toda a sociedade.

Alguns momentos depois as senhoras, entregaram o cuidado das moendas, e os mancebos as almanjarras aos escravos desejosos de tomar o seu lugar.

A sociedade dividio-se então em diversos grupos : uns passeavam conversando ao longo da extensa varanda, que devassava toda a fabrica, ou debruçados sobre o parapeito acompanhavam o movimento do engenho, seguindo com os olhos os escravos que corriam do picadeiro para as moendas levando sobre os hombros pesados feixes de cannas, em quanto outros carregavam

para fóra os montes de bagaço, resultante das cannas já moidas.

Alguns examinavam as caldeiras e a fornalha dentro da qual crepitava a lenha que se queimava.

Outros visitavam a caixa de encaixe, observavam o tanque do mel e a casa dos alambiques.

Dominando todo o ruído das conversações alegres, que a cada canto se travavam, as cantigas agrestes, mas melancolicas dos escravos que occupavam as almanjarras, se entornavam umas depois de outras no seio do engenho.

A alegria radiava em todos os semblantes e a esperança no coração do fazendeiro.

— Emfim! emfim!... exclamou este depois de duas horas de trabalho da fabrica; emfim eis aqui as premissas da nossa moagem!

E dizendo isto, mostrava triumphalmente um criado que o acompanhava, trazendo nos braços uma bandeja.

E logo com tal effusão de prazer, que todos lh'o estavam lendo nos olhos, começou a offerrecer a seus hospedes taças de caldo de canna, que acabava de sahir fervendo da taxa.

Pouco antes das duas horas da tarde as senhoras

retiraram-se para tomar algum descanso antes do jantar.

Dos cavalheiros uns continuaram a divertir-se no engenho outros prenderam-se a uma mesa de jogo, alguns sentaram-se na varanda a conversar sobre a lavoura, e Americo e Camillo sahiram a passear pelas margens do Rio-Claro.

XVIII

FABIANA

Fabiana entrou pé por pé no quarto da filha de Christiano : a moça descansava recostada em seu leito ; apenas a viu ergueu-se como surpreendida.

— Assustei-a, D. Adrianna?... perguntou a velha.

— Oh ! não.

— Talvez que se sobresaltasse ao ver-me chegar, apanhando-a só no seu quarto.

— Mas porque ?

— Quem sabe?... continuou Fabiana affectando um sorriso; talvez que receiasse que eu de repente arrancasse um punhal do seio para cravar-o no seu coração, ou que viesse enganar a

como a serpente enganou a Eva, ou emfim que genio do mal, feiticeira, demonio, que sou, viesse procurar prendel-a em minhas rêdes e perdê-la com meus sortilegios !

— Mas porque me diz isto, D. Fabiana?...

— Oh ! pensa que já me esqueci da scena mysteriosa de hontem á noite ?... d'aquella celebre mulher que conhece a todos, sabe a historia de todos, e que me pintou com tão horriveis côres?...

— Pois eu já não me lembrava de tal.

— Não me pode acontecer outro tanto, que nem dormi esta noite, nem descansei esta manhã!

— Portanto ; é melhor não fallar n'isso.

— Pelo contrario, foi para tratar d'isso que aqui vim encontral-a sósinha.

— Devéras ?!

— Pois então ! eu havia de soffrer que se me insultasse injusta e impunemente sem ao menos trabalhar para descobrir o segredo da incomparavel personagem mysteriosa que hontem á meia noite aqui appareceu ?

— E descobrio, D. Fabiana ?

— Vae sabel-o : mas antes de tudo, D. Adriana, consulte **bem** a sua memoria ; lembre-se de

todas as conversações que tem tido comigo, e diga-me : eu já lhe pedi que prestasse atenção aos cumprimentos que porventura lhe faz o Sr. Frederico... bem entendido, eu não sei mesmo se elle lhe faz cumprimentos...

— Não, nunca me fallou em tal.

— Por acaso alguma vez na minha vida já me occupei em demonstrar-lhe as conveniencias do seu casamento com esse homem ?

— Não, por certo.

— Devéras, nunca me ouviu palavra a semelhante respeito ?

— Nunca, nunca.

— Pois eis ahi como são as cousas ! soffri todos aquelles insultos de hontem ; pintou-se-me como uma serpente e um demonio, sómente porque passou pela imaginação de alguém, que eu protegia junto da senhora pretensões justas ou inconvenientes que dizem ter o Sr. Frederico !

— E quem foi esse alguém ?

— Um homem a quem estimo e respeito ; um homem serio e honrado.

— Um homem serio e honrado ?

— É verdade : honradissimo !

— É quem é elle ?

— O Dr. Benedicto.

— É impossível! exclamou Adrianna.

— Pois é a propria verdade.

— É absolutamente impossível : o Dr. Benedicto nunca praticou, nem era capaz de praticar uma acção menos nobre.

— Elle é a honra personalisada, eu o sei ; não ignoro tambem que não mereço suas sympathias ; mas nem por isso o estimo menos.

— Como então foi isso ?

— É uma historia um pouco melindrosa, que eu não me animaria a contar-lh'a se não me sentisse armada pelo direito da defeza : quizeram porém desacreditar-me na sua opinião, D. Adrianna ; assiste-me portanto o dever de vingar o meu credito, e de me não deixar assim sacrificar.

— Eu lhe escuto, D. Fabiana.

— Já lhe preveni que referiria uma historia de alguma importancia, e creio que posso contar com a sua discrição.

— Sem duvida.

— E espero que fique entre nós o que vou expôr, tanto mais que não direi nada que não vá desculpar de algum modo o ultimo procedimento do Dr. Benedicto.

— Pòde ter a certeza de que me mostrarei digna da sua confiança.

Adrianna, meia desconfiada, meia receiosa, nem por isso estava menos curiosa.

— D. Adrianna, disse a tia de Leonor, nenhum homem nasce perfeito, e ainda o mais honrado e honesto commette na vida erros e faltas, e tem sempre de que pedir perdão a Deos.

— Ha perto de trinta annos, não estou bem certa da epocha, mas sei que ha mais de vinte e quatro annos, o Dr. Benedicto commetteu uma falta importante e grave, e d'essa falta lhe pro-veio um serio cuidado no mundo.

— E qual foi ella?

— Teve um filho sem que a mãe da pobre criancinha fosse sua mulher á face da Igreja ; ainda mais : essa mulher, nem pela sua posição, nem pelos seus antecedentes, podia ser sua esposa ; era uma d'essas creaturas de credito perdido e de fama vergonhosa, que elle não poderia sem pejo apresentar a seus amigos e nas sociedades como a companheira de sua vida e a escolhida de seu coração ; era uma mulher má e pervertida, que não traria senão opprobrio ao homem que fosse seu marido.

— Adiante... adiante, D. Fabiana.

— Essa mulher foi a mãe do filho do Dr. Benedicto.

— E essa criança? perguntou Adrianna tremendo sem saber porque.

— Reconhecendo que não podia casar com a mãe de seu filho, e como homem de coração e de honra não podendo também abandonar o fructo de seu erro, o Dr. Benedicto abraçou-se com o ultimo recurso que lhe restava...

— E o que fez então?

— Mandou engeitar seu filho.

— Oh!... será possível?...

— A criança foi uma noite deixada á porta de uma pobre mulher velha, a quem elle precedentemente dizpozera para receber o misero engeitado, que encontrou um momento depois de exposto uma boa ama para aleital-o, e todos os cuidados que têm os filhos dos ricos.

— E essa criança? tornou a perguntar Adrianna, cuja curiosidade augmentava a cada momento.

— Essa criança... o filho que um homem honesto e honradissimo teve a desgraça de ter de uma mulher pervertida... desacreditada... per-

cida... desprezada pelos homens e amaldiçoada por Deos, recebeu na pia baptismal o nome de...

— Acabe...

— Americo.

Adrianna sentio que estava a ponto de desmaiar ! Fabiana, de seu lado, fingio que não observava aquella extrema commoção, e dando á filha de Christiano o tempo necessario para socegar, continuou depois :

— Sim, o filho de Benedicto, e de... chamava-se ou antes, chama-se Americo.

— Será possível, meu Deos !

— É absolutamente verdade.

— E como se chegou a saber?

— Ainda quando eu não tivesse muitas razões particulares para affirmar o que digo, bastava saber o que todos sabem, para assegurar-o.

— Oh ! meu Deos !

— Ouça, D. Adrianna : o Dr. Benedicto não passava um dia que não fosse vêr aquella criança extranha na casa da velha que a adoptára ; foi o Dr. Benedicto quem preparou e pagou os mestres de Americo, e muitas vezes elle trazia o engraçado menino a nossas casas para mostrar-nos, como dizia, o seu protegido. Ora, por melhor coração

que se tenha, nunca se leva a piedade até este ponto.

— E o que mais ? perguntou Adrianna.

— Americo, pobre, engeitado e adoptado por uma velha, que nada tinha de seu, pôde entretanto receber uma educação esmerada, graças ao Dr. Benedicto, e graças ainda a elle, conseguiu, quando contava apenas vinte e um annos, ser nomeado para um excellente e não pouco rendoso emprego.

— D. Fabiana, se o Sr. Benedicto é pai do Sr. Americo, não tem feito mais do que o seu dever.

— Oh ! sem duvida : eu penso absolutamente do mesmo modo, e nem no que acabo de dizer ha uma só palavra dita em desabono d'esse homem honrado, a quem tanto respeito.

— Bem, continue.

— Se o Dr. Benedicto não fosse pai do Sr. Americo, já teria reconhecido que tudo quanto a caridade pôde aconselhar estava feito a favor do pobre engeitado ; mas sendo, como é, seu pai, é outra cousa !... assiste-lhe a obrigação de protegê-lo sempre, e de trabalhar constantemente pela sua felicidade.

— Também isso é certo.

— E é ainda mais certo que o Sr. Americo não pôde por ora dispensar os cuidados de seu pai; todos nós conhecemos o Sr. Americo: não ha melhor coração, nem peor cabeça; não ha generosidade de que ella não seja capaz, nem loucura que elle não pratique.

Adrianna cravou um olhar perscrutador no rosto de Fabiana, que simulando não o perceber, proseguio:

— Não sei porque é, mas eu gosto de um rapaz assim; nunca pude tolerar um moço com genio de velho; acho engraçado vêr um joven cheio de ardor e de fogo, pensando pouco, realisando a primeira idéa que lhe vem á cabeça, enchendo o mundo com o seu nome, occupando o publico com a historia de suas extravagancias, não sabendo ser usurario e nem mesmo economico; amando ardentemente uma moça durante um baile, e esquecendo-a por outra na noite seguinte.

— Mas isso é ser louco...

— Não, menina, é ser moço; é fazer o que é proprio dos moços; pois acaso se pôde tolerar um homem de trinta annos, como o Sr. Frede-

rico, que dizem ser o meu protegido, com aquelle ar de ministro de estado, sempre tão sério, tão frio, tão comedido, medindo suas acções, pensando suas palavras?... eu prefiro os moços, moços, e por isso gósto muito mais do Sr. Americo, embora elle não se mostre muito meu amigo.

— Mas... continue o que estava dizendo, D. Fabiana.

— O Dr. Benedicto tem-se visto tonto com as travessuras do Sr. Americo : é positivo e seguro que o nosso joven amigo ainda praticou acto algum do qual lhe possa redundar descredito, mas é moço e gosta do que os moços gostam : não ha amor que lhe baste, nem dinheiro que lhe chegue : é louco por dansarinas e adora a musica italiana com tanto extremo, que gasta sommas enormes em presentes ás primas-donas : ora, para isto não lhe chega o ordenado, e portanto, não ha mez em que o protector não pague o que elle chama — loucuras de seu protegido.

— Mas, em abono da verdade, não é isso o que diz o Dr. Benedicto.

— Boa duvida! então o pai havia de desacreditar o filho, e principalmente aos ouvidos d'a-

quelles a quem mais desejaria encobrir os pequenos e mais que desculpaveis defeitos d'elle?...

— Mas por que motivo?

— É o fim da historia, D. Adrianna.

— Pois vamos, vamos... ha um não sei que em tudo isto...

— O Dr. Benedicto entendeu que o melhor remedio que poderia applicar para curar as extravagancias de seu filbo era casal-o.

— Casal-o!

— Sim, e principalmente casal-o bem, e bem rico; porque casando-o bem rico, ainda no caso de não aproveitar o remedio, ficava elle dispensado de acudir com um credito supplementar no fim de todos os mezes aos apertos do Sr. Americo.

— E que mais?

— Naturalmente, como bom pai que é, o Dr. Benedicto procurava para seu filho uma esposa bella, virtuosa, rica, e...

— E... o que?... acabe.

— Achou uma que reune todas essas condições.

— É qual é?

— A filha do seu primeiro amigo, disse Fa-

biana rindo-se, uma senhora do meu conhecimento, que se chama D. Adrianna.

— Senhora!...

— Ora, eu entendo que o Dr. Benedicto pensou muito bem, e que não podia acertar melhor na escolha que fez; e quanto ao Sr. Americo, de todo o coração declaro que se tivesse uma filha, talvez lh'a dêsse em casamento; porque, afóra a desagradavel consideração da qualidade da mãe do noivo, não vejo que lhe falte nada para ser um moço completo.

— E que mais?..

— Entretanto, o Dr. Benedicto acreditou que eu me propunha a crear difficuldades á realisação do seu projecto; julgou que eu estava protegendo suppostas ou reaes pretensões do Sr. Frederico, e cego pelo amor de pai, sua razão se nublou, e com a intenção de me tornar suspeita, forjou uma comedia, que hontem á noite teve as honras de sua primeira representaçào!

— Como?

— Elle só, ou talvez elle e o Sr. Americo, aproveitaram-se de duas forasteiras, de duas mulheres miseraveis e indignas, que habitam a ermida arruinada; ensinaram a mais habil d'ellas

um papel difficil, uma longa e curiosa lição, que effectivamente ella veio aqui repetir hontem á noite : cercaram essa mulher de mysterio para tornal-a mais interessante, e... e... eu fui a victima !

— Mas de que modo pôde saber?...

— Oh! eu tenho tambem a minha policia; e depois, era tão facil penetrar o segredo?... Diga, D. Adrianna : que mal podia eu ter feito áquellas mulheres da ermida arruinada?

— Realmente nenhum.

— E, todavia, a tal senhora de hontem lançou-se a mim como uma inimiga de muitos annos, mostrou conhecer-me de muito tempo, e insultou-me como se insulta a um miseravel.

— É realmente notavel!

— Diga mais : que mal tambem poderia ter feito áquellas desgraçadas o Sr. Frederico?

— Nenhum... nenhum, certamente.

— E entretanto, contra o Sr. Frederico tambem se atirou violenta e terrivel a nossa mysteriosa convidada, ao mesmo tempo que cubrio de bençãos e elogios ao Dr. Benedicto e ao Sr. Americo : ora, o que quer dizer isto?

Adrianna não respondeu palavra.

— D. Adrianna, acredita em feiticéiras e em mágicas?

— Não, por certo.

— Como, pois, explica a sciencia infusa d'aquella mulher de hontem?... como comprehende que ella possa nos conhecer a todos, um por um, saber os nossos nomes, indicar as nossas familias, como hontem o fez?

— D. Fabiana... eu não sei... isto faz andar a cabeça á roda!

— Pois eu sei! sei o que fizeram; mas fizeram uma injustiça, principalmente a mim. O Dr. Benedicto pôde muito bem tratar do casamento de seu filho sem ultrajar-me, nem perseguir-me.

— Talvez que se engane a respeito do Dr. Benedicto, D. Fabiana.

— Não, não me engano; sei muito bem o que digo, e porque o digo.

A velha e a moça ficaram em silencio durante algum tempo : depois Fabiana concluiu dizendo :

— D. Adrianna, eu não quiz senão rehabilitar-me no seu conceito; tudo quanto disse é verdade, mas só o disse para acobertar-me de toda a suspeita injuriosa : agora, o que lhe rogo é que não

me comprometta com o Dr. Benedicto deixando-o saber o que eu acabei de lhe confiar.

— Descanse, D. Fabiana; eu sei ser discreta.

Fabiana levantou-se, e dando um beijo na frente de Adrianna, retirou-se socegradamente.

Desde que Adrianna se viu só, fechou por dentro a porta de seu quarto, e desatou a chorar.

XIX

CONFIDENCIA

— Camillo, disse Americo, as originalidades e as extravagancias estão no meu character : de ordinario gosto de fazer aquillo que os outros gostam de não fazer ; quando em certo tempo estive em Nova-Friburgo, tive inveja de um inglez, que no mez de Junho sahia de madrugada a passear em mangas de camisa ; extasiei-me um dia vendo um allemão comer pimentões com melado ; até já admirei uma vez a coragem de um guapo rapaz de vinte e cinco annos, que se casou com uma velha de cincoenta!...

— Rica ?

— Ora... qual ! se fosse rica seria tido na conta de homem de juizo, segundo a moral da

epoca, e além d'isso era um factó muito commum para poder entrar no meu programma de originalidade : casou-se com uma velha feia, pobre e carregada de filhos.

— Era um doido.

— Não; era um peccador arrependido que se entregava á penitencia.

— Bem; mas ao que vem isso?

— Vem para te dizer que, ápezar da minha tendencia para tudo quanto me cheira a extravagancia, estou achando demasiadamente esquisito este passeio ás duas horas da tarde, com um sol ardente e por um campo nú; estou suando em bicas!

— Ah! estás suando?

— E tu tambem não o estás?

— É verdade : descansemos, pois, á sombra d'aquelle ingaseiro.

— Muito bem pensado : tenhamos juizo dez minutos por dia ao menos.

O ingaseiro, de que fallára Camillo, com seu tronco tortuoso, sua cópa frondosa e meio inclinado para o rio, que beijava de passagem suas raizes, offerencia aos dous mancebos uma sombra agradavel e fresca.

Apenas chegados junto da arvore, Camillo sentou-se sobre uma raiz nodosa e grossa que surgia da terra, e Americo subio e foi deitar-se em um dos braços do ingaseiro.

Depois de descansar alguns momentos, Americo tirou da cabeça o seu chapelinho de Chile, passou o lenço pelo rosto e pelos cabellos, e olhando para baixo, deu com Camillo a olhar fixamente para as aguas limpidas do rio.

— Que diabo estás tu a olhar Camillo?

— Eu? perguntou este levantando promptamente a cabeça.

— Descobriste por ventura arcos de ouro no fundo d'esse rio?

— Não : porque?

— Vês ahi algum formoso rosto de mãe d'agua que te encanta?

— Vejo, sim.

Americo deu um pulo da arvore abaixo.

— Onde, rapaz? perguntou elle; ensina-me a descobrir as mães, ou ainda melhor as filhas d'agua no fundo do rio; porque eu tive sempre o máo costume de gostar mais das filhas do que das mães.

— Americo, disse Camillo tocando com a mão

na testa; a belleza encantada que eu vejo no fundo d'este rio, como em toda parte, está aqui.

— Ahi?... está visto que dei um salto sem pro-
veito : tambem é regra que os saltos quasi sem-
pre são prejudiciaes; mas vamos a saber, quem
é que tens ahi dentro da cabeça?... dize : prova-
velmente algumas das jovens bellezas que vieram
da côrte; toma cuidado, Camillo, não te deixes
levar das primeiras impressões : passaro que canta
muito, custa muito!

— Enganas-te : as tuas bellezas, fracas im-
pressões me fizeram.

— Ah! então são amores velhos, affeições da
terra?

— Menos.

— Peior! nem de lá, nem de cá?... então
d'onde é a seductora?

— Não sei.

— Bravo! gosto d'isso : o mysterio é o adubo
do amor : tens o meu gosto.

— É disso que tenho medo.

— Como?... tens medo de ter o meu gosto?

— Não; mas não quizera que tivesses o meu.

— Estamos na mesma; explica-te.

— Americo, eu te convidei para passear com a intenção de me explicar contigo.

— Excellentemente! e porque não o fizeste logo?...

— Hesitava.

— Pois não tinhas de que : eu sou o melhor homem do mundo para explicações; decido tudo em duas palavras.

— Mas tens o defeito de não deixar ninguem fallar.

— Isso tambem é verdade : falla.

— Americo, até hontem eu não comprehendia verdadeiramente o que era amor.

— E hoje comprehendes?... pois olha, ou achaste a pedra philosophal, ou estás enganado! o amor é uma geringonça mais atrapalhada do que o abecedario chinez, ou as leis do imperio : até a presente data ainda não houve quem comprehendesse semelhante troca-tintas?

— Pois se o não comprehendo, sinto-o.

— Ah! isso é outro caso : continua.

— Tinha ouvido fallar, tinha lido a historia de paixões ardentes que começam, que rebentam de improviso, e ria-me...

— Não te devias rir : o amor ás vezes anda tão

devagar como um coxo, e outras tão depressa como o correio electrico ; ás vezes é monotono como um carro puchado a bois pelas estradas, por onde não tem de passar o presidente da provincia, e outras tão rapido como uma locomotiva que vò a ao impulso do vapor; ás vezes é um bicho que se chama preguiça, e outras um passarinho que tem nome de andorinha; ás vezes...

— Mas d'este modo tu não poderás ouvir-me hoje?

— Tens razão; porém eu tambem tenho... eu cá sei o que sinto... falla.

— Sim : hontem comprehendi, que se pôde amar de repente, e mesmo contra vontade.

— Hontem?... já me repetiste duas vezes hontem, e por ora não adivinho nada! está visto que sou um estúpido!

— Americo, hontem eu ouvi de perto uma voz que já muitas vezes me encantára de longe : oh! ouvi-a, e a doçura indissivel d'essa voz se entornou em minha alma!...

— Mão!

— Adivinhei atravez de um fino véo os dous mais formosos olhos que Deos tem accendido com o fogo do sol!...

— Peior!

— E graças ao sopro inesperado de um benigno favoneo, o véo que encobria esse rosto ergueu-se por um instante; mas esse instante bastou para perder-me de todo! porque eu vi o rosto mais bello que uma imaginação de poeta poderia conceber...

— Pessimo!

— Até aqui era sómente o mysterio que me seduzia, e apenas o timbre suave e harmonioso de uma voz angelica, o fogo de uns olhos que brilhavam a despeito de um véo, e um rosto encantador apenas visto de relance; mas hoje...

— Hoje, o que?

— Hoje não póde mais ser illusão; hoje eu vi a realidade.

— Conta-me isso.

— Americo, tu te comprometteste a subir o monte da ermida arruinada: affirmaste que empregarias todos os meios para vér de perto essa mulher que um povo estúpido tem na conta de doida.

— É verdade.

— Pois bem: jura-me que nada d'isso farás?

— E porque?...

— Porque se chegasses a ver de perto essa mulher, tu te apaixonarias loucamente por ella.

— E que te importava isso?

— Oh! muito! tu serias meu rival.

— Camillo!

— É certo : doida ou não, eu amo-a.

— Já a viste?

— Escuta ; eu não dormi toda esta noite ; desde que ella appareceu-nos hontem, senti-me escravo de um encanto inexplicavel ; quando ella sahio da sala segui seus passos até o terreiro ; ao deixar a porta uma leve aragem levantou seu véo branco, e ao clarão das chammas da fogueira vi um rosto que não me pareceu de humano : tanto tinha de bello ! nada pôde descrever a sua formosura arrebatadora ! nada o fogo brilhante de seus olhos negros ! nada a graça indisivel de seu andar de fada !...

— Camillo ! querem vêr que tu tens veia de poeta ? pois se é assim, dou-te os pezames... mas... como ias dizendo, isso foi hontem... e hontem era de noite, ao luar, atravez de um véo e ao brilhar das chammas de uma fogueira, e portanto...

— E portanto, não dormi o resto da noite.

— Palavra de honra, que a consequencia não está contida nos principios.

— Acompanhei meu pai á fazenda, continuou Camillo; durante a viagem elle, sem querer, accendeu ainda mais minha imaginação, ou deu mais vivo impulso ao meu amor nascente, porque no caminho não me fallou senão d'essa mulher mysteriosa que tinha sabido em duas palavras conquistar sua sympathia e admiração. Desde que percebi que meu pai dormia, sahi de casa e dirigindo-me á ermida arruinada, subi o monte e escondi-me no centro de um grupo de arbustos, d'onde podia vêr tudo sem ser facilmente descoberto.

— E o que viste?

— Eu queria a todo custo observar de mais perto e á luz do dia a mulher encantadora, que desde algumas horas me occupava todo.

— Mas o que viste?

— Primeiramente, e logo que cheguei, vi passar por diante de mim um homem que foi bater á porta da ermida.

— E esse homem...

— Oh! eu o aborreci sem conhecê-lo! mas...

— E elle entrou?...

— Depois de esperar algum tempo, fallou, disse o seu nome; talvez, e a porta abriu-se.

— Abriu-se!...

— E elle entrou; eu ia lançar-me fóra do meu escondrijo para penetrar tambem dentro da ermida, quando senti que haviam de novo trancado a porta. Esperei...

— E depois?

— No fim de muito tempo, pareceu-me um seculo, a porta abriu-se de novo... julguei ouvir soluços, julguei que duas pessoas choravam; e logo depois o homem passou diante de mim... estava amanhecendo... á luz do crepusculo, reconheci-o...

E quem era elle?

— O Dr. Benedicto.

— O doutor!... o doutor!... Por consequencia fui logrado esta madrugada.

— Conservei-me escondido na minha posição, e esperei que sahisse alguém da ermida: não tardou muito que apparecesse aquella mesma por quem eu velára toda a noite...

— E então?...

— Oh! passou a dous passos de mim... estava

como sempre vestida de branco, mas não trazia um véo cobrindo-lhe o rosto...

— Viste-a portanto.

— Oh! mas não se póde descrever essa mulher que eu vi : de dia é mil vèzes mais bella que de noite.

— É celebre!... representa por consequencia uma excepção de regra mas sem excepção, que tenho conhecido!

— Não pude conter-me : acompanhei-a cautelosamente, fazendo caminho por entre os arbustos e as arvores : á mão direita da ermida, e a algumas braças de distancia do abysmo, a natureza cavou um lago pequeno, mas pittoresco, todo sombreado de arvores frondosas, e aqui e alli semeado de pequenos rochedos que ou se debruçam em suas margens, ou surgem do meio de suas aguas claras e mansas.

— Está tudo muito proprio para o caso.

— Á sombra de uma d'essas arvores, e sobre um d'esses rochedos, sentou-se a formosa incognita.

— E depois?

— Esteve calada muito tempo, olhando para o lago, como ainda agora eu olhava para o rio...

-
- E depois?
- Cantou.
- O que?
- Aquella mesma balada que ouvimos.
- E depois?
- Olhou de repente em torno de si, como se tivesse sentido algum rumor, e levantando-se logo depois, correu para a ermida.
- E tu?
- Eu fiquei immovel no lugar em que me achava, como se com a mulher, que fugira, tivesse tambem fugido a minha vida!
- Mas antes d'ella fugir?
- Vi-a!...
- E o que mais?...
- Mais nada.
- Por consequencia, és um tolo, e juro-te que agora esta consequencia está contida nos principios.
- E o que querias tu que eu fizesse?
- Ora! queria que lhe apparecesses, e que a obrigasses a ouvir-te e a fallar-te...
- Americo, tu não terias coragem de arrostrar um olhar severo d'essa mulher.
- Então é um ente privilegiado?...

— Creio que sim.

— E o que pretendes fazer?

— Amal-a.

— Isso é facil.

— Merecel-a.

— E para que?

— Para que ella seja minha...

— Tua o que?...

— Minha mulher, disse Camillo, sem hesitar.

— Camillo!

— Sim, disse, e hei de conseguil-o : não creio no que assoalha um vulgo estúpido; aquella creatura angelica não é uma mulher perdida, não; ha muita pureza no seu rosto para que o seja : Deos não crearia tantos encantos senão para ornamento da virtude. E sobre tudo, Americo, eu saberei quem é essa mulher, e a historia de sua vida, ou antes de suas desgraças.

— E se em vez de um seraphim fôr um demónio?

— Em tal caso, creio que morreria de dôr.

— Bem, disse Americo, tudo isto está muito bonito; porém, por mais que me desvaneça de ter merecido as honras d'esta confidencia, concordarás comigo, que é muito natural, que eu te per-

gunte se me contaste toda esta historia só pelo prazer de ter um confidente, ou por mais alguma cousa?

— Quiz tudo confiar-te por duas razões.

— Vamos a ellas.

— Primeiramente para pedir-te que abandones a idéa que tinhas de visitar a ermida arruinada.

— Camillo, já me comprometti a isso mesmo a uma outra pessoa.

— Outra pessoa! e a quem?

— Ao Dr. Benedicto.

— Ainda elle! pois tambem era a respeito d'elle que eu te queria fallar. Americo, que conceito fazes tu do Dr. Benedicto?

— O melhor possível.

— Perdôa-me, se te vou parecer ridiculo; mas, dize: poderia-se acreditar que o Dr. Benedicto fosse um namorado?

— O Dr. Benedicto namorado!... exclamou Americo desatando a rir como um perdido!

— Sim... responde?

— Não, pela minha vida.

— Entretanto a sua visita á ermida arruinada...

— É um mysterio que eu estimaria muito que me explicasses.

— Ah! se elle a amasse!...

Camillo pronunciou estas palavras com um tal accento de ciume, que Americo rompeu de novo em uma estrepitosa gargalhada!

— Tu és feliz, Americo; tu te ris... zombas de tudo... estás sempre contente!

O rosto de Americo tornou-se de subito sério e grave; Camillo sentio sua mão apertada entre as do seu amigo, que lhe disse:

— Dir-te-hei uma palavra, que não m'a ouviria ninguem. Camillo, desde que aqui cheguei, quando os meus labios riem, o meu coração se despedaça.

— Mas ris sempre!

— Oh! sim! e rir-me-hei ainda diante de todos! O desgraçado inspira compaixão, e compaixão é o que eu não quero inspirar nunca.

— Falla, Americo; abre-te comigo.

— Não.

— Mas porque?... não te mereço confiança?

— Não quero que tenhas piedade de mim.

— E portanto a mulher mysteriosa te conhecia bem: tu tens muito orgulho!

— É isso mesmo.

XX

OS PAIS E O AMIGO

Após um descanso de duas horas, as senhoras mostravam-se de novo, e, como é muito natural, os cavalheiros deixavam o engenho e corriam á sala para lhes fazer companhia.

Benedicto chegou-se a uma janella, onde conversavam Christiano e Gabriella, e apontando para uma mesa, onde jogavam um homem e uma senhora, perguntou :

— O que se faz alli n'aquella mesa, meu caro e bom Christiano?

— Joga-se, doutor.

— E você está bem seguro d'isso?...

— Pelo menos, assim o creio.

— Ah! pois bem : joga-se; mas quem são mesmo aquelles dous parceiros, D. Gabriella?

— Doutor, respondeu a esposa de Christiano, você quer passar por myope?

— Diga sempre.

— É D. Fabiana que joga o écarté com o seu predilecto amigo Frederico.

— Bem... bem... E qual dos dous perderá no joguinho?

— Provavelmente Frederico, disse Christiano.

— Pois eu affirmo que não.

— Em tal caso perderá D. Fabiana, disse Gabriella.

— Tambem assevero que não.

— Então nem um nem outro...

— Ainda menos : eu tenho a certeza de que alguém está exposto a perder muito n'aquelle jogo!

— Doutor, você está com uns ares de mysterio, que poderia chegar a assustar-nos.

— Não querem adivinhar quem está exposto a perder muito n'aquelle jogo?... pois eu lhes vou dizer : é uma joven e interessante senhora, que se chama Adrianna.

— Sempre a mesma idéa, doutor!

— Alli não se joga, Christiano; alli se conspira. D. Gabriella, lembre-se do conselho da mulher mysteriosa : cuidado! cuidado! cuidado!

— Doutor! você assusta-nos!... se sabe alguma cousa, porque o não diz?

— O navegante, amestrado pela experiencia, prevê a tempestade antes que ella rebente; lê os avisos da borrasca, que se approxima nas nuvens, que se enrolam ou que deslisam no céu! não sei nada, e sei muito... alli n'aquella mesa conspira-se!

Gabriella deixou cahir um pouco a cabeça e se pôz a meditar tristemente.

— Mas, dado o caso que elles estejam conspirando contra a felicidade de minha filha, o que poderia eu fazer sem provas e apenas abalado por suspeitas que se não explicam?

— A minha opinião ha muito tempo que a expriimi francamente : eu tinha fechado a porta áquelles intrigantes.

— Uma amizade antiga como a de D. Fabiana...

— E que tão cara nos ha custado, não é bem verdade?

— E além disso, aquella consideração...

— Aquella consideração, Christiano, eu a esqueceria até o momento em que a amizade que tributamos a um ente querido nos obrigasse a fazer o contrario.

— Pois bem; nós a temos tratado bem friamente, e apesar d'isso ella teima em frequentar a nossa casa, e até mesmo improvisou-se convidada, e fez-se acompanhar de Frederico para tomar parte na festa do nosso engenho novo.

— Razão de mais para se desconfiar d'aquella mulher, disse Benedicto.

— E em taes circumstancias o que devemos fazer?... *decida você, doutor.*

— Christiano, aquella mulher é nossa inimiga, e quer ferir-nos no que nós temos de mais caro: suspeita que Americo seja meu filho, e suppõe, com razão, que nós tenhamos em mente casar esse mancebo com a nossa Adrianna; assim, pois, entende ella que, desfazendo esse projecto de casamento, descarrega sobre mim um golpe terrivel, e casando mal a nossa bella menina, faz ao mesmo tempo a desgraça d'ella, a desgraça de D. Gabriella e a tua!

— E seria possivel...

— Oh! ella trabalha ao menos com todas as

suas forças, e eis-alli aquelle miserável seductor, que é a carta com que joga actualmente!

— E você póde suppôr que ella chegue a conseguir os seus fins?

— Quem sabe!... em taes casos toda prudencia é pouca, Christiano.

N'esse momento Gabriella levantou a cabeça e disse tristemente, repetindo as palavras do medico :

— É verdade! em taes casos toda prudencia é pouca, meu Christiano.

— Pois então velemos sem cessar, velemos todos pela nossa Adrianna, e tambem pelo nosso Americo.

— Mas não basta velar.

— Meu Deos! tornou Gabriella, será possivel que se não seja senhor da sua propria casa!

— Oh! sim! é possivel, quando o dono da casa é fraco e indeciso como Christiano.

— Doutor!

— É o teu defeito, Christiano; não tens decisão, nem força de vontade; chegas a ser máo pelo excesso da tua bondade. Devias te lembrar que és responsavel perante Deos e a sociedade pelo futuro de Adrianna.

— Oh! sim! é verdade, murmurou Gabriella.

— Tambem tu, Gabriella?... disse sentidamente Christiano.

— Tambem eu, á vista sómente do Dr. Benedicto : doutor! doutor! o meu coração de mãe tinha adivinhado tudo isto; no meu coração de mãe eu suspeitei sempre das intenções de D. Fabiana, e quando eu confiava a Christiano as minhas suspeitas ou os meus temores, elle sempre me respondia : « Estás louca, minha Gabriella; o Dr. Benedicto está te pegando a sua mania! »

— Entretanto elle devia conhecer bem aquella terrivel mulher!

— Ora pois, disse Christiano, vocês deram-se as mãos para fallar mal de mim, e estão se lamentando de modo que parece que estamos com os pés tocando a borda de um abysmo!

— Talvez.

— Qual talvez, doutor! sejamos homens : se ha um perigo diante de nós, façamos por livrarnos d'elle sem offender ninguem, e vivamos alegres : pois será isto possivel?

— Sem offender ninguem... murmurou o doutor; olhem o fracalhão... e sempre o mesmo!...

— Vejamos : diz você que a velha Fabiana

quer destruir os nossos projectos de casamento de Adrianna e Americo; pois muito bem, case-mol-os quanto antes, e está o negocio acabado.

— Adrianna está tão criança ainda! disse Gabriella.

— Tinhas a idade d'ella quanto te casaste comigo, tornou Christiano.

— Mas o nosso Americo, observou ainda a prudente mãe, o nosso Americo tem uma cabeça tão ardente, um character tão vivo... que...

— Mais loucuras do que elle fiz eu quando era moço, e entretanto, tu o podes dizer, Gabriella, sou o typo dos bons maridos!...

— Depois que passaste dos quarenta annos, meu caro; porque até essa idade eras tão bom como os outros!

— Então segue-se que rejeitam a minha idéa?

— Eu quizera pensar ainda... disse Gabriella.

— E eu creio, observou Benedicto, que se não deve perder muito tempo pensando inutilmente.

— Portanto, doutor, segue o parecer de meu marido?

— Certamente. Desde muito tempo que pensamos todos em realisar este casamento; para que, pois, retardal-o mais?... A nossa Adrianna tem

virtudes próprias, e o exemplo de sua mãe para ser a melhor das esposas; e quanto a Americo, que remedio terá elle senão ser o melhor dos maridos?... Americo é um homem de honra, e ama apaixonadamente a nossa bella Adrianna : que mais nos falta?... devemos dar á maldade o tempo necessario para amadurecer seus projectos?...

Gabriella reflectia ainda.

— Quem sabe?... tornou Benedicto, amanhã talvez seja tarde.

— Pois então... faça-se quanto antes o casamento de minha filha, disse a boa mãe.

O Dr. Benedicto esfregou as mãos de contente.

— Bem... bem... excellentemente; mas agora o que resta é que nos entendamos com os dous noivos : é verdade... quero dar-lhes uma noticia; já não é novo para nós que elles se amam, posto que não houvesse ainda entre elles a menor declaração; pois fiquem sabendo que estão ambos arrufados...

— Arrufados?... perguntou Gabriella sorrindo e córando ao mesmo tempo.

— Sem a menor duvida : a causa dos arrufos não a sei eu, mas affirmo que a velha terrivel entrou n'isso; cumpre-nos portanto obrigar-os

antes de tudo a fazer as pazes; tanto mais que o nosso cabeça de vento confessou-me que amava Adrianna; mas que nunca se lembraria de pedil-a em casamento antes de ter uma posição e fortuna para offerecer-lhe.

— Ao menos isso prova nobreza de sentimentos, disse Gabriella; e tanto me alegra essa disposição, que peço licença para me incumbir de chamar á razão o nosso orgulhoso.

— N'esse caso, acudio Benedicto, caber-me-ha o prazer de dar antes de todos os parabens á nossa Adrianna.

— E eu, disse Christiano ternamente, erguerei os olhos ao céu para pedir a Deos a felicidade de minha filha, e depois os abaixarei, e irei craval-os em um tumulto para perguntar a um finado se está contente comigo!

Gabriella apertou a mão de seu marido.

Ouvio-se um leve rumor na sala.

— É Adrianna que entra...

— Eil-a, doutor! disse Gabriella.

Benedicto dirigio-se immediatamente a Adrianna.

XXI

BENEDICTO E ADRIANNA

— Pensam certas senhoras, disse Benedicto dirigindo-se a Adrianna, que uma das maiores desgraças que lhes pôde sobrevir é apparecer em uma reunião um velho impertinente que as obri-gue a perder meia hora conversando com elle.

— Porque me diz isto, doutor? perguntou a moça.

— Queria ouvir a opinião da minha boa Adrianna a tal respeito.

— Se eu mereço o nome que me dá de sua boa Adrianna, está visto que não poderei pensar d'essa maneira, e muito principalmente quando o tal velho impertinente fôr como o Dr. Benedicto.

— Esta resposta me contenta, e me descontenta, minha Adrianna.

— Como?...

— Contenta-me, porque vejo que poderemos conversar um pouco; que era exactamente o que eu desejava.

— E lhe descontenta, porque...

— Porque eu precisava sobretudo que a minha Adrianna fosse comigo hoje franca e sincera, mais do que nunca, e comecei logo por ter uma prova de que está muito lisonjeira.

— Fique certo, doutor, de que disse sómente o que sentia.

— Pois bem, aceite n'este caso o meu braço.

— Com muito prazer; e para lhe demonstrar a minha franqueza, confesso que tenho mesmo algum interesse n'esta meia hora de conversação.

— Sim?

— É verdade: quero lhe pedir a explicação de um certo facto, e depois, se me der licença, fazer-lhe uma pergunta talvez muito... audaciosa; mas também muito importante.

— Ora pois; vamos a isto, porque tenho igualmente objecto muito interessante de que tratar.

— Doutor, disse Adrianna, observo que ainda não olhou com atenção para mim?...

Benedicto fitou seus olhos no rosto da filha de Christiano, e apressou-se a perguntar com voz commovida :

— Menina! porque choraste?... o que tens? ah! é verdade... en não tinha olhado com atenção para ella.

— Ah, doutor! não é bem certo que desde que aqui chegámos, no meio dos cantos que se entoam, das contradansas que se tecem, no meio das alegrias, e no ruido das festas, pairam sobre minha cabeça não sei que projectos, que muitos sabem, e que só eu ignoro?... não é verdade, que se joga com o meu nome?... que se me vaticina desgraças?... doutor, não é verdade tudo isto?

— Sim, é verdade tudo isso, e mais alguma cousa ainda.

— Oh! e o que mais?

— Que os teus amigos velam.

— Amigos?... pois não o são todos?... seria possível que eu tivesse inimigos debaixo dos tectos de meu pai?

— Menina, disse Benedicto, achariam alguns n'essas palavras uma accusação a teu pai!

— Oh, não!... meu pai póde ser enganado como eu, talvez; mas nunca bom de mais, meu pai é um santo, e minha mãe o anjo de minha guarda.

— É isso mesmo!... tornou Benedicto enterrecendo-se e beijando a mão de Adrianna.

— Mas o que ha, doutor, o que ha?

— Minha Adrianna, ainda não chegou a minha vez de fallar.

— Pois bem, eu conclúo; ou antes, vou já perguntar o que queria saber. Doutor, quem é aquella mulher mysteriosa que appareceu aqui hontem á noite?...

Benedicto pareceu surprehendido e contrariado por essa pergunta.

— Quem é aquella mulher?... repetio Adrianna; franqueza por franqueza, senhor!

— Menina, como posso eu saber o nome de uma pessoa que todos aqui desconhecem?

— A resposta não é positiva: perdão, doutor; mas eu preferia ouvir antes um *não sei*; porque juro, que partindo de um tal homem, acreditaria sem hesitar n'elle.

— Pois bem; disse Benedicto reconhecendo-se

vencido; se tanta confiança te merece a minha palavra, não posso nem devo confiar menos no teu character : **Adrianna**, o que te vou dizer não o disse ainda a pessoa alguma, e é um segredo que não deve passar de nós dous.

Adrianna abriu seus grandes e bellos olhos, e os deixou por um instante pendentos dos labios de **Benedicto**, que respondeo em voz baixa :

— Eu conheço aquella mulher ; mas não posso dizer quem seja.

Adrianna abaixou os olhos tristemente e pensou comsigo mesmo que talvez a velha **Fabiana** tivesse razão.

— Então que é isso, menina?... estás triste?

— Não é simples curiosidade o que me move a fazer estas perguntas, respondeu ella ; tenho necessidade de socegar o meu coração a certo respeito.

— Isso é facil ; abre-me esse coração onde tudo é virtude, e nada receies.

Adrianna pensou alguns momentos, e depois perguntou ainda :

— E póde dizer-me desde quando conhece aquella mulher?

— Menina, a tua pergunta me embarça...

— Se é impertinencia de mais...

— Não; a difficuldade está sómente na precisão da resposta : se eu dissesse que apenas a conheço desde hoje de manhã, não diria a verdade; mas é certo, que foi sómente ao amanhecer do dia de hoje que a reconheci.

— Como?

— Fallei com ella hoje de manhã.

— Onde?

— Na capella arruinada.

— E antes de hoje?

— N'estes lugares, nunca.

— Nunca, doutor?... nem hontem?... nem ha tres?... nem ha quinze dias?...

— Nunca n'estes lugares, e nem hontem, nem ha tres, nem ha quinze dias, nem ha tres annos em parte alguma.

— Ah! doutor!... exclamou Adrianna abraçando o velho medico; que socego! que felicidade que isto me causa!

— Menina, estás me abraçando á vista de toda esta gente!

— Ora! o que tem isso?... eu não lhe abraço tantas vezes á vista de minha mãe?...

O Dr. Benedicto estava chorando de contente,

e quando sentio que os braços de Adrianna não o apertavam mais, disse :

— Ora pois, minha feiticeira, então agora já chegou a minha vez de fallar ?

Adrianna tornou-se de novo profundamente séria.

— Ainda não, respondeu : falta-me a segunda e ultima pergunta : mas esta, doutor, é ainda peor do que a primeira !

— Peior ?

— Sim, e muito mais grave : olhe, eu tenho medo de o ouvir ralhar comigo ; mas não é menos certo que preciso ouvir a sua resposta para socegar de todo.

— Menina, falla : disse Benedicto tornando-se pensativo, e envolvendo os olhos de fogo para o lado em que estava sentada Fabiana.

Depois de alguma hesitação, Adrianna fallou.

— Senhor, acredite antes de tudo que não tenho na mente a menor idéa de o incomodar e de lhe causar o menor vexame ; pelo contrario...

— Adiante, menina : sei bem que me lastimas, e que és incapaz de qualquer má acção.

— Doutor, diga-me com franqueza, o Sr. Americano...

— O que?... o que!...

— O Sr. Americo é... seu filho?...

Benedicto recuou dous passos, e encarou com olhos ardentes a filha de Christiano.

— Perdão, doutor!... exclamou a menina, tomando-lhe de novo o braço; perdão!

— Como é perversa aquella mulher! murmurou com voz surda Benedicto.

— Senhor! senhor! eu não tinha intenção de offendel-o.

— Não me offendeste, não; menina : és uma pobre incauta; mas vê bem, que a tua mesma innocencia te póde expôr a bastantes perigos!

— Ah! meu Deos!

— Adrianna : não vês que eu adivinho a mão que despedio o raio da calumnia?...

— Como, senhor?

— Eu digo, affirmo e juro que conversaste sobre estas cousas com a velha Fabiana.

— Eu não fallei aqui no nome de D. Fabiana, respondeu Adrianna lembrando-se da promessa que fizera.

— Partio d'ella o golpe, eu o sei, continuou Benedicto socegando; nem preciso que m'o digas; mas dentro em pouco lhe arrancaremos das

mãos todas as armas com que nos pretende fazer mal.

Depois, voltando-se de novo para Adrianna continuou :

— Americo não é meu filho.

Adrianna respirou.

— Mas do pouco que possuo a terça parte lhe ha de pertencer, e se em todo o caso um nome lhe fosse necessario e elle quizesse o meu, eu lh'o daria.

— Basta, doutor.

— Estás portanto socegada?

— Tanto, quanto era possivel desejal-o.

— Pois eu ainda não.

— E estará nas minhas mãos contribuir para o seu socego, doutor!

— Sim, está, minha Adrianna.

— Disponha de mim, meu amigo.

— Menina, conto com a franqueza que me prometteste. Eu sei que amas Americo.

Adrianna fez-se toda côr de rosa.

— O vivo rubor que está accendendo tuas faces é já uma resposta, ou antes uma confissão bem clara d'esse amor, que aliás nenhum dos teus

amigos leva a mal; exijo porém que teus labios igualmente me respondam.

— Senhor!

— Tu amas Americo, menina?...

— Amava-o, doutor, respondeu Adrianna tremendo.

— Amava-o?... como é isso então?

— Até antehontem á noite sentia bem que o amava; hoje não sei se o amo ou se o aborreço.

— E porque?... falla.

— Porque, muito embora nunca lhe ouvisse uma palavra de amor, confesso que me suppunha tambem amada por elle, e antehontem tive a certeza de que zombava de mim.

— Como?

— Elle ama outra, doutor!

— E a quem?

— Qu'importa a quem?... está visto que não me cumpre fazer questão d'essa terceira pessoa.

— Mas se tudo isso fosse tambem uma falsidade e uma calumnia?...

— Uma calumnia?!... repetio Adrianna com emoção; uma calumnia?... e com que fim?...

— Menina, com o mesmo fim que teve em vista

quem te pretendeu fazer acreditar que Americo era meu filho.

— Ah! doutor!

— Inexperiente criança! porque te não lembras do conselho da mulher mysteriosa? ah! recorda-te bem de suas palavras; ella disse: *cuidado! cuidado! muito cuidado!*...

— Meu Deos! exclamou a moça: o que fiz eu para me quererem fazer enlouquecer?!

— Deixemo-nos de exclamações, e vamos á resposta á minha pergunta.

— Que pergunta, doutor?...

— Se tambem esse outro pretendido amor fosse uma falsidade?

— Se fosse uma falsidade... repetio Adrianna suspirando,

— Sim: que dirias?

— Oh! e quem me poderia affirmar isso?... quem me viria assegurar que me tinham feito acreditar em uma calumnia?

— Adrianna, acreditas em mim?

— Como em meu pai, senhor.

— Pois eu t'o asseguro.

— Adrianna, apertou involuntariamente e com

tanta força o braço de Benedicto, que o obrigou dizer-lhe sorrindo :

— Se te parece, abraça-me outra vez.

A moça tornou a fazer-se muito vermelha, e abaixando a cabeça, murmurou :

— Sou uma louca.

— Que louca ! és apenas uma namorada.

— Doutor ! disse Adrianna erguendo orgulhosamente a cabeça.

— Oh ! não é preciso que me olhes com tanta colera assim ; corrigirei immediatamente a minha expressão, e em vez de namorada, direi simplesmente apaixonada.

— Mas a que vem uma tal conversação ?...

— A decidirmos quanto antes uma questão bem importante. Ainda ha pouco eu e teus pais fallavamos a teu respeito, e assentámos todos, que chegaste a uma idade em que o casamento se começa a desejar.

— Creio porém que eu ainda não disse que o desejava.

— E eu com esta minha franqueza, continuou Benedicto, declarei a teus pais que Americo te amava.

— Não sei se fez bem, doutor.

— Fui ainda adiante, e affirmei que tu igualmente amavas Americo.

— Senhor!

— Supponho que não disse mentira nenhuma.

— Oh! mas como hei de eu agora levantar os olhos para meu pai, e conversar com minha mãe?...

Adrianna tremia de pejo e de commoção, e Benedicto sentia-lhe o palpitar frequente e alterado do coração no braço, que a moça insensivelmente lhe apertava, encostando-o ao peito.

— Está visto que devo ainda esta noite socegar-te pela terceira ou quarta vez.

— Ah! doutor!

— Menina, podes como d'antes levantar os olhos para teu pai, e dirigir a palavra á tua mãe, porque ha muito tempo que ambos tinham adivinhado teu amor, e qualquer dos dous o approva com tanto ardor como eu.

— Será possível, meu Deos?...

— Ainda mais do que isso : todos nós fazemos votos pela vossa união, e eu tive o prazer de ser o primeiro a dar-te os parabens pelo teu proximo casamento.

— Pelo meu proximo casamento?...

— Esta é boa! então que te admiras?... creio que amando ao nosso Americo, nutrias o desejo de te casar com elle.

— Mas...

— Ao que vem agora esse *mas*?... teus pais approvam o teu amor, e desejam o teu casamento : terás que dizer alguma cousa sobre isto?...

— Tenho, sim, doutor : tenho a minha vaidade de moça revoltada, e ainda uma duvida dentro do coração.

— Vamos á duvida, menina.

— Doutor, confio muito na sua palavra ; mas que razão teve para me assegurar que foi uma calumnia o que me disseram do Sr. Americo?...

— A melhor razão do mundo, a confissão ingenua do proprio Americo.

Adrianna respirou, e logo depois perguntou com ardor :

— Pois elle o disse?...

— Ou eu fil-o dizer, que é a mesma cousa.

— Como?

— Apanhei-o esta madrugada velando tristemente, obriguei-o a confiar-me os seus pezares, e elle não teve remedio senão confessar-me o que eu já sabia : eis tudo.

O prazer transbordou do coração ao rosto de Adrianna.

— Estás contente?...

— Oh! não posso encobril-o, doutor : agora só resta a minha vaidade de moça.

— E o que tem essa impertinente senhora?

— Desde ante-hontem á noite que o Sr. Americo me trata mal.

— Sim; e depois?...

— É que eu não posso nem devo dizer que sim á proposição que acabei de ouvir, sem saber as razões que dei para ser menos bem tratada : se eu procedesse de outra maneira, quem sabe o que elle pensaria de mim?...

— Entendo : faz-se, antes de tudo, necessario que o pobre rapaz venha de joelhos e humildemente pedir o seu perdão!... estas moças! estas moças!...

O Dr. Benedicto estava tão contente do bom resultado da sua conversação com Adrianna, que punha de parte, praticando com ella, a sua habitual gravidade.

— Pois bem, continuou elle, dentro em pouco veremos o nosso estouvado apparecer aqui ao pé de nós, como um peccador arrependido : terá

lugar sem duvida alguma um acto de conciliação, e, se me derem licença, quero eu ser o juiz de paz que diga a ultima palavra sobre a questão. E fique sabendo, minha senhora, que me ha de pagar muito bem pago todo este negocio!

— Mas pagar como, doutor?

— Ora, está visto, com um abraço bem apertado.

— É o que tenho feito, e farei sempre com muito prazer.

— Oh! lá está o maganão conversando com tua mãe.

Adrianna estremeceu.

— Sabes do que estão tratando?

— Eu não sei adivinhar, doutor.

— Exactamente do que acabamos de fallar.

Adrianna não pôde dizer palavra, não só porque começava a sentir-se muito commovida e acanhada, como tambem porque sua mãe, conduzida pelo braço de Americo, se chegava para ella.

— Basta de conversar, doutor, disse Gabriella sorrindo-se; os nossos amigos querem dansar uma contradansa antes de jantar.

E depois, voltando-se para Adrianna, continuou :

— Minha filha, o Sr. Americo deseja que sejas seu par n'esta quadrilha.

Adrianna cravou os olhos no chão, e, tremula e vermelha de pejo, depôz sua mãosinha de anjo na mão que Americo não menos perturbado lhe offerencia.

XXII

GABRIELLA E AMERICO

O Dr. Benedicto acabava apenas de entrar no terraço com Adrianna e de encetar a conversação, que acaba de ser referida, quando Americo appareceu á porta da sala, e volveu para todos os lados um olhar desejoso, embora disfarçado.

— A quem procuram seus olhos, Sr. Americo?... perguntou-lhe uma voz agradável e doce, que sôou baixinha a seus ouvidos.

Americo olhou para vêr quem lhe fallava, e encontrou junto de si a esposa de Christiano.

— A quem procuram seus olhos, Sr. Americo?...

O mancebo còrou levemente, como se lhe tives-

sem surprehendido um segredo de seu coração, e respondeu hesitando e fingindo um sorriso :

— Procuvo... a todos principalmente, minha senhora.

— Se a sua resposta não fosse uma evasiva, ella me poderia parecer pouco lisonjeira.

— Teria eu a desgraça de desagradar-lhe?

— Oh! de modo nenhum; mas entre tantas pessoas, muitas das quaes lhe devem ser indifferentes, me parece que os seus olhos mesmo instinctivamente poderiam procurar alguém com especialidade.

— Minha senhora, eu sou um estouvado e uma cabeça doida! mas, segundo a deliberação do Sr. Christiano, estes dias de festa que gozamos pertencem ao dominio das extravagancias, e portanto estou no meu elemento, e ainda mais no meu direito.

— Sr. Americo, eu tenho o prazer de conhece-lo ha tantos annos, quantos tem exactamente de idade!...

— Tanto peor para mim; debaixo de um ponto de vista sómente, bem entendido.

— Como?

— É que segue-se d'ahi que a Sra. D. Gabriella

tem sido testemunha de todas as minhas crianças e loucuras.

— Não era isso o que eu queria dizer.

— É o mesmo, minha senhora.

— Nada, nada, não é o mesmo; porque o que eu desejava significar-lhe é exactamente o contrario d'isso.

— O contrario?... querem vêr que eu sou tido em conta de homem de juizo?...

— Ou melhor ainda...

— Devéras, minha senhora!

— Sim; na conta de um homem de honra.

— Americo ficou sério.

— Sr. Americo, continuou Gabriella, o coração do homem ainda moço é um livro, que por mais que se esconda, póde sempre ser lido pelo olhar de uma mulher: os mancebos nunca são sufficientemente dissimulados para esconder de todo o sentimento que lhes enche o coração. A mocidade não sabe mentir; apesar d'ella, é sempre mais ou menos transparente.

Americo começou a empallidecer.

— Desde tres dias que o senhor ri mais do que costuma, brinca, zomba e folga com um ardor que nunca mostrou, apesar do seu genio; pois bem,

jámais o senhor esteve mais triste, jámais brincou e folgou com menos vontade; o seu rosto representa o contrario do que se passa no seu coração : o senhor soffre!

— Mas, com que fim estarei eu enganando aos outros e a mim mesmo?... animou-se a perguntar Americo, que principiava a sentir-se vivamente incommodado.

— Oh! aquella mulher mysteriosa, que aqui appareceu hontem á noite, explicou tudo isso com uma unica palavra : o Sr. Americo finge rir, finge-se alegre, instigado pelo unico defeito do seu character.

— Qual é elle, minha senhora?

— O seu orgulho.

— Vejo bem que o meu orgulho está na ordem do dia : eu proprio sonhei com elle a noite passada.

— Sr. Americo, rogo-lhe que não zombe.

— Estou sério e grave como um ministro de estado, minha senhora.

— Quero dizer de onde principalmente provém esse orgulho, que é um verdadeiro senão no seu bello character.

Americo prestou attenção.

— O senhor sabe que um grande infortunio presidio o seu nascimento ; não conheceu seu pai, nem sua mãe, não tem um nome de familia, e vê bem no que se passa no mundo, que esse facto, que é apenas um erro dos pais, é muitas vezes transformado em uma injuria para o filho!

Americo transformára a pallidez de seu rosto em um vivo rubor de vergonha.

O mundo injusto, máo, e cheio de prejuizos, mata ás vezes as nobres aspirações do homem, cujo nascimento é um mysterio, com a recordação d'esse facto, que póde ser tudo, menos um crime, ou uma simples falta do filho ; e ao mesmo tempo esse mundo assim tão exigente dobra humildemente sua cerviz ao homem de grande fortuna ou de brilhante posição, qualquer que tenha sido o seu berço ; pois bem, o senhor vio o mundo assim, e quiz que elle se não risse do seu infortunio : e para isso o que faz?... primeiramente ri e zomba d'elle ; não se abate diante de ninguem, porque a ninguem pede cousa alguma ; rejeita qualquer favor que possa parecer uma protecção.

— Senhora ! disse Americo levantando nobremente a cabeça, tenho tido protectores, e ainda não rejeitei d'elles um só beneficio...

— Um só homem tem tido o direito de fazer-lh'os... É o Dr. Benedicto, e esse porque?... porque desde a sua infancia o habituou a olhal-o como um pai e unico protector.

— E esse me basta; entretanto, ainda não dei a nenhum dos meus amigos o direito de me considerar ingrato.

— Amigos?... e a quantas pessoas concede o senhor esse nobre titulo?...

— A poucas, é bem verdade.

— Oh! pois eu desconfiava que, á excepção do Dr. Benedicto, ninguém mais...

— Minha senhora, em que conta então tenho eu sido recebido n'esta casa?... o que se suppõe de mim?... serei eu por ventura tão pequeno que não possa dar á Sra. D. Gabriella o titulo de minha amiga?...

Gabriella apertou vivamente a mão de Americo e proseguio :

— Agradecida, muito agradecida ; eu precisava bem ouvil-o responder-me assim ; mas agora consinta que lhe diga : o seu orgulho não lhe permite comprehender, nem desempenhar bem todos os officios e todos os sacrificios d'amizade.

— Terei eu merecido uma tão forte e dolo-

rosa reprehensão?... perguntou Americo surprehendido.

— Ainda não; pôde porém em breve vir a merecê-la; e vou provar-lh'o com o mais simples raciocinio.

— Eu a escuto, minha senhora...

— Se amanhã, por exemplo, a fortuna por um de seus caprichos o elevasse á mais alta posição, e pelo contrario reduzisse a meu marido e a mim a um estado de verdadeira miseria; e se amanhã o senhor se apresentasse em nossa pobre casa e nos dissesse : « achei meu pai, e tenho já um nome, e tenho já posição e riqueza; vós sois pobres; mas amo vossa filha, e venho offerecer-lhe a minha mão e o meu nome.

Americo sentio que todo seu sangue refluia-lhe para o coração. Gabriella continuou :

— E a esse nobre offercimento meu marido respondesse : « não vos dou minha filha; vós sois rico e ella é pobre; não quero que um dia lhe lanceis em rosto a pobreza de seus pais, e,

— Senhora!...

— Responda, Sr. Americo : que lhe parecia a resposta de meu marido?...

— Minha senhora, eu não comprehendo.

— Se meu marido lhe bradasse : « senhor! vós me insultais! vindes offerecer-me uma esmola? »

— Senhora, em tal caso eu teria sómente offerecido o meu amor, e jámais uma esmola.

— E meu marido?...

— Ah! elle teria sido muito injusto fazendo um tal juizo de mim!

— E por consequencia o Sr. Americo se queixaria com razão do orgulho de Christiano; oh! é, pois, o orgulho um bem máo e perfido conselheiro, não é assim?...

Americo abaixou a cabeça e murmurou :

— O meu orgulho é de outra especie, senhora.

— É mil vezes peor ainda, senhor! mil vezes peor ainda; porque, escravo d'elle, o senhor nos confunde a nós seus amigos com os vaidosos e soberbos; porque, escravo d'elle, não sabe pagar com verdadeira confiança a estima em que o temos; porque, emfim, não nos conhece, não nos comprehende e não nos sabe fazer justiça!

— Mas que fiz eu?... em que pude eu offender meus bons amigos?...

— Senhor! persuade-se acaso de que a meus olhos de mãe e ao zelo paternal de meu marido tenha escapado o sentimento que lhe transborda

do coração, e que apesar seu se lhe está lendo nos olhos?

— Como?... o que quer dizer?... perguntou Americo estremecendo da cabeça aos pés.

— Senhor, meu marido e eu desde muito sabemos que o senhor e minha filha se amam!

— Senhora, eu juro por minha honra...

— Sei tudo; nada preciso que me jure: sei que minha filha ainda não lhe ouviu uma palavra que não pudesse ser dita em presença de seus pais: mas nós, mas eu e meu marido, que desde muitos mezes descobrimos e acompanhamos os progressos d'esse amor que bem vemos, que nossa filha também lhe paga; porque, diga, porque não despedimos de nossa casa, porque não fechamos a porta ao homem, que em seu orgulho se suppõe somenos da felicidade que aspira?...

Americo pretendeu responder e não achou uma palavra!

— Oh! não comprehende que os pais de Adrianna abençoam o seu amor, e acham perfeitamente digno d'ella o homem de sua escolha?

Americo sentio que seus joelhos se dobravam; Gabriella o susteve e continuou:

— E entretanto a sua cabeça se revolta contra

o seu coração! o seu orgulho se levanta contra o seu amor! accitando os conselhos d'esse orgulho máo e perfido, odeia uma felicidade que póde ser sua, e que será também nossa; quer primeiro crear um nome e uma posição, encher um cofre de ouro, como se nós devessemos vender nossa filha a uma posição e á riqueza!...

— E eu senhora, e eu? exclamou Americo.

— O senhor? tem o senhor a culpa de que Adrianna seja rica?...

— Senhora, o homem pobre tem por unico thesouro o seu coração e os seus sentimentos, e deve cuidar muito que não venha nunca a mais leve suspeita pôl-os em duvida.

— Sempre orgulho!... e nem ao menos repara que com o seu máo e perfido orgulho levanta uma barreira diante da felicidade d'aquelles que o estimam!

Americo sentio-se abalado por um sentimento novo para elle : era ao mesmo tempo prazer e desespero que tinha n'alma; queria possuir um throno para offerecel-o n'aquelle instante a Adrianna.

Gabriella comprehendeu que era chegado o momento de pôr um termo á sua conversação com Americo.

— Sr. Americo, disse ella; não occupei a sua attenção por tanto tempo, nem tratei de assumpto tão sério e importante sem motivo : era o senhor quem se devia chegar a nós ; mas, pois que o seu orgulho lhe embargou os passos, nós nos chegamos ao senhor ; em nome de meu marido e no meu proprio, devo declarar-lhe que nós abençoamos de todo o coração o amor que tributa á nossa Adrianna.

Gabriella ficou callada á espera talvez de uma palavra, e vio que Americo pretendia em balde responder, porque chorava : ambos felizmente estavam bastante affastados do resto da sociedade, para que a commoção de Americo escapasse dos olhos dos curiosos.

— Está bem, concluiu Gabriella alegremente; eu me dou os parabens, porque vejo que o seu orgulho se está desfazendo em lagrimas.

— Ah! senhora! disse Americo, sinto que hoje se abriu para mim a porta do céu, e se eu não chegar até junto dos anjos, é porque sou um reprobado!

— Provavelmente é aquelle o anjo a que se refere, respondeu Gabriella mostrando sua filha que

entrava na sala pelo braço de Benedicto; dê-me o seu braço; quero leval-o para perto d'elle.

Americo, tremendo de alegria e de emoção offereceu o braço a Gabriella.

XXIII

O ÉCARTÉ

Emquanto o Dr. Benedicto conversava com Christiano e Gabriella, e depois, durante toda a conversação de Benedicto e Adrianna e de Gabriella e Americo, Frederico e Fabiana continuavam a jogar com uma constancia e um interesse visiveis!

Às vezes uma ou outra pessoa se approximava da mesa, sem que por isso um só dos dous jogadores se distrahisse.

Christiano, um pouco desconfiado pelo que lhe dissera o Dr. Benedicto, se conservára a alguma distancia conversando e entretendo seus hospedes; mas sempre com a sua attenção pendente do interminavel *écarté*, e nem uma só vez pôde

perceber um descuido, uma simples distracção n'aquella mulher e n'aquelle homemque, segundo Benedicto, fingiam apenas jogar.

Fabiana jámais voltára um rei, que se esquecesse de lavrar o seu tento, e de sua parte Frederico não cedia a palma á sua competidora no cuidado e empenho que mostrava no jogo.

— É impossivel, pensou consigo Christiano; é impossivel que haja no mundo quem com tanta paciencia e sangue frio se occupe em enganar os outros! aquelles dous sujeitos jogam muito simplesmente, e não cuidam em outra cousa n'este momento.

Entretanto Christiano se illudia, e era, como sempre, victima de sua boa fé!

Frederico e Fabiana mostravam jogar sériamente, mas pouco ou nada se importavam com o resultado do jogo : emquanto Benedicto não apparecêra na sala, conversaram ambos com cuidado e em voz baixa sobre a questão que mais os interessava, lançando os primeiros fios de uma rede infernal, na qual pretendiam fazer cahir Adrianna; desde, porém, que o medico entrou na sala, sua conversa cessou, e trocando apenas monosyllabos, que a todos pareciam relativos ao jogo, obser-

vavam imperceptivelmente o seu terrível adversario, não perdiam um só de seus movimentos, e como que pretendiam beber no ar que respiravam as palavras que á distancia se diziam aquelles que eram objecto de sua infatigavel e dissimulada observação.

Tanto trabalho para occultar projectos que a moral seguramente reprovava, tão estranho procedimento no seio de uma familia honesta e boa, só se podia explicar da parte da mulher pelo odio, e da parte do homem talvez pela paixão.

O odio era com effeito quem inspirava Fabiana; mas não era a paixão o que cegava Frederico.

Expliquemos o odio da mulher.

Fabiana tinha sido bella, vaidosa, ardente e estouvada; em seus annos de moça alimentára a sua vaidade com os incensos de quantos apaixonados quizeram verter a seus pés ternuras sinceras ou fingidas; louca, como todas as loucas que a ella se assemelham, não se lembrára nunca que os annos fogem rapidos, que as graças murcham, e que os erros da juventude são pagos depois pelos remorsos da idade decadente. Fabiana marcou seus passos no mundo, quando fôra moça, por imprudencias, que serviram de objecto ás cen-

suras, e ás vezes ás calumnias da maledicencia : vangloriára-se de contar um numero excessivo de adoradores, ao tempo em que cada mancebo elegante vangloriava-se tambem de contal-a no numero de suas conquistas passageiras : o coração de Fabiana perverteu-se; ainda quando todos eram accordes em admirar sua belleza, duvidava-se já que houvesse quem fosse verdadeiramente amado por ella, e pudesse sem receio, e quasi sem pejo, unir seu destino ao d'ella. Emfim, despertára Fabiana de seus sonhos de vaidade, e lembrára-se de que lhe era preciso um protector e um amigo : um irmão de Gabriella concebêra então por ella a mais vehemente paixão ; Fabiana pareceu tambem pagar com ardor o sentimento que inspirára ; o hymeneu devia em breve fazer a sua ventura, quando um homem terrivel levantou-se entre ella e seu amante, como uma barreira insuperavel.

Esse homem foi o Dr. Benedicto.

Benedicto, honrado e bom, mas severo até o extremo, julgava Fabiana criminosa, quando ella era apenas estouvada e imprudente. Amigo devotado do irmão de Gabriella, lançou-lhe em rosto esse amor que elle considerava loucura, e

á força de conselhos e de observações ponderosas, conseguiu vencer a paixão do amigo e impedir o casamento de Fabiana.

Desde essa época Fabiana votou o mais profundo odio ao Dr. Benedicto.

Talvez que Benedicto houvesse contrariado e ferido o unico amor que em toda a sua vida sentira Fabiana; pois que, tendo-se casado o irmão de Gabriella d'ahi a algum tempo, Fabiana offereceu ao mundo o escandalo de ostentar á face d'elle essa paixão, que já era criminosa, pois que o seu objecto não podia mais corresponder-lhe sem offensa grave das leis divinas e humanas.

O mundo fallou, e chegou mesmo a morder com sua boca de serpente a fama de Fabiana; porém ella não recuou, não se dobrou diante do mundo senão alguns annos depois, quando emfim se casou com um excellente homem, de quem ficou viuva no fim de alguns mezes.

Muitos annos passaram, e de todas essas recordações do passado não ficaria uma unica saudade no coração de Fabiana; ficou-lhe porém inalteravel e insaciavel o odio que votára ao Dr. Benedicto!

Não lhe sendo possivel ferir directamente o

homem a quem detestava, Fabiana determinou feril-o em um objecto que lhe era caro. O Dr. Benedicto amava extremosamente Americo; havia mesmo quem pensasse e dissesse que o mancebo era seu filho: a victima foi portanto bem escolhida; faltava sómente a occasião para ser descarregado o golpe, e a occasião tambem finalmente se mostrou azada.

Nos olhos de Americo e de Adrianna lia-se um amor que a todos se desvendava, e que só os dous jovens julgavam um segredo que cada um d'elles encerrava zeloso no seio. Fabiana comprehendeu que esse amor era abençoado por Benedicto e protegido pelos pais de Adrianna; vio no casamento de Americo com a filha de Christiano uma felicidade immensa para o seu inimigo, e projectou embaraçar essa união, e tornar-a impossivel, para vingar-se de Benedicto.

Fabiana tinha uma longa escola de intriga e de perfidia; não lhe faltaram, pois, os meios para fazer a guerra premeditada: precisava de um homem habil que se apresentasse como rival de Americo, e acertou de pôr em campo Frederico, a quem soube deslumbrar com a perspectiva da riqueza da filha e unica herdeira de Christiano;

tinha ainda necessidade de uma pessoa que desacreditasse Americo na opinião de Adrianna, e collocou inseparavel ao lado d'ella sua propria sobrinha, que se fingio namorada feliz de protegido de Benedicto.

O orgulho e o genio ardente, e talvez extravagante de Americo, completavam os recursos de que dispunha Fabiana.

Eis-ahi, pois, a origem e os effeitos do odio d'essa mulher.

Mas agora cumpre dizer que não era a paixão o que cegava Frederico.

Estudemos o character d'esse homem para explicar o seu procedimento.

Tendo perdido seus pais aos vinte annos de idade, Frederico vio-se de repente senhor de uma fortuna colossal : bem depressa, esquecido dos conselhos paternaes, entregou-se todo á vida do luxo, das dissipações e das loucuras : na companhia de mancebos estouvados e perdidos, para quem a moral é sempre chimera e o gozo a unica realidade, Frederico deixou apagarem-se uma a uma em seu coração todas as generosas tendencias que a educação havia alli plantado.

Rico demais para não ser ocioso, quando tinha

tanta liberdade em idade tão verde ainda, não soube, nem quiz, nem pôde trabalhar ; deu ao jogo as horas que roubava ás mulheres, e as horas que lhe restavam do jogo, gastou-as em banquetes e orgias.

Começando por frequentar a sociedade de mulheres faceis e perigosas, encorajado e prevenido por victorias mal ou fingidamente disputadas, Frederico julgou todas as mulheres por aquellas que tinham marcado seus triumphos nos seus primeiros dias de perdição.

Essa idéa falsa e indigna, que rebaixava a mulher, que punha em duvida eterna a sua pureza, e que a tornava escrava impudica do homem, cerrava o coração de Frederico aos sentimentos de um verdadeiro amor.

Julgando tão mal das mulheres, elle não podia ser o amante nobre e honesto de nenhuma d'ellas : o seu papel estava marcado pelo seu erro e pela sua depravação : Frederico não foi mais que um seductor.

Gastando a mãos cheias a riqueza que herdára, pôde vencer fingidas virtudes, e quando muitas vezes parou diante da honra e da innocencia, sua vaidade revoltada, em vez de render cultos á ho-

nestidade, vociferou contra ella, e negou insolente sua existencia, como o atheo nega Deos diante de suas proprias obras.

O vicio gastou ao mesmo tempo os thesouros e o coração de Frederico : no fim de alguns annos elle acordou pobre e infeliz ; não tinha mais riquezas para offerecer á dissipação, e nenhuma affeição nobre e pura para consolal-o no mundo ; tinha o vacuo no seus cofres e gèlo no coração.

Desde essa época correu desesperadamente á miseria e á vergonha ; foi pedir aos usurarios alimento para seus vicios, individou-se com a certeza de não ter com que pagar a seus credores ; mas comprehendeu bem depressa que esses mesmos recursos desapareceriam em um dia, que não podia estar longe, e que a sociedade egoista e desmoralisada, que o pervertera, teria de fechar-lhe suas portas quando elle não tivesse mais ouro para dar-lhe.

Foi n'estas circumstancias que Fabiana mostrou a seus olhos o brilhante futuro, que esperava ao esposo de Adrianna. Frederico sentio-se abalado com a idéa de tornar a ser rico ; a formosura da filha de Christiano, suas graças e suas virtudes apenas tocavam de leve seu coração ; mas o jogo,

o luxo e as orgias lhe mostravam a riqueza da bella moça como uma fonte de novos e ardentes gozos.

O seductor, o homem pervertido, não amava : a paixão portanto não cegava Frederico.

Elle queria ouro e mais nada.

Fabiana trabalhando para sua vingança, Frederico trabalhando para seus vicios, observavam pois aquelles que podiam contrariar seus projectos, e premeditavam tramas infernaes para conseguir um triumpho, que seria por certo o sacrificio de uma victima innocente.

A conversação cerrada e cuidadosa de Fabiana e Frederico tinha-se suspendido, como dissemos, á entrada do Dr. Benedicto na sala ; mas suas breves palavras que um ao outro rapidamente se diziam, os dous vigiando seus adversarios, mostram bem que jogavam menos do que conspiravam.

Quando o Dr. Benedicto se chegou a Christiano e Gabriella, e começou a fallar, Fabiana tinha dito :

— Elle nos observa... cuidado... falla de nós... ouvi o nome de Adrianna...

— E tambem o seu, accrescentou Frederico.

— Está olhando para nós...

— Voltei o rei, e ganharei a partida! exclamou Frederico em voz alta.

— Veremos... disse sorrindo Fabiana.

Algum tempo depois continuaram :

— Questionam... o pai hesita... o nosso inimigo teima... Gabriella cede...

— Cede ao que?

— Veremos...

— Eis Adrianna...

— O Dr. Benedicto deu o braço e começou a conversar com Adrianna.

— Que lhe irá dizer?...

— Elle tem um ardor infernal nos olhos...

— Vai passear junto de nós : silencio.

— Perderá a partida, Sr. Frederico?... perguntou Fabiana em voz alta.

Minha senhora, ainda tenho as cartas na mão, e protesto jogar até o fim.

Depois elles viram Americo entrar na sala e Gabriella dirigir se alegremente para elle :

— Está vendo, minha senhora?

— Sim, o jogo se complica.

— E portanto...

— Querem que o Sr. perca a dama.

— Joguemos sempre.

Fabiana deu as cartas, e á medida que jogavam, se foram dizendo :

— Fallam tão baixo !...

— Conspiram...

— Como nós.

— Mas elles estão de melhor partido.

— Porque o senhor hesita como um...

— Imbecil... não é assim?...

— Não : como uma criança.

— Oh ! mas é para hesitar...

— Quem não se expõe não ganha.

— Pois vou expôr-me, exclamou Frederico ; triumpho com o rei !

— Eis ahi, respondeu Fabiana ; entrego-lhe a dama ! ganhou porque se expôz.

Finalmente, Gabriella, que era acompanhada por Americo e o Dr. Benedicto, que dava o braço a Adrianna, approximaram-se.

Frederico e Fabiana ouviram as palavras da esposa de Christiano, e viram Adrianna passar para o lado de Americo.

— Então?... disse Fabiana.

— Tudo está perdido.

— E hesita ainda ?

— Não : é tempo de jogar a ultima carta.

— Esta noite! murmurou com voz surda a vingança.

— Á hora que fôr marcada, respondeu o vicio no mesmo tom.

E no dar as cartas os dous se apertaram as mãos, como sellando o pacto nefando e mysterioso que acabavam de celebrar.

O Dr. Benedicto tinha razão : Frederico e Fabiana não jogavam, conspiravam.

E o seu plano devia ser terrivel, porque ambos haviam levemente estremecido apertando as mãos.

FIM DO 1º VOLUME